

Si te delectant aeternae praemia vitae

Magna quidem nec te terrat ergo labor.

Para a arvore florecer na Primavera, hade primeiro passar pelos rigores do Inverno. A rosa, Rainha das flores, naõ ostentaria na Primavera as bizarrrias de formosa, se no Inverno naõ padecera a roseira as calamidades das tromentas. Naõ se conseguem grandes negocios senaõ á custa de grandes trabalhos, porque naõ nasce a rosa inveja das flores, senaõ das espinhas; nem a herva Moly, mais medicinal de todas, se tira senaõ do profundo da terra a preço de muito suor; porque naõ quiz a natureza, que custasse pouco, o que aproveitava muito. Naõ se acha fruto na arvore, em que naõ appareceo primeiro a flor, nem na velhice a honra, e riqueza, se na mocidade naõ houve trabalho.

Conta *Panormitano lib. 2. dos Feitos del Rey D. Affonso*, que reprehendendo-o Matheus Siculo, porque sendo Rey, trabalhava por mãos proprias, respondeo, que sem trabalho naõ havia gloria, e que Deos naõ dera as mãos aos Reys para outro fim. Trabalhem, fuem os Ministros, e logo conseguiraõ bom nome, que naõ o deraõ os Deoses immortais ao descanso, e Luxo, mas vendem as honras por grandes trabalhos, e suores. A gloria, que ganharaõ aquelles nove Heróes, a quem a fama sentenceou por mayores do mundo, David, Josuè, e Judas na Ley Escrita; Alexandre, Heytor, e Julio Cesar no Gentilismo; Carlos Magno, Arturo, e Godofredo de Buhão na Ley da Graça, naõ foy grangeada senaõ á custa de grandes traba-

lhos, e diligencias; e porque augmentaraõ as diligencias, e trabalhos, entre todos os mortais se coroaõ por mais excellentes de todos; porque costuma crescer a gloria á medida dos trabalhos, como escreveo *Ovidio de Arte amandi*, e *Horacio de Arte Poetica*.

Concluimos, que os Ministros haõ de ser muy diligentes, e laboriosos, para que sem damno das partes, e das suas consciencias, possaõ administrar a justiça, e reger o governo das Republicas; para o que será muy necessario, que cada hum tome à sua conta a carga com que poder; porque assim como as plantas com agua moderada se criaõ, e com a immoderada se suffocaõ, assim o animo com trabalho moderado se ajuda, e com o immoderado se perde: quem toma á sua conta muitas cousas, arisca-se a fazer nenhuma; porque o que se applica a muitas cousas, he forçoso que o sentido seja menor para cada huma dellas, como disse *Quintiliano*: *Non in multa simul intèndi totus animus potest*; ou como disse *Aristoteles*: *Difficile est simul multa conspicerè*.

Concluimos mais, que o viver em o ocio, naõ he viver com descanso, mas com fraqueza de animo, conforme *Seneca*: *In otio jacere non tranquillitas, deliquium est*; ou como cantou o Poeta *Ovidio*, he o ocio huma viva representação da morte, em que perdem as potencias as suas operaçoens:

Stulte, quid est somnus, gelidae nisi mortis imago?

E aos que vivem desta sorte, dizemos com o mesmo Poeta:

Longa quiescendi tempora fata dabunt.

Que deixem o torpe descanso, sepulchro de honra, e fama, e que se applicuem

pliquem ao trabalho ; porque lhe advertimos com Seneca, que no trabalho acharão todas as riquezas, no trabalho se lhes offerecerão todas as delicias, o mesmo trabalho lhes será descanso, a mesma occupação ocio : *Omnium dōmos illius vigilia defendit, omnium otium labor, omnium delicias industria,*

*Virtutem posuere Dii sudore parandam,
Fac nua, quae sint, caetera linque Deo.*

L I C V M XVII.

Da Cortezia, e Affabilidade.

NÃO ha entre todas as humanas prendas quem faça mais venerados, e estimados os homens, que a cortezia, que he segundo *Aristoteles lib. 4. Ethicorum* huma sociedade jocosa com moderação ; nem que os faça mais bem vistos, que a affabilidade, que he huma virtude, com a qual se ha o homem no que diz, e falla nas conversações delectavelmente com todos. Estas duas virtudes são o feitiço de mais força para ganhar as vontades, para cuja prova bastaõ os olhos, e as mãos, que tocaõ cada dia esta experiencia. Hum senhor com o chapéo na mão, e com a affabilidade nas palavras, ganha para a cabeça coroa, e póde dar ciumes a hum Rey em o applaudido do Povo, e dos Cavalheiros ; e o contrario lhe grangéa o nome de grosseiro. Torcéo Absalam ao fim impio, e detestavel os agrados de affavel, e cortez, e depois disso foi taõ poderosa sua efficacia, que levantou exercito numeroso contra seu pay. Dos contrarios faz amigos a cortezia, e a affabilidade, e os modifica. para que gostem de sello ; e sendo, como he, forçoso o comereio entre os homens, e mais entre os Ministros, nenhum estudo julgamos por mais necessario, e util, que o das leys da cortezia, porque a Republica dos

omnium vacationem occupatio : pezaõ, que necessariamente deve carregar sobre os Ministros, porque a sua vigia he guarda dos mais, o seu trabalho descanso, a sua industria lhes consegue as delicias, a sua occupação lhes prepara o ocio :

brutos em nada se distinguira na dos homens, se a cortezia, que falta a quelles, não fizera gostosa, e pacifica a comunidade destes.

Ver-se-ha melhor acreditada a urbanidade em o desprezivel da grosseria, contraria sua, que em a formosura de si mesma ; porque como advertio Tertuliano, não poucas vezes o vicio he eloquente mestre, pois por apartar-se o homem da fealdade, que lhe desagrada, nelle se passa ao bando contrario, e se encontra com a virtude, que he a que mais dista do vicio ; e por isso refere Quintiliano, que a maldade descobre o valor da virtude : *Virtus quid sit malitia detegitur*. Com valentia esereveo contra o vicio da descortezia *Plutarcho in Trajano, e Aristoteles no I. das Ethicas* ; e para melhor se considerar, olhe-se para huma Republica, donde todos são Reys, desdenhando as sumissoens de vassallos, donde o official regatêa tirar primeiro o chapéo ao senhor, o igual affecta nescia superioridade ao companheiro, o inferior desmente com as presunpções o sello. Esta Genébra em que se distingue do Inferno ? que não he outra cousa mais, que huma descortez ordem.

O Céu tem fundado em as cortezias o seu descanso ; e tivelle o Anjo apóstata este, ou outro motivo, he certo, que a acção foi descortez, pois, como notou São Bernardo, quiz ter cadeira para estar affentado, estando

estando em pé os mais Espiritos, seus companheiros na nobreza. Não coube hum descortez no Céu, nem o poderão sofrer os Anjos; pois que lugar esperaõ ter os homens? Quanto he de offensiva, e damnosa ao mesmo, que quer sobre-fahir por soberbo, sua grosseira, tanto he interessado o comedimento, porque a ninguem aproveita mais hum homem cortez, e honrado, que a si mesmo; como escreveo *Plutarcho in Trajano*, que tomou taõ bem os conselhos, que sendo accusado, que esquecido da dignidade Imperial, se mostrava com todos demasiadamente affavel, e cortez, respondeo, segundo *Bruf. lib. 3. cap. 4.* que tal se mostraria Imperador para todos, qual quizera que todos fossem para elle.

Nescio he quem não sabe, que o ser homem honrado está em fazer a honra, e não em recebella; porque mais honra he receber honra pelo beneficio que se faz, que retornar graças pela mercê que se recebe; pois o que se adianta na cortezia, faz seu devedor ao outro, e elle fica por acreedor de seu respeito; logo melhora partido o mais cortez; mas como a honra que se dá a outro, não se póde dar a si; porque tirar-se hum homem o chapéo a si mesmo, fazendo cortezia, era dar-se por privado de juizo: logo, se fazendo-se a outro a cortezia, se ganha a que se faz a si, vem-se a lograr com o que a si era inutil, toda a honra que lhe fazem. Com todos falla esta Lição, mas com os Ministros mais. A todos se haõ aventajar nos obsequios aos superiores, porque de mais de ser razaõ de estado ter ganhado a mão de poderosos, ganhando-lhes pela mão, não cobrarão delles o que se lhes deve de graça, se elles primeiro não executarem o que lhes devem de justiça: aos iguais, porque honrando-os, se honraõ tambem a si, e ensinaõ aos desiguais, ou de melhor qualidade, o respeito, que lhes haõ de ter a elles

com o que guardaõ aos companheiros; aos que são menos, tambem se haõ de adiantar nas honras; e ainda que pareça cruel politica, he necessaria; porque o nobre tem mais que perder, que o plebéo, e se expoem a hum perigoso desaire, não adiantando-se com a cortezia; porque de hum homem baixo não he bastante despique huma descortezia por outra, e para se haver de reduzir sempre o desagravo à espada, são necessarias de escolta muitas vidas; porque he grande o numero dos descortezes, e nem sempre chegaõ primeiro às pontas, que a razaõ esgrime.

He a virtude da cortezia, e affabilidade não só Christãa, mas milagrosa, que faz cada dia prodigios, resuscita honras defuntas, dá qualidades, porque sabe ganhar tantos amigos hum comedimento cortez, que cerra as bocas para os desdouros, e as abre para os louvores; e pelo contrario a grosseira as fecha para os applausos, e as abre para as murmurações. O mesmo he ver hum homem descortez, e descomedido, que apregoar por infame a lingua o que não chegaraõ a ver os olhos. Não bastarãõ mil testemunhas de sua nobreza para desmentirem as notas, que com suas grosserias estampa no seu nascimento; nem todas as mais prendas bastarãõ a fazer amado, ao que por descortez chegou a ser aborrecido. A Telecro perguntou seu irmaõ Ephoro a razaõ porque todos os Cidadãos o amavaõ, e aborreciaõ a elle; e diz *Plutarcho in Laconicis*, que lhe respondera, que era porque elle Telecro se havia com todos com muita affabilidade, e cortezia, e elle Ephoro com todo o descomedimento. A Cicero pareceo muy impossivel o poder dizer o quãto grãgea huma affabilidade cortez: e affim no *liv. 2. de Officiis* diz, q muito difficuloso he de se dizer o quãto attrahê os animos a cortezia, e affabilidade das palavras.

Virtudes são estas tão necessárias, que até os Principes necessitão dellas para a sua conservação, como conheceo muy bem Amurátes II. e VII. Imperador dos Turcos, o qual fallando com seu filho Mahomét, lhe disse: *Quem deseja ter os criados leais, hade negociar isto com affabilidade, verdade, e liberalmente; pois com mentira, odio, e crueldade nenhuma cousa se ganha com os vassallos, os quais sendo governados com aspereza, não sofreraõ muito o jugo de hum Senbor aspero, e soberbo.* ElRey Antígono, vendo a seu filho tratar com descomedimento aos seus, nota *Eliano lib. 2.* que lhe disse: *Por ventura, filho meu, ignorais, que o reynar he mais que huma nobre servidaõ: An ignoras Principatum nostrum esse splendidam servitutem?* Plinio no *Panegyrico a Trajano* assenta, que póde ser possível, que seja hum Rey aborrecido sem aborrecer a nada, porém que será impossível que possa ser amado sem que ame. De Alexandre Magno escreve *Rodiginio lib. 24. cap. 6.* que sahindo ferido em hum conflicto o Capitão Lisimacho, tirou Alexandre da cabeça a diadema, que segundo dizem os Authores, era huma touca á maneira de turbante Turquesco, e a rasgou para tomar lhe o sangue, e atar as feridas; e estando em outra occasião ao fogo, vio hum soldado velho tiritando de frio, e movido de seu animo Real, o tomou pela mão, eo assentou no seu mesmo lugar, e administrou fogo para se aquentar; cafos, que considerando *Valerio Maximo lib. 3. cap. 1.* exclama, que senão deve admirar, que com tão pouca gente fizesse tantas façanhas. Octavio Imperador era tão affável, que quando entrava, e sahia do Senado, tratava os Senadores com tanta cortezia, e affabilidade, como se fossem seus iguais; e sabendo que hum estava doente, sem querer comer, se foy a sua casa consolallo. Do Imperador Mar-

co Aurelio se escreve, que nunca permittio, que nenhum de sua guarda estorvasse os que lhe queriaõ fallar, e que negociando com qualquer, lhe dava assento á mão direita, estando com cada hum tão de conversação, como se fosse hum particular amigo. De Theséo se conta, que por ser affavel, e cortez, lhe fizeraõ os Athenienses hum sepulchro, não só riquissimo, senão que era asylo inviolavel dos malfeitores. De Melciades se escreve, que era tão affavel, e cortez, que não havia na Cidade homem, por mais humilde que fosse, a quem negasse a sua conversação; e o mesmo se escreve do Capitão Epaminondas, do Imperador Pertinaz, de Alexandre Severo, e de Adriano; que aborreciaõ os que negavaõ nos Principes a affabilidade, com pretexto de que a Magestade do Imperio se havia guardar em toda parte. De Trajano, que chegava a rasgar suas proprias camisas para se curarem os soldados. De Cyro, que nunca já mais soube dizer palavra aspera, nem defabrida. De Agefiláo, de Espurio Melio, e Marco Manlio, dos quais escreve Quintiliano, que padeceraõ grandes suspeitas de se levantarem com o Imperio. De Constantino Magno, de quem se escreve, que era de tanta cortezia, que muitos Embaixadores se deixavaõ ficar na sua Corte, por não se apartarem de sua presença. De Recaredo, de quem lemos, que com sua affabilidade, e cortezia ganhou de tal maneira os animos, que persuadio a todos a deixarem a infame feita de Arrio, que havia duzentos annos que estava em Hespanha.

Mais adiante passaraõ os nossos Serenissimos Reys, em quem he tanta a affabilidade para com os seus vassallos, que ElRey D. Joáo I. quando levantou o cerco de Torres Vedras, levou hum cego nas ancas do seu cavallo, ou segundo outros, o mandou pôr nas ancas da mula, em que D. Nuno Alvares Pereira hia, para que não

naõ ficasse no campo exposto aos rigores do inimigo. DelRey D. Joaõ II. sendo persuadido, para que mandasse despovoar hum lugar de suas Conquistas, respondeo: *Que tenbo que fazer a tantos filhos, como neste lugar estaõ:* O mesmo, morrendo-lhe o Principe D. Affonso seu unico filho, disse, que entendia, que lhes tinha feito Deos grandes merces, porque naõ era seu filho para governallos. ElRey D. Joaõ III. sabendo que D. Antonio de Noronha era vindo da India taõ pobre, que se recolheo em hum Cõvento por naõ ter com que se sustentar, o mandou chamar, e lhe deu a Capitania de Diu, e dinheiro para seus gastos. ElRey D. Sebastiaõ, indo para Xabregas, lhe sahio huma mulher ao encontro para lhe despachar huma petiçaõ, dizendo: *Corre perigo a minha honra em a demora;* e vendo-a, pediu aparelho para escrever, dizendo: *A cousas desta qualidade em toda a parte se ha de deferir.* ElRey D. Joaõ II. se montou a cavallo, e passeou pela rua Nova hombro com hombro com hum Cavalheiro, para que este podesse achar huma partida de dinheiro de que necessitava. ElRey D. Joaõ I. estando certo Fidalgo doente com indicios de veneno, e recusando beber ourina, que era o remedio que lhe applicavaõ os Medicos, o foy ver, e para o obrigar a tomar o medicamento, a provou primeiro. Põde chegar a humanidade de tais Monarchas a mayor ponto? Põde-se encarecer suavidade de condiçaõ, affabilidade de animo mais que estas? Naõ por certo. Verdadeiramente nada se maravilhará das façanhas que os nossos Serenissimos Reys fizeram, fazem, e farão com taõ pouca gente, nem do valor, que nella ha, pois he espanto do mundo, nem do que com a mesma emprenderaõ, e acabaraõ; pois amandonos os Serenissimos Reys como filhos, os amamos como pays; e com esta confiderraçaõ se consolou ElRey D. Joaõ de

Castella naquella admiravel batalha de Aljubarrota, dizendo, que se naõ admirassem de que sendo o seu exercito taõ numeroso, venceffe o nosso, pois era impossivel ser vencido hum pay de dez mil filhos, e com a mesma se resolveo a Rainha Catholica D. Isabel aceitar antes a paz, que a guerra, que a escolher lhe offerencia ElRey D. Joaõ II. respondendo aos que a persuadiaõ à guerra, por ser Senhora de mais vassallos, que os seus eraõ vassallos, e os de Portugal filhos.

Aos que governaõ, ou no Politico, ou no Militar, he muy necessaria a cortezia, e affabilidade, para que sem medo, e pejo lhe requeiraõ as partes sua justiça, e para que suas causas sennaõ percaõ ao delamparo, mas hajaõ bom, e breve despacho, o que naõ faraõ, se forem asperos, e desabridos; porque os homens estimaõ de ordinario mais a sua honra, que a sua fazenda, e mais facilmente deixaraõ, perder esta, do que exporem-se a risco de verem-se descompostos por hum Ministro descomedido; e por isso com justissimo acordo recomendaõ as nossas Ordenaçoens aos Ministros o acolhimento das partes, e castigaõ severamente estas faltas. Naõ he para ser Ministro, o que naõ he affavel. A Philippe Rey de Macedonia disse huma mulher, que se naõ era affavel, e cortez para ouvir as partes, que naõ fosse Rey. O mesmo disse outra a Adriano, como escreve *Plutarcho in Morali.* A Démonax perguntou huma pessoa, a quem se tinha encarregado o governo de huma Provincia, o como a poderia reger, e governar commodamente; e diz *Publio Maximo lib. 9. Aphop.* que lhe respondera, que fallando pouco, e ouvindo cortezmente.

Ministros ha, q̄ fazẽ estudo em serem desabridos, e descomedidos cõ as partes, cuidando, que tanto lhes fazem de cortezia, tanto perdem de respeito, e que

que quanto lhe fazem de descortezias, tanto accrescentaõ de authoridade, sem advertirem, que a affabilidade grangêa amor, o descomediamento odio; falta, que de ordinario se experimenta mais nos mal nascidos porque como tem a honra postiga, em qualquer occasiaõ cuidaõ que lhes cahe, querendo conseguir pelo aspero, o que desmerecem pelo nascimento. Naõ anda á caça de honras, quem as tem por natureza; nem procura rendimentos humildes, e obsequio a quem se devem por justiça. Laercio *lib. 5. cap. 89.* escreve, que sendo estranhado a Aristipo o lançar-se aos pés de Dionysio Tyrano, para alcançar d'elle hum favor, dissera: *Naõ he a culpa minha, mas de Dionysio, que para fazer justiça, he necessario que as partes lhe fallem aos pés;* mas todos estes são taõ tyrannos, e taõ mal nascidos, como Dionysio.

Concluimos, que os Ministros publicos haõ de ser cortezes, e affaveis, mas com advertencia, que naõ pequem em demasiada cortezia, ou affabilidade, de sorte que causem desprezo; e para o que se devem estimar muito a si; porque diz Plinio, que nunca são desprezados os que primeiro a si se naõ desprezaõ; nem haõ de ser taõ lhanos como Julio Agrippa, de quem escreve Tacito, que por sua muita lhaneza buscavaõ nelle sua fama sem a acharem; nem taõ defabridos como Asluéro, que ninguém ou sou ver-lhe a cara sem turbar-lhe, de maneira que até a formosa Esther o naõ podia ver sem desmayos, como consta *do cap. 15. Esther.* sendo sua mulher. E tambem que os homens devem fazer muito por naõ perder ponto de cortezia, que em toda a parte foy sempre estimada com applausos, e a falta della censurada com opprobrios, como escreveo D. Francisco de la Torre de hum, que a ninguém tirava o chapeo, nem se inclinava a pessoa alguma, e por isso

motejado de todos:

Texado es fixo el sombrero
Del juizio en la casa fragil,
Mas la casa se te llueve,
Y el juizio se te sale.

Edificas sobre el juizio,
Y en el tienes la madera,
Y edificas a las gentes,
Si esse pezo es penitencia.

L I Ç A M XVIII.

Da Experiencia, Exercicio, e Industria.

HE a Experiencia hu peculio, que faz a memoria das cousas, que ou pela leitura, ou pela ouvida, ou pela vista estampam nella o entendimento com alguma raciocinaçaõ. E o Exercicio he huma applicaçãõ a couza que pertence de fazer, á qual chama Fulgencio, conservaçãõ da vida, lima do calor natural, e exercitaçãõ da natureza adormecida; inimigo do ocio, lucro do tempo, divida da mocidade, e gozto da velhice. E a Industria he huma occupaçaõ honesta com cheya noticia della, adquirida com o frequente exercicio, que segundo *Plinio Senior*, he mestre de todas as cousas: *Usus efficacissimus rerum magister*; ou hum engenho d'alma, como qual fortificado hum sugeito, facilmente exercita a agudeza do entendimento em todas as cousas decentes, a que *Aristoteles lib. 1. Moral.* chama parte da prudencia; porque a sciencia de todas as cousas cada dia cresce, e cobra mayores forças com o uso dellas, assim como com a falta d'elle se perdem as adquiridas, disse *Plinio*: *Difficile teneres, que acceperis, nisi exerceas*; e como afirma Tulio, ainda os preceitos da arte mais infima se perdem, quando se naõ exercitaõ: *In omni disciplina infima, infirma est omnis artis perceptio sine assiduitate exerci-*

exercitationis. Na experiencia principiaraõ todas as sciencias, diz Virgilio:

-----*Usus facit esse magistros.*

Per varios casus artem experientia fecit,

Exemplo monstrante viam-----

Usum quisquis habet, grande iuvamen habet.

Nenhuma occupaçaõ necessita de mais experiencia, exercicio, e industria, que a do governo. Mais importa, diz *Patricio in Proœmio de Regno*, o uso das cousas, que succedem cada dia em paz, ou em guerra, que quantos documentos daõ os sabios; e por esta razãõ ouvindo *Hudamidas* dizer a hũ *Philosopho*, que só o sabio era bom Capitaõ na guerra, disse segundo *Plutarcho in Laconicis*, que *Philosopho* fallava bem, porém que naõ merecia credito; porque lhe faltava a experiencia, e o exercicio; e *Damèdes* sendo perguntando, a q̄ Mestre devia a doutrina, que sabia, respondeo, conforme *Estobes Serm. 27.* que ao tribunal dos Athenienses, ensinando, que para os governos era a experiencia o melhor mestre; doutrina, que dictou *Plutarcho* dizendo, que ensinava bem a arte da guerra, o que muitas vezes se tinha experimentado nella: *Bellandi peritiam decent, qui sepè militant.* Perguntaraõ a *Antigono*, qual seria o melhor Capitaõ do seu tempo, e qual merecia lugar entre os primeiros, e respondeo, como escreve *Plutarcho na vida de Pirrho*, que *Pirrho*, se houvera chegado a ser velho, e á idade ajuntasse a experiencia: e *Paulo Emilio* sendo instado por *Masica*, que acometesse logo os inimigos, diz *Plutarcho in Laconicis*, que respondera, que assim o fizera, se fora de sua idade, mas que a experiencia, e exercicio de muitas cousas lhe tinha ensinado a usar dellas a seu tempo.

Os Romanos, mestres de todo o governo Politico, naõ admittiaõ para Ministros superiores os que primeiro naõ tivessem cursado pelos ex-

ercicios inferiores; porque naõ sabiaõ mandar nos maiores os que naõ aprenderaõ a mandar nos menores, e a obedecer aos superiores. *Julio Cesar* primeiro foy soldado na *Asia*, que subisse ao Imperio em *Roma*. Mais se requiere no Ministro Politico o uso, e experiencia dos negocios, que a sciencia; e neste sentido fallou *Quintiliano*, quando disse, que mais aproveitava, o uso das letras, que letras sem uso: *Plus usus sine doctrinã, quàm doctrina sine usu valet;* e *Seneca* ensina, que para alcançar perfeito conhecimento das cousas, he precisamente necessaria a experiencia: *Ad notitiam cujuscumque experientia opus est;* e quando esta se conforma com os preceitos da arte, logo as cousas se fazem com acerto, como ponderou *Quintiliano*: *Tunc bene venit cum præcepta, & experientia conveniunt.* No militar he mais necessario o exercicio, que as forças; e porque se deiraõ ao uso das armas desde meninos *Henrique IV. Rey de França*, *Gustava Adolfo de Suecia*, *Mauricio Nassãõ*, e *Carlos de Lovania*, foraõ grandes soldados; e por esta razãõ estimavaõ os Romanos tanto os soldados veteranos, que só pela idade, doença, ou crime os despediaõ da guerra; e os *Patricios Romanos* ensinavaõ seus filhos desde meninos a andarem nella.

Aristoteles lib. 1. Rhetoricorum affirma ser necessario, que os que trataõ negocios publicos, sejaõ experimentados, e praticos, e por esta razãõ diz *Gelio lib. 3. cap. 18.* que os Senadores de *Roma* admittiaõ em as consultas as pessoas, que haviaõ servido os officios publicos, para que a

lha noticia, e experiencia fizesse mais capaz ao Senado; acção digna de perpetua imitação em os Ministros publicos, que querem acertar, os quais se devem informar em os negocios com homens praticos delles para ajustarem melhor as conveniencias, ou inconveniencias das materias, e para se fazerem capazes dellas, e conhecerem claramente a utilidade, ou prejuizo do que lhes consultaõ; porque he de Ministros ambiciosos não communicar, nem conferir seus pensamentos com os inferiores em adignidade, se são superiores na intelligencia, nem quererem admittir advertencias de outros, por parecerem sabios, e admiraveis ao Povo, esquecidos de que o saber, e ter memoria de tudo, he mais de divino, que de humano, e que muitas vezes vale mais, e he mais acertada a opiniaõ de hum homem humilde, que a de muitos sabios, como refereo *Justiniano na L. 2. Cod. de veteri jure enucleando*, e lhes succede ás avesãs; porque da sua igno-

rancia não so lhes resulta opprobrio seu, mas damno publico com que o Povo se altera, e como cam raivoso, morde a pedra, senão póde morder a quem a tira. O Imperador Carlos V. costumava dizer, que sempre via, que as consultas dos Ministros, que entendiaõ os negocios, eraõ boas, pela sua intençaõ, e prudencia com que as faziaõ; e que eraõ tambem bons para Conselheiros os que tinhaõ sciencia, e experiencia do que tratavaõ, porque facilmente resolviaõ o que convinha fazer-se. Vicio he, que acompanha a ignorancia, ter cada hum para si que sabe tudo o que aconselha, disse Quintiliano: *Maximum ignorantiae malum est credere eum scire quid moneat*, sendo certo o que diz Suetonio, que não ha engenho tão agudo, que não tropece em ignorancias, e caya muitas vezes nos erros: *Stultitiam nemo fugit*, nem nenhum, que conceda ventagens; e por isso Marcial disse:

*Aurum, & opes, rara frequens donabit amicus,
Qui vellet ingenio cedere, rarus erit.*

Na guerra escreve *Vegecio de re militari lib. 2.* que he preciso o exercicio, e experiencia dos soldados; porque nella mais vezes se alcançaõ victorias pela arte, e exercicio, do que pela multidaõ dos soldados, e esforço indisciplinado, aos quais diz *no l. 1. cap. 9.* que se devem principalmente applicar a correr, para que com mayor impeto acometaõ o inimigo, e occupem com presteza os lugares mais accommodados, e explorem com brevidade, e finalmente o alcancem na fugida com mais facilidade. Não consentia o Imperador Pirrho ver soldado ocioso, dizendo, que o soldado não devia comer o pão ocioso, e que os exercitos com os exercicios, e trabalhos se aproveitaõ, e com o ocio se perdiaõ; e por esta ração se lê,

que Scipiaõ Numantino, Domicio Cordubo, Colon Segundo, Saladino, Sultaõ do Egypto se empenhavaõ em exercitallos, e por esta causa conseguiraõ estupendas victorias. O ferro com o uso relplandece, o animo com o exercicio se fortifica. O ferro se não usa, gasta-se da ferrugem, o animo se senão exercita em os negocios, se entorpece. Mais póde o exercicio, que a mesma natureza: *Efficacior est ad res honestas exercitatio, quam natura*, disse Plutarcho. He o ocio inimigo da vida, e o exercicio a sustenta, disse *Aristoteles lib. 2. Ethicorum*; e Socrates sendo perguntado para que passeava tanto, respondeo que para poder melhorar.

Tambem resulta a experiencia de haver

haver visto muito, não só lendo, porém andando pelo theatro do mundo. *Fradique Furio de consilio discurs. 6.* diz, que os Conselheiros dos Principes haõde haver visto muitas Provincias, principalmente as de seus vizinhos, e contrarios, informados do governo dellas em paz, e em guerra, do amor dos vassallos a seu Rey, e em tre si mesmos, seus humores, e Fortalezas; porque o que no mundo faz os homens mais capazes, he sahirem de suas Patrias, e peregrinarem por terras estranhas, como o haõ feito tantos homens; porém hade ser com tenção de não mudar sómente o terreno, mas a pessoa; que quem peregrina acompanhado de si mesmo, e das falsas opinioens que levou de sua casa, mais valera não sahir della, pois tornara mais perdido, que aproveitado. O peregrino vay adonde achará cada dia novos costumes, e os deve seguir, e approvar; pois he mais razão accommodar-se a toda huma nação, que querella accommodar aos costumes de sua Patria. Hade pensar que vay obedecer ás leys, que achar estabelecidas, e não a dallas; que vay aprender, e não a ensinar; e peregrinando com este fim o Theologo, notará varios cultos da verdadeira religião para defendellos, e das falsas para impugnallos: o Jurista as leys, decretos, usos, e costumes municipais de cada Provincia, e cada Cidade, para vir a ser prudente Juiz: o Medico conhecerá a differença das praticas da sua arte em todas as naçoens, as mudanças dos climas segundo a região donde se acha, as hervas, e simples de cada huma, para curar ao depois com mais acerto: o Mathematico a industria das maquinas de que usam algumas naçoens: o Politico se hade informar de todo o governo das Cidades, da qualidade, e authoridade dos Magistrados, do numero, e fórma delles, das immuniades, e privilegios dos subditos, da utilidade, e damno

que delles se póde seguir, das riquezas dos Reys, Republicas, e Estados livres, das forças por mar, e por terra, do governo na paz, e na guerra, dos aliados, e suas intelligencias, dos interesses que têm para conservar-se, e finalmente de que Ministros se servem; que isto he peregrinar com aproveitamento, e tirar experiencias para os acertos.

Esta doutrina ensinaraõ Homero, e Virgilio, fingindo hum, que Ulisses, e outro, que Eneas, Varoens, heroicos peregrinaraõ o mundo, sem perdoar ao Inferno, donde havendo descido, conheceraõ em aquelle abyssmo alguns dos que penavaõ; e não ferá pouco proveito, que os Ministros baixem com a consideração a este lugar, e considerem se haverá nelle alguns companheiros infieis a seu Rey, e ao bem publico, por torcerem a justiça, e enganarem aos Principes, antepondo seus interesses à fidelidade, e verdade devida a seus officios. Não he este conselho fabuloso, moralizado de Homero, e Virgilio, senão do Espirito Santo, que disse por *David Psalm. 34.* Desçaõ os vivos ao Inferno, porque he muito melhor descer vivos, que mortos: descendo vivos, ha boa sahida com proveito certo da jornada; e estaõ cerradas suas portas para os que descem mortos. Por falta desta consideração, e com modo tremendo se faz a estes miseraveis morte sem morte, fim sem fim, falta sem falta; porque a morte sempre vive, o fim sempre começa, a falta, e defeito nunca falta: a morte mata, mas não extingue a dor, atormenta, e de nenhuma maneira affugenta o furor, a chamma queima, mas de nenhuma sorte desfaz as trevas, escreve *San Gregorio lib. 9. Moralium.* No Inferno não ha redempção, porque o que for condemnado, e sumergido naquelle lugar, não sahirá d'elle. No Inferno não ha redempção, porque alli não ha amigo, nem parente, que possa dar honras,

dinheiro, e riquezas, que agora ajuntão os avarentos, vendo os pobres perecer às mãos da pobreza, fome, sede, e desnudéz, e que ao depois lhe não podem dar algum refugio; donde chorando com grande amargura, dizem: *Que nos aproveitou a nossa soberba de que nos aproveitaraõ, e serviraõ as nossas honras, e dignidades, de que nos prestaõ as nossas riquezas, e deleites carnis? Tudo passou como sono, como sombra, como fumo, e como senão fossem; e nós estamos condemnados a castigos eternos.* No Inferno não ha redempção, porque ha alli gemidos, e suspiros, e não ha quem se compadeça delles: ha dores, prantos, e choros, e não ha quem os ouça, escreve *Santo Agostinho no Serm. aos Eremitas.*

Desçamos pois todos em quanto vivos ao Inferno com a consideração, e desçaõ os Ministros publicos, que necessitaõ mais desta experiencia, e a to-

*Ut niger in niveum nulla reddit arte colorem,
Spectat ab inferno sic nulla via retro.*

Concluimos, que os Ministros se haõde buscar os mais experimentados no ministerio para que se criaõ, de maneira, que nenhum se hade preferir aos que haõ servido naquella occupação muito tempo, se seus merecimentos, experiencia, exercicio, e industria senão aventajarem por outros: porque só entaõ neste caso se poderãõ antepor; porque não estaõ fugeitos a esta ordem os que merecem antepor-se aos primeiros, quando os que se adiantaõ em os officios, lhes mostraõ sumissaõ em a experiencia, reconhecendo, que he destes de justiça o lugar, que pertende occupar, pois sem

Practica est pluris, quam tota scientia juris.

mem em cabeça alheya, para se moderarem de forte em todas as suas paixões, que justamente possaõ merecer o premio de Ministros de Deos, o que conseguiraõ, se trouxerem na memoria aquelle intoleravel frio, aquelle inextinguivel fogo, aquelle insoportavel fedor, aquellas palpaveis trevas, aquelles tremendos azorragues, aquella horrenda vista dos demonios, aquella confusão dos peccadores, aquella desesperação de todos os bens, com que espera o Inferno a todos, que esquecidos de suas obrigaçoens, correm á redea solta pelos largos campos de seus deleites: e finalmente a eternidade daquellas penas, e a perpetua morada em lugar taõ horrendo, donde he taõ difficuloso torcer o passo, e fugir aos tormentos, como he mudar as essencias das cousas, e converter-se o negro em candido, o insensato em sensitivo, como cantou Wem:

do os outros superiores no tempo, os respeitaõ, e reverenciaõ como escreve *Cassiodoro lib. II. Epistola. 8.* mas tirar da escola o Ministro para a Judicatura, ou Tribunal, o militar para a Gineta, ou Governo, sem primeiro a experiencia os graduar por dignos da occupação; he de acerto condemnado por todos os Politicos, e pela mesma experiencia, que em vingança do desprezo, mostra cada dia irremediaveis danos, ocasionados pela mesma lhes faltar com seus soccorros; e por isso he entre os Latinos vulgar o proloquio:

L I Ç A M XIX.

Do Exemplo.

NÃO bastaráo todos quantos requisitos temos considerado, nem havemos considerar, para que a fama se resolva a graduar por perfeito a hum Ministro, e ainda a hum particular, se com as mais prendas não fizer inseparavel ligada a virtude do exemplo, sem o qual difficulosamente se podem ostentar couzas grandes, como escreve *Platam lib. 16. de regno: Arduum est absque exemplis res magnas ostendere.* O exemplo encomendou muito Christo Senhor

nosso aos Discipulos por *São Mat. cap. 5.* e a todos por *São Pedro Epistola 2. a Deos por Job. cap. 17.* e por Salomaõ no *cap. 24. dos Proverbios*, e não se esqueçeraõ as nossas Ordenaçoes de o apontarem nõ principio do *primeiro livro.* Tambem este riquisito se deve achar nos Ministros publicos, os quais devem ser taõ excellentes aos mais, como o Sol aos mais Astros, porque assim como este communica aos mais Astros suas luzes, assim aquelles devem resplandecer sobre todos nas virtudes, que sejaõ vistos como excellente exemplar, em que os subditos se vejaõ; assim o cantou o Poeta Wem:

*Aspiciat lucem qui vult damnare tenebras,
Qui carpit mores, sit sine labe prius.*

Os filhos não enthesouraõ para os pays, mas estes para os filhos; assim os Ministros tanto devem ser mais excellentes que os subditos, quanto lhes são mais superiores nos officios. Ninguem repara nas pedras, nem póde ver as que os edificios tem por dentro, mas todos advertem nas que se vem por fóra; assim nas Republicas senaõ attende á vida de cada hum dos particulares, porém todos olhaõ, e examinaõ a dos publicos Ministros, como espelhos para regerem por ellas suas vidas, como escreveo o Summo Pontifice no *c. Qualiter 23. de accusationibus.* São os Ministros publicos nas Republicas exemplares, por onde copeaõ os subditos os exemplos, e regras de sua vida, para que sendo-lhes semelhantes em os costumes, se façaõ lugar em as suas vir-

tudes, e adqũiraõ algum direito a seus favores, segundo Plinio no *Panegyrico a Trajano*, e tambem porque todos desejaõ igualar-se com aquelles de que estaõ taõ distantes, e desiguais na authoridade, e poder; e por esta razãõ escreve *Cassiodoro lib. 5. Epist. 14.* que não devem peccar os Ministros publicos, assim porque os vicios igualam tudo o que manchaõ, e não he razãõ que se vista de huma mesma cor o accusado, e o Juiz, antes deve o que hade julgar a outros, primeiro examinar se em si acha a mesma culpa, pela qual deve condemnar ao outro, de que nasceo aquelle celebre adagio: *Qui alium repræbendit, se primum castiget,* que agudamente traduzio *Wem lib. uno Epigr. 121.*

*Cum fueris censor, primum te crimine purga,
Nec tua te damnent facta nefanda reum.
Nec tua contemnas, aliena negotia curans:
An tibi te quisquam junctior esse potest.*

E traduzio D. Francisco de la Torre com não menos agudeza, discorrendo deste modo:

*Si eres Juez recto, primero
Examina bien tus causas,*

No te condemnen tus obras
 Con las agenas infamias.
 No desprecies tus emiendas,
 Cuidando de otras estrañas,
 Que más junto a ti no ay otro
 Que tu, para ver tus faltas.

Como porque mais peccaõ os Minif-

*Peccando peccare docens, hic peccat & in se,
 Qui reus est, & in hoc quos facit esse reos.*

Ham-se os Ministros nas Republicas, e nas familias o pay dellas, como se hano corpo humano o estomago; porque assim como não póde enfermar este, sem que as mais partes do corpo padeçaõ, assim não podem ser viciosos aquelles,

*Si studia, & mores populi cognoscere curas,
 Res facilis vitam Principis inspicias.*

Mais offende huma ruga na cara, que grandes maculas no mais corpo. Os vicios nos Ministros, e grandes, são rugas na cara, que a todos se manifestaõ, porque a fortuna grande a ninguem se esconde, na sentença de Plinio o Moço: *Magna fortuna nihil occultum patitur*; e por isso com justa razão escreveo Santo Ambrosio, que aquelle, que a outros deve reger, e governar, deve resplandecer tanto nas virtudes da inteireza, gravidade,

*Omnis inanis abit viduata oratio factis,
 Et ducit quevis actio verba in opus.*

Não ha eloquencia, que tanto persuada, como o exemplo; porque qualquer acção ouvida commove menos que vista, ou seja porque nasceraõ os olhos mais perto do coração, ou por-

*Segnius irritant animos demissa per aurem,
 Quam que sunt oculis subjecta fidelibus.*

Que glossou D. Antonio de Soliz nos quartetos, que se seguem:

Aunque la eloquencia inlista,

tros publicos, e pays de familias no exemplo, que na culpa; porque peccando, ensinaõ a peccar, e não só são reos pela culpa propria, mas tambem pelos reos que fazem, pelo máo exemplo, com que os excitaõ a peccar, como engenhosamente disse certo Poeta:

sem que a Republica, e a familia padeça evidente risco de enfermar dos mesmos vicios; donde com muita razão cantou Wem os versos seguintes:

e todas as mais, que a si mesmo se depára espelho em que os mais componhaõ suas accoens, sendo na vida honesto, no conselho util, nas obras irreprehensivel: *Talis debet esse, qui consilium alteri dat, ut seipsum formam præbeat ad exemplum bonorum operum in doctrina, in integritate, in gravitate, ut sit ejus sermo salubris, at que irreprehensibilis, consilium utile, vita honesta, sententia decora*:

que rodêa a razão quando vay pelo ouvido; pelo que disse bem Horacio, quando no livro de *Arte Poetica* nos deixou escrito os dous versos seguintes:

Exagere, y persuada,
 Qualquier accion escuchada,
 Comove menos que vista.

Olos ojos han nascido
Mas cerca del coraçõn,
O rodea la razon
Quando vá por el oido.

Razaõ, porque tanto mais se levantaõ os homens nas dignidades, quanto mais devem crescer no exemplo. Naõ basta que luzaõ para si os que tem obrigação de allumiar a outros.

A virtude dos particulares póde ser como pedra preciosa, e como raiz de arvore, como mineral secreto, e como thesouro escondido; porẽm os Ministros publicos, e pays de familia haõ de ter virtudes publicas, e secretas; porque para persuadir, tem o exemplo mais rhetorica eloquencia, que as palayras, que no juizo de Wem saõ desnecessarias aonde sobraõ obras:

Sermones crebri morum sunt signa malorum:

Nam quid opus verbis est, ubi facta vides?

Mais poderosa maõ tem o exemplo, que sempre lhe agradaraõ mais os que que o preceito; e talvez que esta fosse a razaõ, pela qual escrevesse Wem, que sempre lhe agradaraõ mais os que ensinavaõ obrando, que aquelles, que persuadiaõ dizendo:

Hi mihi Doctores semper placuere, docenda

Qui faciunt plus, quàm facienda docent.

Pastor est Anglorum doctissimus optimus ergo:

Nam facienda docens, ipse docenda facis.

Naõ bastaraõ todas as leys para reformar hum Povo, nem todos os castigos para emendar huma Republica; e obraraõ o exemplo dos Ministros, que governaõ, para que todos vivaõ reformados. A Solõn perguntou Diogenes, como poderia hum homem ser

bom Governador, e Ministro publico; e refere Plutarcho, que respondera, que fazendo primeiro em si, o que procurar fazer nos outros; donde com justa razaõ, naõ menos aguda, que engenhosamente, escreveo Wem:

Exemplo virtutis bene dicitur, atque docetur:

Qui dare mihi suadet, pauperibus sua det.

Desejava Alexandre na oppugnação de Tyro entupir hum grande fozço: anhelava Vespasiano refazer o Capitolio: pertendia Nero em Achaya furar, e romper o monte Istmo, e encontraraõ sempre grandes difficuldades, e contradicções aos seus intentos; mas resolutos em os profeguir, foraõ os primeiros, que pozeraõ mãos á obra, e o que naõ poderaõ conseguir á força da eloquencia, virão em breve tempo bem logrado tudo o que desejavaõ; porque a seu exemplo trabalharaõ todos de maneira, que concluireã em breves me-

zes, o que senaõ acabaria em dilatados annos. He o Gallo Embaixador da Aurora, porque apenas divisa entre as sombras da noite os primeiros preludios do dia, cantando alegremente, avisa aos mais viventes, que despertando do somno, se levantem a aproveitar-se do dia; e para que suas vozes naõ desdigaõ das suas obras, he o primeiro, que batendo as azas, e sacudindo as pennas, sahe a lograr o bem que annunciava em seu canto, a cuja imitação, diz Wem, que o que quizer mover a outrem, se deve primeiro mover a si:

Nun-

*Nuncius Auroræ prius ut se suscitetur ipsum,
Quàm reliquos alas, explicat ante suas;
Gallorum ritu verbi sic præco feracis,
Ut moveat alios, te moveare prius.*

O Ministro, e o pay de familias, que quizer ver bem logrados seus intentos, use mais de obras, que de palavras; que a Aguia para fazer voar seus filhos, primeiro que elles dá mil voltas, voando ao ninho: o Leão para ensinar seus filhos ás prezas, os leva aos montes, e as faz primeiro. Pouco importará, que o Ministro,

Prelado, ou pay de familias mande bem, se obrar o mal; porque desmentindo com o que obra, o que manda, contradizendo-se, ensina a desobediencia aos subditos. Suspeitas tem de máo, o que faz o contrario do que manda; porque se he bom, deve mandallo, e fazello; se máo, nem fazello, nem mandallo:

Turpe est Doctori, quem culpa redarguet ipsum.

O imperio manda, o exemplo obriga. Rende o juizo do subdito para fazer o que vê que obra o superior: *Exemplo imperio docetur, quod prius agitur, quàm dicatur.* Não ha ley mais poderosa, que o exemplo; porque faz doce a fugeição a outro homem. Manda Christo Senhor nosso a Lazaro, que resuscite, e resuscita só Lazaro. Morre Christo Senhor nosso, e resuscita, e resuscitando, resuscitaõ todos; a razaõ desta diffe-

rença he clara, porque quando resuscita Lazaro, o manda Christo, e quando resuscita Christo, o faz o mesmo Christo; e vay tanta differença de fazer a mandar, que quando Christo manda, resuscita só hum homem, e quando Christo obra, resuscitaõ todos; he pensamento de *San Joam Chrysostomo homilia 63. ibi: Qui resuscitat jubendo unum, resurgendo in se resuscitat omnes:*

*Denique quid verbis opus est, spectemur agendo,
Ore loqui docti, & virtute offendere facitis.*

O imperio do exemplo decifrou em breves palavras Tulio, quando disse, que o Magistrado era ley, que fallava: *Magistratus est lex loquens.* Será o Juiz ley que falle, fazendo o que deve, não dando rédeas á liberdade do poder, enfreado sua inclinação, senão he boa; será ley, que falle, se satisfizer com a pessoa o que deve ao officio: será ley, que falle, quando se vencer a si; que assim vencerá os mais: será ley, que falle, quando deixar correr a attenção ao aproveitamento commum, attendendo a que de ninguem he menos que de si: será ley, que falle, quando sem odio, amor, interesse,

ou temor executar a justiça: será ley, que falle, quando for todo para todos, e todo para cada hum; e com isto será mais felice a Republica, que for governada por Ministro, ou Prelado, que for ley, que assim falle, do que a que for regida por leys, que assim o mandem; porque no sentimento de Aristoteles, he mais felice a Republica meneada por hum Ministro bom, que a governada por leys, boas: *Melius est civitatem regi à viro optimo, quàm à lege optima.*

Alerta andaõ sempre os olhos do Povo nos superiores, que o governaõ, aos quais no sentimento de *Platam no lib. 16. de Regno* será coufa muy

sa muy difficultosa, que possaõ introduzir nos subditos com luzimentos cousas grandes, sem que o exemplo dos superiores os leve pelos braços a execuçaõ dellas: *Arduum est absque exemplis res magnas lucide ostendere;* e a razãõ he, porque mais facilmente cremos o que vemos, do que o que ouvimos, como disse Aristoteles: *Magis credere solemus quæ plurimis testimoniis confirmantur, exempla autem testimoniorum speciem gerunt, fides autem perfacilis est, quàm testimonium feceris;* porque á medida do que vem, cortaõ o modo de viver, como cantaraõ Claudiano, e Ovidio, e escreveo com largueza Solorzano *Emblema 26.* e assim de ordinario tal he o Povo, como os Ministros, que o governaõ, cujo exemplo he huma Rhetorica sem voz, que facilita o que manda. Bem poderãõ as leys castigar alguns, porẽm o exemplo sem ruido deita a perder, ou emenda a todos; bem o experimentou Roma no tempo de Alexandre Severo, e Vespasiano, porque este, por ser amigo

de letras, lhe deu estimaçaõ, e aquelle, por ser moderado, emendou com seu exemplo a destemperança de Roma; Grecia em a idade de Alexandre, e Aragaõ na del-Rey D. Affonso, que por ser hum por achaque, e outro por costume cabiflorto, naõ havia em a Corte quem naõ fingisse este defeito. Naõ ha regra mais certa, nem principio, que menos limitaçoens padeça, que ser tal o Povo, qual he o Superior, por sentença da mesma Sabedoria no *Cap. 10. do Eccles. ibi: Secundum Judicem populi, sic & Ministri ejus; & qualis rector Civitatis, tales & inhabitantes in ea;* e esta foi a razãõ porque *Platam lib. 4. de Republica* escreveo, que ao mesmo passo, que os Ministros desobedientes ás leys, perdiaõ as Republicas, as conservavaõ os observantes: *Magistratus, si custodes legum non sunt, omnem civitatem simul perdunt: contra verè, si verè custodes sunt, beatam efficiunt;* e naõ foy outra a razãõ, que teve Wem, quando escreveo:

*Rex regnat solus, cur non regit omnia solus?
Qui regit, & regitur, rectius ille regit.*

Quatro razoens assigna *Simancas no lib. 6. de Republica cap. 16. n. 1.* pelas quais devem os superiores peccar menos que os subditos: a primeira, porque os vicios dos subditos podem occultar-se, e naõ assim os dos superiores: *Unam, quod privatorum vitia occulta esse possunt, magistratum verò non ita:* a segunda, porque saõ mais graves os vicios nos superiores, que delinquem no officio, que os dos subditos: *Alteram, quod graviora sunt horum, quàm illorum peccata, præsertim si in officio delinquant:* a terceira, porque deve carecer de toda a culpa, o que por obrigaçaõ deve castigar os delinquentes: *Tertiam, quod qui aliorum crimina puniunt, hi carere debent omni labe:* quarta, porque

os superiores peccando, cõ seu exemplo incitaõ a peccar os mais: *Quartam, quod exemplo plurimum nocere solent;* e esta foy a razãõ porque *Plinio lib. 4. Epistolarum* disse, que assim como entre as corporais enfermidades, as da cabeça eraõ as mais perigosas, assim entre as doenças politicas ameaçava maior ruina a que da cabeça se communicava aos membros da Republica: *Ut in corporibus, sic in imperio, gravissimus morbus, qui à capite diffunditur.*

Com discreto acordo escreveo Joaõ de Wem, quando disse, que as culpas dos superiores, e pays de familias deviaõ ser punidas com pena dobrada, porque se a pena deve ser igual á culpa, sendo a destes dobrada, pois

peccaõ como os outros peccando, e reos de dous delictos, pede a razaõ em peccaõ mais que os outros, dando defaggravo de sua offensa, que pade com exemplo occasiaõ á culpa; pelo caõ duas penas os que commettem que com a culpa propria se fazem có- duas culpas: plices da culpa alheã, e como tais,

*Si proceres peccant, si peccavere parentes;
Exemplo, & sceleri pœna paranda duplex.
Sapè patris mores imitatur filius infans:
Qualis erit mater, filia talis erit.
Casta refert castæ genitricis filia mores;
Lascivæ nunquam filia casta fuit.
Et verbo, & factò pravis sit regula natis,
Optima sitque omni tempore norma pater.
Alter a natura est habitus; quam junior artem
Perdisces; tollet nulla senectæ tibi.*

Que traduzidos em Castelhana, dizem o seguinte:

Si peccaren los Magnates,
Porque iguaes leys valgan
Al exemplo, y al delicto
La pena hade ser doblada.

Los hijos al padre imitan
Costumbres buenas, o malas;
Como la madre viviere,
La hija vivirá sin falta.

Es otra natureza
El habito, y no me espanta,
Que el arte que moço aprendes,
Tengas en la edad anciana.

Concluimos, que os superiores haõ de ser muy exemplares, porque só deve persuadir aos outros, o que primeiro se persuade a si: *Aliis persuadeat, qui prius persuaderit sibi*; e injustamente o que mais vezes erra, reprehende ao que menos: *Injustè in eum peccat, qui peccat rarior*, disse Seneca. A vida dos superiores he regra por donde os mais de ordinario se governaõ, guia, que seguem os que a sua obediencia se fugeitaõ. Sendo virtuoso, terá livres as mãos para castigar os vicios: sendo forte, mais direito para reprehender os fracos: prudente, mais razaõ para vituperar os astutos: temperado, mais poder para

estranhar as demasias: sabio, mais capacidade para envergonhar os necios: forte mais authoridade para castigar os temerarios, e os covardes

L I Ç A M XX.

Da Inteireza, e Rectidam.

NAõ ha de passar sem exame a prenda da inteireza em os Ministros, porque nella consiste a faude dos subditos, como diz o grande *Concilio de Trento sess. 6. c. 1. de Reformatione*. Nella está a defenza da justiça. De pouco, ou nenhum fruto seraõ todas as mais prendas nos Ministros, se esta as naõ fizer sobrefahir, e por isso justamête arequer entre as mais a nossa Ordenaçã no principio do primeiro livro. Soberana virtude he esta em os Ministros publicos, com a qual se pelêja pela igualdade de que necessita a boa administração da justiça, e se guarda a inteireza, que nella se necessita. Em campo se poem em viva guerra contra o amor, odio, e favor, obsequio, poder, interesse, e sangue, inimigos declarados contra a virtude da justiça. O Sol com a mesma igualdade allumêa, e aquece a todos, sem que haja pessoa, que na repartiçã de seus lu-

luminosos rayos tenha mayor, ou menor quinhaõ. Como o Sol haõ-de fer os Ministros; pois para luzirem, e governarem, se criaõ nos Povos; e como Sol haõ-de repartir os luzidos resplandoros de sua justiça, sem que haja pessoa, que tenha mayor, ou menor parte em seu favor, sem excepção de pessoa: haõ-de aquentar, e premiar as virtudes, haõ-de abraçar, e castigar os vicios, para que possuão satisfazer ao que devem de justiça; e não sejaõ como aquelles, de que falla *Cicero lib. 2. de Oratione*, que julgaõ mais com odio, ou amor, cobiça, ou ira, dor, ou alegria, esperança, ou temor, erro, ou outro movimento do animo, do que com verdade, ou regra, forma, ou ley.

De todas as paixoes humanas se haõ-de despir os Ministros, para com inteireza satisfazerem ás obrigaçoens de seus officios. Haõ-de-se despir do amor, que he especie de furor, como diz o capitulo *Cum in juventute de presumptionibus*, e não sabe ter modo que o regule, como diz a *Authent. quib. mod. naturales efficiantur legitimi §. illud, Collaction. 6.* que priva, como vinho, do juizo, e faz aos homens mais capazes de obedecerem, do que de mandarem, Haõ-de-se despir do odio, que fecha os olhos à justiça, e encontra o mesmo direito natural, como diz o Consulto na ley *Ut vim, ff. de justit. & jur.* Haõ-de-se despir da cobiça, e interesse, que cegaõ os sabios, como diz o *cap. 23. do Exodo.* Haõ-de-se despir da ira, que atropella a razaõ; da dor, que aprizona o juizo; da esperança, que entorpece o discurso; da alegria, que embarça o entendimento; do temor, que prende a resolução; do erro, que desterra os acertos. Haõ-de-se despir da mesma carne, e sangue; que não vive a inteireza entre o sangue, e a carne; que assim o fizeraõ Bruto, e Manlio, condemnando á morte a seus proprios filhos para que não pe-

rigasse a liberdade da Patria, nem ficasse offendido o bem publico: Epa-minondas, que sem o respeito do sangue, e estimulo natural da propria carne, mandou castigar a seu proprio filho, por peléjar contra o seu preceito com os inimigos, sem embargo de que ficaraõ vencidos: Phociaõ Atheniense, que não quiz patrocinar no Senado, em que assistia, a seu genro Clarilao, accusado nelle pelo crime de receber dadivas, sendo Ministro publico, dizendo, que não era seu genro, não sendo justo, e inteiro: o filho de Fabio Maximo, de quem conta *Valerio Maximo lib. 6. cap. 4.* que estando ouvindo as partes, chegara seu pay acavallo, a quem vendo o filho, lhe mandou recado, que ou se desmontasse, ou se fosse; o que ouvido por Fabio, deiceo do cavallo, e correndo ao filho, lhe deu hum abraço, dizendo lhe: *Filho meu, sabes, e entendes o que he ser Ministro publico, e a estimação, que se lhe deve*

Haõ-de-se despir dos respeitos, inimigos os mayores, que teve sempre a justiça, e em nossos tempos os mais perseguidores della; porque nos Juizes não hade haver nenhuma accepção de pessoas, como se lê no *cap. 16. do Deuteronomio*, e no 19. do *Levitico* Hade cortar a espada da justiça sem que lhe emboté o fio, nem os valimentos dos poderosos, nem as lagrimas dos desvalidos; nem lhe asiem o córte o odio dos inimigos, nem adclasseificação dos contrarios. O golpe não se tira á pessoa, mas ao vicio, e não havendo differença nos vicios, não hade haver distincão nas pessoas. Conta *Dionysio in Trajanum*, que dando o Imperador Trajano ao Tribuno dos soldados huma espada, lhe dissera estas palavras: *Toma esta espada, e empunha-a por mim, se lembrado das minhas obrigaçoens, souber bem reger, e governar o meu Imperio; e contra mim, se esquecido do que devo, não souber dar inteiro comprimento ao que governo.*

Em nome dos pobres se queixa dos Ministros *Santo Isidoro lib. 4. de summo bono* dizendo, que o rico facilmente com dadas corrompe os Ministros, e o pobre, como não tem que offerecer, não só o não ouvem, mas anda contra a verdade o opprimem: queixa, que continúa *Innocencio lib. 2. de utilitate conditionis humanæ*, o qual fallando com os Ministros, diz: *Vós não attendeis ao merecimento das causas, mas ao das pessoas; não ás leys, porém as dadas; não ao que diéta a razão, mas ao que affecta a vontade; não ao que sente, mas ao que deseja; não ao que he licito, mas ao que mais vos agrada: nunca em vós estão assim tão simples os olhos, que esteja todo o corpo luzido, mas sempre reservais alguma cousa de fermento, com que corrompeis toda a massa: as causas dos pobres desprezais com ditadoens; as dos ricos tratais com toda a pressa: naquelles todos rigorosos, e com estes to-*

dos brandos: aquelles vedes com difficuldade; estes com facilidade: aquelles ouvís com negligencia, e estes escutais com cuidado; e se acaso tomais as causas dos pobres, as fomentais remissamente; e se as dos ricos, as ajudais pertinazmente: desprezais os pobres, honrais os ricos: para estes vos levantais com reverencia, e para aquelles a penas os olhais com desprezo. Clama o pobre, e nenhum de vós o ouve: falla o rico, e todos o applaudis, falla o rico, e todos vos callais, e as suas palavras publicais; e referis com espanto a todos: falla o pobre, e dizeis: Quem he este; e se acaso offendeo, o destruis. Clama o que padece força, e não ha quem o ouça, dá vozes, e grita, e não ha quem julgue: aos ricos dizeis: Vós, senbor, sentai vos muy bem aqui, e ao pobre: Tu está abi de pé, ou assentate sobre o banco dos meus pés:

*Commitunt eadem diverso crimina facta,
Ille crucem pretium sceleris, tulit hic diadema.*

Queixas são estas dos pobres, e verdade tão acreditada da experiencia, que cada dia a topamos: se hum rico mata, ou fere, sempre he em sua necessaria defeza, ou provocado da defenza de sua honra; mas se hum pobre por desgraça matou, ou ferio, sempre foy delicto voluntario. Se hum rico, ou poderoso deve, ou possue a fazenda alhea, sempre lhe pertence, ou por herança, ou por contrato; mas se o pobre deve, ou possue, sempre foy devedor moroso, e possuidor de má fé: as leys se fizerao igualmente para os pobres, e para os ricos; mas os executores sempre achao ampliaçoens, ou limitaçoens das leys para o favor dos poderosos, e neahumas para o amparo dos pobres. Se as leys são iguais na disposiçaõ para huns, e outros, porque não ha de ser a execuçaõ para todos a mes-

ma? Perguntado Solon, que cousa erao leys, respondeo, segundo *Lacercio de vita, & moribus Philosophorum*, que erao téas de aranha, que prendiaõ as fracas moscas, e rompiaõ os valentes animais; insinuando, que a execuçaõ das leys só cahia sobre os pobres, que não tinhaõ força para as romper, e rasgar como os ricos; com que conforma aquelle celebre dito de Pio II. que costumava dizer, que as leys erao santas, que enfreavaõ os homens licenciosos, porém que por nossos peccados costumavaõ fallar sempre com os pobres, e ler mudas para os ricos; e por esta razão pedindo os da Provincia de Erene leys a Plataõ, lhes respondeo, que lhes não dava leys; porque erao ricos; e disse outro, que os Juizes costumavaõ absolver os reos, e condemnar os innocentes:

*Impunes corvi, pereunt sine fele columbae,
Dives honoratur, pauper ubique jacet.
Dat veniam corvis, vexat censura columbas;
Quidquid delirunt reges, plectuntur Achivi.*

Principalmente sendo o superior avaro, e o reo rico; porque neste caso não tem que temer o reo, porque tudo

delle alcançará, quanto chegar á sua esperança, como elegantemente disse Wem:

*Cum reus est dives, Praetorem nactus avarum,
Quid non sperabit posse licere sibi?*

Para poderosos não ha leys; porque não ha para poderosos Juizes, e sempre estes fazem, o que aquelles que-rem, como disse Aristoteles: *Quod volunt potentes, agunt omnes.*

Naõ tenhaõ os pobres no juizo mais piedade, que os ricos, nem experimentem muito embora mais favores: mas corraõ nelle ricos, e pobres pelas mesmas regras, sem que de huns a outros se faça mais differença na execuçaõ, que aquella, que na disposiçaõ faz a ley; porque entãõ sofrerãõ os pobres com animo igual os mesmos castigos, que observarem executados nos ricos; porque segundo Seneca, poucos recusaõ dar o hombro ao pezo, que sobre todos igualmente carrega: *Ferre sortem, quam omnes patiuntur pauci recusant;* e esta he a igualdade, e inteireza, que Deos recomenda aos Juizes, e Superiores pelo *cap. 1. do Deuteronomio, e 19. de Levitico*; os quais hoje esquecidos da sua obrigaçaõ, se entregãõ todos ao castigo, e reformaçaõ dos pobres, sendo os ricos, e poderosos, os que de mayor refórma, e castigo necessitaõ; pois fiados nas suas riquezas, e no bom agasalho, que achãõ em os superiores, se animaõ, sem medo da pena, nem amor das virtudes, a executarem todas quantas insolencias advertem de dia, ou sonhaõ de noite. Muy vexada se achava a Cidade de Constantinopla no tempo do Imperador Justino, o qual para remediar a ruina, que a todo o seu Im-

perio ameaçava a licenciosa vida dos moradores de sua Corte, escolheo hum dos Ministros della para castigar os culpados dentro de certo tempo, concedendo-lhe pleno poder para este fim; e esperando-se naquella Corte hum geral estrago nos delinquentes, este bom Ministro se foy hum dia ao Palacio do Imperador, a tempo que com o mesmo se achava jantando hum grande estragado na vida, livre nas obras, licencioso nos costumes, o que vendo o bom Ministro, levantou a voz, e disse: *O Imperador, tu me mandas fazer justiça, e proceder com pleno poder contra os malfeitores; pouco importa a jurisdicãõ, que me destes, os poderes que me concedestes, se tua poderosa mãõ me não soccorrer; porque vejo com meus olhos homens injuriosos, não sãõ desprezadores das tuas leys, mas quebrantadores dellas ao teu lado, e á tua mesa; aos quais não posso castigar sem me assistires; e ficará baldado todo o poder, que me destes.* Ouvido pelo Imperador com admiracãõ o seu Ministro, lhe respondeo: *Faz o que te mandey, e executa as minhas ordens, que a teu lado me acharás sempre para te ajudar contra poderosos, e defender com todo o meu poder Real; e se necessario he que te acompanhe, parte que eu te sigo.* Recebida esta resposta, logo o Ministro com animo mais levantado, e com inteireza summa lançou os olhos para o Grande, e o mandou levar prezo ao lugar

lugar do juizo, aonde convencido de seus crimes, o condemnou a açoutes e em confiscação de todos os seus bens; e sendo executada esta sentença, se atormentaraõ todos de maneira, que dentro de breves dias se reformou a Cidade, sem que fosse necessario outro algum castigo; e recebeu a justiça vida, e a violencia, e vicio sepultura. El Rey de Siaõ, chamado o Negro, matava aos grandes, que com o poder faziaõ, o que sem elle não haviaõ fazer aos pequenos; exemplos dignos de ser imitados, porque se se castigarem com inteireza os delictos dos grandes, e poderosos,

bastará este castigo para que os pobres, e humildes se reformem de sorte, que não pareça nem ainda sombra da culpa, como succedeo no Imperio, e Reyno referido, e no nosso Portugal em tempo del-Rey D. Pedro o Justiceiro, cujo animo, e inteireza assim desterroo do Reyno os delictos, que morrendo, o choraraõ com grandes demonstraçoens de sentimento seus vassallos, dizendo que tais dez annos de governo não vira, nem havia de ver nunca Portugal, e que taõ inteiro Rey ou não havia nascer, ou não havia morrer:

*Qui consulta patrum, qui leges, juraque servat,
Quo multæ, magna que sequuntur iudice lites.*

Nenhuma Politica he mais poderosa para a conservação da sociedade humana, como a inteireza, e igualdade da justiça em castigar os máos, e remunerar os benemeritos, porque

entre estes dous pólos da humana vida, em quanto a igualdade luz, e a justiça reyna, florece a Republica: discretamente o cantou *Orpheo de Æquitate*:

*O' mortalibus, justitiaquæ opulenta desiderabilis,
Quæ puris sententiis semper jura administras;
Integra conscientia, quæ frangit omnes,
Trutinis violentis præter siluerunt immoderate:
Semper, quod nimium est, odisti, & æquitate gaudes,
Tibi sapientiæ, & virtutis totus cumulus successit,
Omni honore digna, fortunata justitia gloriosa.*

Que com a mesma energia traduzio Caufino na forma seguinte:

Siendoles pezadumbre tu igual pezo.

O' integra consciencia,
Que a los mortales tu feliz prudencia.

Siempre famosa en la equidad te aclamas,

Ministra la justicia
Con sincero decreto sin malicia;
Y sin mano violenta,
Appeticible, justa, e opulenta.

El extremo aborreces, el medio amas;

Tus heroicas porfias
Rompen las rebeldias
De aquellos, que con vana resistencia

En ti el cumulo fiel se reverencia
De toda la virtud, y la prudencia,
Gloriosa en ti, y al bien commun propicia,

Le niegan a tu yugo la obediencia,
Murmurando lo justo por excelzo,

Digna de todo honor noble Justicia.

Conhecemos, que não he facil nos nossos tempos castigar poderosos, nem obrigarallos a satisfazer o que devemos; porque apenas levantaõ os Ministros

nistros a espada da justiça, quando já chovem intercessões, e cartas de favor, para que senão descarregue o golpe. Os mesmos Ministros, que assistem ás pessoas dos Principes, são de ordinario os que com suas poderosas intercessões impedem o curso dos Ministros tímidos, e covardes, que ou por não perderem a sua graça, ou por grangearem o seu favor para seus accreimentos, cortão pela justiça. Os mesmos Ministros, que devião ser os que mais haviaõ zelar a justiça, e honrar, e amparar os menores, que procedem como devem, são os que por seu valimento impedem a execução da justiça; e se os menores lhes faltaõ no que lhes pedem, ou para melhor dizer no que lhes mandaõ, (que o mesmo he rogar hum poderoso, que mandar) tem nelles huns poderosos inimigos, que não só lhes impedem as suas melhoras, mas os desacreditaõ com todos; e o que mais he, com a mesma pessoa do Principe. Damno he este, que todos choramos sem remedio; e por isso vemos, que de ordinario tem mais justiça os que tem melhores padrinhos; porq̃ costumaõ os favores dos poderosos mover, e inclinar os animos dos Juizes, como os ventos costumaõ mover nos mares os navios, como disse Antonio, Constantino, e Ovido lib. 1. *Fastorum*; e a nossa Or-

denação lib. 3. tit. ultim. prohibe com pena estes favores; mas que importa que a ley o disponha, se falta a execução do que manda. Com publico pregação se haviaõ desterrar das Republicas as intercessões; porque são peste, que aonde chega, ou mata a justiça, ou enterra os executores; porque os poderosos querem, que seja justo tudo quanto pedem, ou enganados das partes, que lhes pintaõ a sua vontade o que pertendem, tal vez cegos do seu interesse, ou da sua paixãõ, ou das suas inclinações, e interesses.

Mas o Ministro inteiro nem o deve mover o poder, nem tambem os favores, mas deve cortar direito, sem attender aos perigos, que lhe pôdem resultar de ter poderosos contrarios; porque a justiça, e a razaõ he mais poderosa que tudo; assim a pintou Caufino com esta letra:

Feroces domat Justitia.

Que traduzio D. Francisco de la Torre, dizendo;

Venciendo su malicia,
A los ferozes doma la justicia.

E em o seu Hymno da Justiça diz Orpheo:

*Semper frangis enim omnes,
Quicumque tuum non subiere jugum.*

Que commentado pelo mesmo D. Francisco, quer dizer:

Siempre a todos aquellos los destruyes,
Que con rebelde ofada resistencia
No dieron a tu yugo la obediencia.

Seguramente devem os Ministros executar a justiça, porque Deos toma muito á sua conta a defeza, e para os perseguidos por amor de justiça no

mundo, lhe tem aparelhado no Ceo a bemaventurança: grandes, e verdadeiros gostos se aparelhaõ para os que rectamente executarem a justiça, disse *Wem*; mas porque muitos não poem o pensamento nelles, por isso são muito poucos os que os gozaõ, como concluiu o mesmo Poeta; porque sendo crime grande o violar a justiça, são muitos os que contraem este grande crime:

Gaudia vera dabit mens omnis criminis ex pers:

Heu mihi quam pauci gaudia vera ferent.

Os que temem os homens, diz *Salomam cap. 29. dos Proverbios*, acabaõ cedo; e cairá neve sobre os que temem a branda chuva, disse *Job no cap. 6.* Todos os males, que vem da mão dos homens, fenecem com a vida; mas os que vem da poderosa mão de Deos, se pôdem estender por toda a eternidade. Os males dos homens não pôdem passar ao corpo, mas os de Deos pôdem chegar á alma; e por isso *São Lucas no cap. 11.* diz, que senão devem temer os homens; porque estes, quando mais, chegaõ a tirar a vida temporal, mas Deos, que não só pôde tirar a vida, mas condemnar corpo, e alma a perpetuo inferno; e o mesmo escreve *São Matheus no cap. 20.* Não

ha-de o inteiro Ministro deixar de dar inteiro comprimento á justiça pelo temor de não contentar aquelles, a quem não agrada a virtude da justiça; porque, como escreve *Seneca Epistol. 28.* não ha de procurar o Ministro agradar a todos, mas só aos bons; e he argumento de que obra bem, o descontentar aos máos, diz o mesmo *Seneca: Argumentum est recti malis displicere.* Vicioso, e injusto he o que ancioso não deseja contentar aos melhores, mas aos muitos; porque não se alcança o applauso de todos senão com más artes. O melhor louvor he o que se colhe da boca dos melhores, como disse *Horacio:*

Principibus placuisse viris non ultima laus.

He grande o numero dos máos, e muito pequeno o dos bons; e não pode grangear com este agrado, o que não for virtuoso, nem adquirir com aquelles applauso, o que não for vicioso; e da mesma sorte que sam incompativeis o vicio, e a virtude em hum sujeito, he incompativel o agrado dos bons, e o applauso dos máos; porque quem poderá agradar a estes, a quem não agrada a virtude, senão for vicioso, nem contentar aquelles, se não for virtuoso? Nem pôde o bom Ministro agradar ao Povo, que de ordinario regula as acçoens pela affei-

ção, ou enveja, segundo *Seneca: Nemo placere potest populo, cui placet vis, & invidia;* porque o que louva affeioando, ainda aos defeitos encarece; e o que envejoso, as acçoens mais ajustadas vitupera. Melhor será contentar a poucos, quando nelles o abono mais se justifica, diz *Erasmo: Nunc satis est placuisse paucis; paucitatis æquiora judicia sunt,* do que ao Povo todo, que como mudavel vento, tão depressa corre favoravel, como contrario: e por isso o Poeta *Lyrino* não affectava seus applausos, por conhecer nelle tantas mudanças:

Non ego vento si plebis suffragia venor.

Nem menos devem ser ambiciosos os Ministros em grangear vontades de grandes para conseguir accrescentamento, e melhoras á custa de fazenda alheya, ou menor offensa do particular, ou do publico, e devem fixar os olhos em Deos, e empregar todo o seu cuidado, e desvelo em gran-

gear, e adquirir só avontade deste Senhor, despídos de todos os respeitos humanos, como ensina o *Summo Pontifice no cap. 2. de re judicata*, que elle terá cuidado das suas melhoras; porque assim como não deixa passar culpa sem castigo; assim não passa merecimento sem o premio, como cantou o *Inglez Wem:*

Non

*Non est Deus author culpæ, sed criminis ultor,
Pro meritis justis præmia justa dabit.*

E quando não os configão neste mundo, os lograrão no outro tanto mais excellentes, quanto he melhor o perpetuo, que o temporal, o eterno, que o caduco. Perdido vay o Ministro, e com elle a justiça, que ambicioso das dignidades do mundo se entrega ao guloso desejo de crescer; porque perderá a graça de Deos por alcançar a dos homens, e trocará facilmente o eterno pelo temporal; porque he proprio do ambicioso ser prompto, e servido aonde conhece que póde contentar; remisso, e tepido aonde alcança que póde desprazer. Reprova os males, abomina as injustiças, mas com os máos louva os males, e com os bons os reprova, para que o julguem idoneo, reputem aceito, para ser louvado de todos, e approvado de cada hum; sustentando em si huma grave peléja, e perigoso conflicto; em quanto ao mal debate o animo, a ambição reprime a mão, e o que aquelle deseja, não permite esta fazer. Jogaõ igualmente maldade, e ambição, esta no publico, aquella no particular, escreve *Innocencio de Utilitate conditionis humanæ*. Veja-se o que sobre esta materia diffemos na Li-

ção das Pertençaens, e havemos de dizer, *Deo favente*, na da Ambição.

Concluimos, que os Ministros haõ de ser inteiros, sem que os arrastrem paixões humanas, nem movão interesses alguns, nem que finalmente os apertem os respeitoes, e patrocínios dos ricos, e poderosos, para que se não possa dizer delles o que disse rindo-se xenocrates, vendo ir a padecer hum ladrão: *Este condemnão-no os mayores*, ou porque não lhes fallou ás mãos com dadas, ou aos pés com obsequios, ou á cabeça com patrocínio de grandes, de que elles dependessem para suas melhoras; como conta *Laercio de Vita, & moribus Philosophorum*. E tambem, que não faltem á execucao da justiça por humanos receyos; que não he para occupar o lugar do governo, disse Seneca, aquelle, a quem o receyo embarga a execucao da justiça: *Qui nimium timet, regnare nescit*: e só devem trazer diante dos olhos o castigo, que Deos lhes póde dar, se faltarem á obrigação do seu officio; encômendando á memoria este receyo com aquella sentença de *Virgilio no 6. liv.* em que os avisa dizendo:

*Discite justitiam moniti, & non contemnere Divos;
Non quocumque trahunt affectus, prona sequantur
Pectora, sed justa legum patientur habenas.*

L I Ç A M XXI.

Da Idade.

HE mui curiosa questão: quaes são melhores para Ministros, se os velhos, se os moços? Mas antes que demos nella nosso voto, nos pareceo necessario examinar com yagar os fundamentos de huma, e outra; e como aos velhos se deve o melhor lugar, seguindo esta

mesma ordem, exporemos fielmente as suas razoens em o primeiro, sem que faltemos á verdade dellas por afeiçoados mais á mocidade, em que de presente corremos.

Confidere-se em primeiro lugar pela parte dos velhos, que nos muitos annos he que se acha a prudencia, experiencia, e sabedoria, como diz *Job no cap. 2. e 32.*, entendimento, e intelligencia, como escreve *Aristoteles lib. 7. Politicorum cap. 16.*, razão

e conselho, como testemunha *Cicero in Catone* authoridade, e virtude; porque he a velhice vida immaculada, *ex Sap. cap. 4*, razão porque diz Aristoteles se haõ-de ouvir os conselhos dos velhos como regras, e documentos para encaminhar os passos da vida: *Seniles sermones libenter sunt audien-*

di. Nelles se achaõ os costumes regulados pela larga experiencia dos annos, e como taes conformes com a melhor razão da vida; e por isso disse Wem, que os que quizerem naõ errar em suas acçoens, haõ-de pedir o conselho aos velhos, haõ-de imitar seus costumes:

*A sene consilium, mores, prudentia rerum,
Est illis sine qua curia quæque perit.*

Nada disto se acha facilmente nos moços, dos quaes diz Aristoteles que naõ podem ser sabios, porque necessita o saber de prudencia, e experiencia, que naõ vem senaõ atraz de muitos annos; nem saõ de ordinario virtuosos, porque se vaõ atraz do vicio da carne, como escreve o mesmo *Aristoteles lib. 2. Rhetoricorum*; e he impossivel, como diz São Jeronymo, o deixarem de ser tentados com elle: saõ temerarios, imprudentes, suberbos: pelo que escreve *Santo Ambrosio in Psalm. 118.* que herara em os moços a prudencia, a temperanca, e a fortaleza, a justiça, e a humildade; e por isso digna de admiracão. Em quanto floresce a idade, ferve o sangue, e estaõ solidas as forças; naõ se sabe a solidacão, e se ignora a debilidade, e frequenta a alegria; por-

que entaõ reyna a jaçtancia, levantaõ-se os affectos, e quasi se envilece a humildade; desprezaõ-se as cousas pequenas, e o que mais se tem por enfermidade, he a subjecção ao que pertence á consciencia.

Segundo se considera, que mais vencem, e obraõ os conselhos, e disposicoens dos velhos, que as resoluçoens, e as obras dos moços, como dissemos na Lição do Conselho; porque a experiencia, mestra de todas as cousas, mostra que naõ ha cousa mais prejudicial, que o governo em mãos de moços; e por isso no *cap. 18. do Ecclesiastes* se diz que he desgraçado o Reyno, onde o Rey he moço; ruina, que cantou o Poeta Wem, dando o titulo de infeliz ao Reyno, em que a *Purpura cobre os hombros pueris*:

*Infelix patria est pueros ubi purpura vestit,
Atque ubi præcedit dives honore bonos.*

Ainda hoje nos chegaõ aos ouvidos as lastimas, que padeceo o Imperio de Constantinopla nas mãos do Imperador Manoel; França no tempo de Carlos VI., Dania no tempo de Frothero III., que por terem os Principes moços, experimentaraõ as mayores calamidades.

Terceiro se considera, que *Plataõ lib. 5. de Republic.* aconselha que os Magistrados sejaõ ao menos de cincoenta annos. Os Romanos, diz *Græco lib. 1. de Comitibus Romanor.*,

naõ faziaõ Consul a homem, que naõ tivesse quarenta e tres, nem Pretor ao que naõ subisse a quarenta, nem Almotacel ao que naõ chegasse aos vinte e sete, nem davaõ officio de julgar aos menores de trinta e cinco annos, como escreve *Suetonio in vita Augusti*. Os Haldenses naõ constituiaõ Senadores aos que naõ chegavaõ aos cincoenta annos; e o mesmo, diz *Heraclito in Politicis*, que observavaõ á risca os Espartanos: e o nome *Senada* se derivou de *Senex*, e val

e val o mesmo Senadores, que velhos.

A senibus prisci sumptum dixere Senatum:

Est robur juvenum, consiliumque senum.

Pela dos moços se pondera, que são animosos, fortes, ambiciosos de gloria, e nome, amigos mais da honestidade, que da utilidade, conforme *Aristoteles lib. 2. Rhetoricorum*; e pelo contrario os velhos pusilanimos, porque a vida os tem feito humildes; medrosos, porque tudo temem; avaros, porque tudo lhes falta; incredulos, porque tendo vivido muito, em muito foram enganados; suspiciosos, porque crem pouco; não amam, nem aborrecem muito, porque segundo Biante, sempre amam como quem pode aborrecer, e sempre aborrecem como quem pode amar; fracos, que da mesma forte que senão pode esperar prudencia em poucos annos, como disse *Aristoteles: Juvenis non potest esse sapiens, quia prudentia requirit experientiam, quam juvenis non habet*, senão ha de buscar valor nos muitos, como disse *Macrobio lib. 3. Saturnal.* e por isso Macriano recusou ser Imperador, dizendo, que não assentava bem o trabalho do Imperio sobre tanto annos.

Pondera-se mais, que sendo David o menor de seus irmãos, foy eleito Rey dos Judeos, como consta do *cap. 16. de Samuel*: Salomão de doze annos foy Rey, como se lê no *3. livr. dos Reys cap. 3.* Alexandre, morrendo de idade de trinta e tres annos, tinha conquistado o mundo: Alexandre Severo, sendo menino, foy pelo Senado eleito Imperador: Gordiano de onze annos: Othon Rey, o que chamaram Maravilha do mundo, de onze: Carlos VIII. de França, de treze: Ramiro III. de Helypanha, de cinco: Henrique de Inglaterra, de nove. Em Roma occuparam, sendo menores de vinte annos, o Consulado Corvino, Mario, Scipiam Africa-

no, Pompêo, Augusto, e outros muitos. Bonifacio IX. foy Pontifice de idade de trinta annos: Carlos V. foy Imperador de cinco annos: Salomão do menos de doze. Theodosio II. de oito: D. Affonso, chamado o das Navas, de oito: D. Fernando o Santo, de dezaseis: São Luiz de França, de menos de doze: D. Jayme o Conquistador, de pouco mais de seis: D. Affonso o do Salado, de hum anno, e hum mez: D. Henrique chamado o Doente, de onze mezes, e cinco dias.

Nesta questam fizemos nós esta differença: ou os Ministros se criam para mandarem sómente, ou para mandarem, e trabalharem: no primeiro caso fizemos esta distincão entre os velhos muy velhos, e entre os velhos sómente; e na primeira parte fomos de parecer, que totalmente se haviaõ desterrar dos Governos, Conselhos, e Tribunais; porque os velhos tanto que passam de setenta annos, de ordinario tornaõ á primeira idade de meninos, e como tais *Platam lib. 6. de Legibus* os desterra do governo das Republicas; o que apertavaõ mais os Romanos, porque como escreve *Seneca de brevitate vite*, os Soldados, que passavam de cinquenta annos, ou despediaõ da guerra, e do Senado os que tinhaõ mais de sessenta; e *São Jeronymo no lib. 1. contra Joviniano* testemunha, que os Massagetas, Tiburanos, e Hircanos não só não admittiaõ ao governo das Republicas os velhos de setenta annos, mas que, como barbaros, os matavaõ, e enforcavaõ por inúteis; e os Juristas os livraõ de todo o cargo, e encargo publico, tanto que passam de setenta annos.

Esta regra não he taõ geral, que não padeça sua limitação, quando nos

velhos mayores de setenta annos não accusa a velhice os defeitos dos muitos annos; porque ha pessoas tão vigorosas, que de muito mayor idade não experimentaõ a carga de muitos annos, como era Clante, que passando de cem annos, não sentia o peso delles: Gorgias, que sendo de cento e sete, dizia, que não tinha nada que lhe accusasse a velhice, como afirma *Cicero lib. 1. de Senectute*: Sophocles, que andando em cento e vinte, tinha inteiras forças, como refere *Publio Maximo in apoph. ex Cicerone*: Crasso, que correndo por cento e dez, e querendo-o dissuadir, que não fosse à guerra, respondeo, que ainda lhe não cahiaõ da mão as armas. Muy velho era Solón, mas sendo perguntado, com que esperança resistira tão ousadamente ao Tyranno Phisfmito, respondeo, segundo *Lacerio*, que com a velhice. Muitos annos tinha Castricio, Magistrado de Placencia, e com tudo não quiz obedecer ao Consul Carbonio, que lhe mandava entregasse os refens; e dizendo-lhe, que tinha muitas espadas, respondeo, segundo *Valerio Maximo*, que tinha muitos annos. Mais de cem annos tinha Confidio, mas não tendo os mais resolução para dizerem a Augusto o porque os Senadores não encontravaõ as suas resoluções, lhe disse elle: *Sabes, Cesar, que porque os Senadores temem tuas armas, não contradizem tuas acções*; e replicando-lhe o Imperador: *Pois tu como pelo mesmo respeito não te callas?* Respondeo, como diz *Publio Maximo lib. 4. apoph.* *Porque minha velhice me tirou o medo.* Com razão diz *Seneca*, que nos velhos ha mais constancia, por estarem mais perto da liberdade: *Fortes sunt senes vicina libertate.* Noventa annos tinha de idade o nosso primeiro Rey, quando foy a Santarem descercar seu filho D. Sanchinho, que Miramolim, Rey de Marrocos, com onze Reys mais tinha cer-

cado com quatrocentos mil homens, e a apenas chegou, quando com morte do Miramolim, e de infinita gente, fez levantar o cerco, e fugir os contrarios.

E já que fallamos dos velhos, cuja idade até cem annos não decrepita as forças, nem diminuhio o valor, nos pareceo acertado ajuntar aqui aquelles, a quem a vida se estende em mayor esphera, dentro da qual não só conservaõ os alentos do animo, mas tambem o vigor do corpo. Adam, primeiro homem, que pizou a terra, e dominou o mundo, viveo novecentos e trinta annos; seu filho Seth, novecentos e doze, e forãõ os que inventaraõ as letras; seu neto Enós, novecentos e nove, e foy o primeiro, que fabricou imagens em contemplação, e recordação de Deos; seu bisneto Caynam, novecentos, e dez, seu treceiro neto Mafalaci, oitocentos e noventa e cinco; seu quarto neto Sareth, novecentos e sessenta e dous; seu quinto neto Enoch, trezentos e sessenta e cinco, tempo em que foy arebatado para o Paraiso Terreal; seu sexto neto Matusalem novecentos e sessenta e nove; seu sexto neto Lamech, setecentos e setenta e sete; seu setimo neto Noé, novecentos e cincoenta, e foy o que escapou do diluvio, que Deos mandou ao mundo depois de sua criação, mil e seiscentos e cincoenta e seis, pela rebelião, que contra Deos levantaraõ huns Gigantes daquelle tempo; Joseph, filho de Abraham, viveo cento e dez. Muito tempo ha que os termos da vida se abbreviaraõ, porque ha muitos annos que os homens em peccar mais se estenderaõ; Era a vida o morgado, com que Deos enriqueceo o primeiro homem, quando no Paraiso o vestio de graça, mas como perdeu esta pela desobediencia, experimentou a morte, castigo de sua culpa, e porque nesta nossa idade são tão grandes

as culpas, por isso são tam pequenas as vidas, nas quais quando haja reformação succinta, haverá tempo largo ainda neste mundo, e principalmente no outro, em que nos espera huma eterna vida, premio de nossos merecimentos. Tornando pois á resolução da questam proposta.

Os velhos, que são aquelles, que correm dos quarenta e cinco até os setenta, são os melhores para mandarem,

*Urbes, regna, domos juvenum, quos rexerit ardor,
Sunt quamquam fortes, certa ruina manet.*

Os moços, diz Valerio Maximo, levantaraõ, e accrescentaraõ o Imperio Romano, mas os velhos o honraraõ, e o puzeraõ no mais alto grão de dignidade: aquelles nas emprezas prevalecem, e estes prevendo o risco, nunca se deixaõ sem guarda; mas em tudo quanto fazem, ou haõ de fazer, consideraõ, accomodando a memoria para o passado, o sentido para o presente, a providencia para o futuro. A vide nova dá mais vinho, mas a velha melhor; os moços obraõ, e fallaõ mais, mas os velhos obrando, e fallando menos, aconselhaõ o mais util. He tanta a diversidade dos costumes nas Republicas, que ninguem póde defender as leys sem o temor de naõ temperar os animos, oprimindo os ferozes com apertos, admoestando os mansos com urbanidade, os dolorosos com cautela, os singelos com brandura, para o que he necessaria prudencia, que he filha dos muitos annos, como escreve Cassio-

*Ut laudanda senis probitas, ita fæda senectus
Culpanda est turpi, que maculata probò.*

E por isso se lê no *cap. 25. do Eccles.* que tres generos de pessoas aborrece Deos, a saber pobres soberbos, ricos mentirosos, e velhos fatuos, e insensatos. Naõ se regula nas Divinas letras a velhice pelos annos, mas pelos costumes. Cham filho de Noè era dos

e aconselharem, e a quem se deve occupar nos Conselhos, e Tribunais; porque estes pelo longo tempo, uolo, e experiencia, naõ estaõ taõ fugeitos aos erros, que commettem os moços, que confiados nas suas forças, acometem os negocios com temeridade, como diz *Valerio Maximo lib. 4.* de que se seguem grandes ruinas, como cantou o Poeta Wem:

doro, e Gisiario, que affirma, que muitos tem para si, que o prudente naõ pode ser animoso; porque confidera todos os acontecimentos, e antevê todos os perigos; porém que elle sente o contrario, que naõ póde ser prudente o que naõ for animoso, nem animoso prudente o que naõ chegar ao Outono da idade.

Mas se os velhos se haõ de buscar para os governos, nem todos os que tem muitos annos se haõ de reputar velhos, mas só aquelles, em que a cordura dos costumes responde á brancura dos cabellos. Ha velhos meninos, e meninos velhos: velhos meninos são aquelles, que entre a brancura dos cabellos conservaõ, a verdura dos intemperados costumes: estes tais são dignos de todo o opprobrio, assim como o são de louvor os que com a idade commensuraõ a temperança dos costumes; como disse Wem:

mais velhos de seus irmãos, e com tudo nas Divinas letras se appellida por menor, naõ pela idade, mas pela liviandade. De vinte annos era Ismael, e com tudo no *cap. 2. do Genes. n. 15. 16. & 17.* se chama menino, naõ pela idade, mas pelos costumes:
velhos,

velhos, que contaõ a idade pelos annos que viveraõ, e naõ pelas boas obras em que se exercitaraõ, naõ se póde dizer que saõ velhos, porque os annos que viveraõ, naõ existem,

e as boas obras que fizeraõ, naõ apparecem, como se póde entender Wem, que fallando na conta dos annos, diz assim:

Sæpè rogas quot annos habeo, respondeo, nullos:

Quomodo quos habui, Pontice, non habeo?

Velhos meninos saõ aquelles, em quem o entendimento naõ se apressa para a perfeiçaõ, quando já o olhos começaõ a ver mal, os ouvidos a ouvir com difficuldade, os cabellos a cahir, o rosto a mudar-se em amarello, os dentes a diminuir-se, a pelle a murchar-se, o olfato a cheirar mal, o peito a suffocar-se, a tosse a bradar, os joelhos a tremer, os pés a entorpecer. Velhos meninos saõ aquelles, que estaõ proximos á morte, e naõ esperãõ sua chegada, nem attendem á fahida da presente vida, nem consideraõ a entrada da futura: ouvem os correys da morte, e naõ os crem. Tres saõ os correys da morte: os casos duvidosos, que a apregoaõ escondida; as enfermidades graves, que a mostraõ apparente: velhice certa, que a manifesta presente. Da incerteza da morte deve nascer o temor; da enfermidade dor, e da vilhice afflicçaõ, e humildade; e por estes disse

Quid numeras annos, vixi maturior annis:

Acta senem faciunt hæc numeranda mihi.

A Abrahaõ, e Sara chama a Escritura velhos no *cap. 18. do Exodo n. 11.* primeiro nasceo Caim que Abel, mas a este chama a Escritura velho, e áquelle moço; e a Daniel, sendo menino, lhe dá o nome de velho, naõ contando o numero dos annos pelo curso do tempo, mas pela madurez; e composiçaõ dos costumes; e por esta mesma razãõ

Chrysofostomo, que a brancura naõ he veneravel, quando naõ faz aquellas cousas que saõ decentes; mas que os velhos, que obraõ como moços, mais que elles saõ rediculos. A velhice, dizia Pithagorás, e Platam, segundo *Estobéo Serm. 114.* que naõ era fim da vida temporal, mas principio da vida bemaventurada; e Seneca na *Epist. 22. ad Lucillum* afirma, que naõ se póde considerar cousa mais torpe, que hum velho, que começa a viver, aos quais chamavaõ os Judeos meninos, como refere *Mendonça no livro 1. dos Reys cap. 3. na exposiçaõ da letra.* Velhos eraõ os Juizes de Babylonia, mas diz delles a Escritura Sagrada no *cap. 15. de Daniel* que delles fahia a iniquidade.

Meninos velhos saõ aquelles, em que florecem as virtudes, e em que campeaõ os bons costumes, como cantou Wem.

Virgilio no 3. liv. da sua Enead. chama velho ao menino Ascanio. He o valor parto da mocidade, e a prudencia da velhice, conforme o Poeta Inglez; porém naõ saõ estes effeitos taõ impossiveis, que senaõ achem ambos juntos na mesma idade juvenil, como cantou o mesmo:

Cum pòdagra insequitur juvenem, & Martia alumnus

Musarum senum, quæ solet esse comes;

Error hic est morbi, morum gravitate senillem

Se simul ac videt, credidit esse senem.

Ra-

Razaõ porque disse Cicero, que se não ha de considerar tanto a idade, quanto se deve advertir aos bons costumes: *Ætas non tam consideranda, quam virtus.* Isto basta dos velhos; passemos aos moços.

No segundo caso constituimos tres idades com os Juristas: puberdade, que começa dos quatorze, e acaba nos vinte e cinco: mocidade, que começa nos vinte e cinco, e acaba nos trinta e cinco: consistencia, que começa nos trinta e cinco, e acaba nos quarenta e cinco, e começa a primeira velhice, de que atégora fallamos. Na primeira idade da puberdade se deve mais aprender, que ensinar; doutrina, que nos ensinou Christo Senhor nosso, quando ficou no Templo com os Doutores, não os ensinando, mas perguntando, como diz Origines *Homilia 19.* Na segunda da mocidade se deve começar a mandar nos officios menores, para que com o exercicio delles se adquira experiencia, e capacidade para os mayores, a que se deve subir por degrãos. Na idade da consistencia se deve subir aos mayores, em que necessita de forças para aturar o trabalho; de experiencia, e saber, para se governar com acerto; porque a idade da consistencia he a mais vigorosa para o trabalho; nem lhe falta já nem a experiencia, nem a prudencia seus soccorros para que fayaõ com luz todas as acçoens, e com acerto todas as suas obras.

Estas regras padecem suas limitações; porque pôde haver homens, que crescendo em os annos, descreçam em as virtudes; e outros, que em poucos annos floreaõ em bons costumes; e a estes não se lhes ha de negar pelos poucos annos o que merecem pela inteireza dos costumes, nem áquelles se ha de conceder pelos annos o que desmerecem pelos vicios: donde veyo a dizer *São Chrysostomo in caput Isaie num. 4.*, que as dignidades, e officios se não devem repartir,

attendendo-se ao numero dos annos, mas á inteireza dos costumes. O que se adiantar em os merecimentos aos que contando mais annos, contaõ menos virtudes, justo he que se occupe: a virtude se ha de premiar, e não os annos. Bem moço era o Bispo Timotheo, e diz o Santo, que excedia aos mais velhos nas virtudes. De dez annos era Isaias, e Deos o julgou por mais capaz para o Reyno, que os outros, que na idade o excediaõ. De pouco mais de dez annos eraõ Crivusto, Elezio, e Albo entre os Polacos, e alcançaraõ grandes victórias. Meninos eraõ Honorio, e Rufino, e foraõ Consules em Roma. De vinte e dous annos era o grande Nuno da Cunha, quando, governando a India, lhe chegou á noticia que dizia hum Cavalleiro, censurando o seu governo: *Como pôde bem governar a outros quem não tem ainda idade para se governar a si;* e mandando-o chamar, lhe disse: *Sabeis a razaõ, que teve El Rey nosso Senhor para me encarrregar o governo da India, foi porque entendeo que tinha talento para soffrer, e dissimular os males, que dizeis de mim.*

Seja pois a conclusaõ de todo este capitulo, que os velhos de setenta annos para cima não fervem para o governo, nem para o conselho; e que os da primeira velhice saõ os que melhor governaõ, e os que com mais acerto aconselhaõ; e que os da idade da consistencia saõ para os lugares, que sobre o governo necessitaõ de trabalho; e que para os lugares pequenos se devem buscar os moços, para que o modo, com que se haõ nelles, manifeste a capacidade que tem para os mayores: e sobre tudo que, sem respeito nenhum destas idades, se occupem os mais benemeritos, pois fora desigualdade, que os premios devidos aos merecimentos, se repartissem pelos annos. O moço na idade, e velho na virtude, merece mais que o velho na idade, e sem virtude. Não

maduraõ o juizo as cans, fenaõ as virtudes: *Multos videmus juniorum super senes intendere moribus, & quod deest ætati, virtutibus compensare.* O mais airoso adorno da mocidade saõ castidade, humildade, vergonha, e clemencia, conforme Santo Ambrosio; mas porque he coufa de admiração, de que em a mocidade se ache humildade, disse o mesmo Santo: *Rara sanè hominibus est humilitas, ideoque miranda dum ætas viget,* de ordinario caminhaõ á sua ruina as Republicas, que se entregaõ ao ardor juvenil da mocidade.

A mayor ruina das Republicas todas he que falte nellas a criação da mocidade: *Juventutis disciplina neglecta facit Reipublicæ detrimentum,* disse *Aristoteles Politicor. 8. c. 1.* Duas cousas enfião, e informaõ a mocidade famosamente, o castigo dos maõs, e o premio dos bons, refere *Petrarch. Dial. 17: Duo sunt, quæ juventutem instruunt, &*

*Nec sanctos juvenes attingunt sordida fata,
Sed verè cessere domus, & jura piorum.*

Naõ ha coufa mais perniciosã em as Republicas, que a mocidade engol-

*Sint procul à nobis juvenes ut foeminae compti,
Fine coli modico forma virilis amat.*

Descreveo a toda a linhagem de moci-

Invidus, iracundus, iners, vitiosus, amator.

L I Ç A M XXII.

Da Authoridade, e Gravidade.

Authoridade he huma gravidade conseguida com a inteireza da vida, sciencia, poder, honra, e merecimento, alma do governo, que faltando, falta juntamente com ella a obediencia, e entra o desprezo, e por isso requisito necessario em todo o Ministro, e de que se

formant; delinquentium castigatio, & bonorum præmiatio; illum quidem ob metum fugiunt, hunc ob gloriæ studium concupiscunt. O recato he o adorno da mocidade, e o assento da gloria, e doutrina verdadeira: *Ornamentum juventutis pudor veræ gloriæ, & doctrinæ sedes:* na mocidade naõ he facil descobrir os fugeitos, porque he idade muy incerta, e sujeita a mudanças: *Difficile est aliquid in juvenibus devinare, est enim ætas incerta, sine scopo, multis mutationibus obnoxia.* Tres cousas armaõ airofamente a mocidade, e a compoem; temperança no animo, recato na boca, silencio na lingua: *In animo temperantiam, in lingua silentium, in ore pudorem.* A mocidade, que segue a virtude, tem imperio sobre os fados: naõ se atreve contra ella a fortuna contraria, disse hum Gentio, e he lastima que o naõ dissesse hum Catholico:

fada em deleites sensuaes, disse *Ovidio Epistol. 4.*

dade, elegante, e conciso *Horacio:*

lembrou a nossa *Ordenação* no principio do primeiro livro, recomendado por todos os Juristas, e Politicos aos que governaõ. Esta cria submissaõ, e reverencia, que se deve aos Ministros em testemunho de suas virtudes, e merecimentos, porque naõ importa, diz *Aristoteles Ethicorum cap. 2. & 4.*, que o officio por si seja bom, se lhe faltaõ os finaes exteriores de preeminencia, e authoridade, que o qualificaõ, e fazem mais hono-

honorifico. A submissão, e reverencia he principio, e fim da honra, em quanto he com aquella humana adoração: venerada a pessoa a quem se dà, se lhe paga a honra devida por seu officio, e se dà exemplo a outros para a imitação do mesmo. O uso destas preeminencias, e authoridades está fundado em razão Divina, e natural pelo *cap. 43. do Genesis*, e pelo *cap. Statuimus*, e pelo *cap. Inferior.*, de *maioritate*, & *obedientia*. A defeza das que tocam ao officio, he de direito publico pelo titulo *Ut dignitat ord. servetur*, que necessita o fazella. Nenhum Ministro pôde desfestimar seu officio, nem deslustrar o esplendor de sua dignidade, como dizem os Consultos na *L. observandum. ff. de offic. Præsid.*, e na *L. 1. ff. de postulando*, porque, como diz a *L. Miles. §. socer. ff. de adulteriis*, he omissão vergonhosa deixar indefeza a authoridade; como está disposto pela *L. Sciant. cod. de officiis divers. jud.*, que seja castigado o que não tratar a outro com a authoridade que se lhe deve; e assim por conservarem seus respeitos, e authoridade, podem os Ministros castigar aos que lhes faltaõ com o devido respeito a seus officios, sendo Juizes em causa propria.

Ha offensas, que tocam à dignidade, e officios, e outras, que tocam em a pessoa, escreve *Chrysostomo Homilia 13. in Paulum ad Titum cap. 2. num. 15.*; humas, que offendem a estimação propria, outras, que agravaõ o publico. Quando o Ministro, como particular, se vir offendido, tenha valor para o dissimular, e mostre com a serenidade do animo a paciencia: não lhe pareça que he pequena sabedoria soffrer o desprezo, que lhe dá occasião de ganhar ao culpado, e mostrar-se verdadeiro discipulo de Christo Senhor nosso, Ministro de todos os Ministros; porém quando lhes faltarem com a authoridade, e respeito, que se deve ao lugar que occu-

pa, não permittaõ, que se lhes perca o respeito, atropellando sua authoridade; porque isto fora estollidês, e não mansidão. Verdade he, que em distinguir entre as offensas feitas à dignidade, ou à pessoa, ainda que he facil à especulação, he difficil à pratica; porque achando-se o Ministro vestido de dignidade, primeiro ha de romper o tiro pela dignidade, que chegue a ferir a pessoa; e não he facil se dispa esta no agravo das armas, que podem servir para o castigo. Olha-se o Ministro levantado ao posto para bem de outros, e aquellas só tem por offensas feitas à dignidade, que cedem em prejuizo do publico, e damno do particular. Muito diremos desta materia na parte da Temperança.

He a authoridade o apice da velhice, diz *Cicero de Senectute*; porque tem huma velhice honrada tanta, que excede todas as vontades dos moços; mas o mesmo affirma, que à authoridade não a fazem os cabellos brancos, nem as rugas da cara, mas os feitos honrados; não os annos, mas os bons costumes. Vistaõ-se deste os Ministros, logo teraõ authoridade. Estimem-se a si; que esta he a chave, que fecha a porta ao desprezo. De Frederico Rey de Dania se conta que, divertindo-se alguns poucos em entretenimentos, tanto que lhe parecia que lhes podiaõ occasionar desprezo, dizia: *Deixemos as burlas, que vem El-Rey*. Não ha officio, nem dignidade, em que se veja o Ministro com authoridade, se a gravidade não faz costas ao respeito, que he huma firme constancia do animo, e huma severidade nos costumes, palavras, e obras, que rege, e governa todas as acçoens de hum Ministro, para que concordem com a ordem da natureza, pessoas, lugares, e tempo, muito necessaria para o governo, como disse *Plutarc. in Corili.*

Não se perlua da nenhum Ministro, que pôde grangear respeito, nem authoridade, se em todas as suas acçoens

ens não mostrar que as governa hum animo muy ajustado, e virtuozo, hum entendimento muy regulado pela razão, huma vontade muy moderada pela virtude; que, por ter todas estas virtudes, conta *Plutarcho in Apoph.* que respondeo Pericles, que se lhe devia todo o respeito, e authoridade, para não ser reputado por qualquer do Povo: e sendo o mesmo accuado em humas Cortes de algumas culpas, respondeo com gravidade: *Vós agastais-vos contra mim, contra hum Varão, que a nenhum de vós dá ventagens nem na sciencia das cousas, nem na eloquencia do que se entende, nem no amor da Patria, nem no desprezo do dinheiro: com a qual resposta não só desterrou o crime da vaidade, e ambição, fallando magnificamente de si, mas declarou a alteza do animo, e a grandeza da virtude. Tratem-se os Ministros com gravidade, e authoridade, e logo serão respeitados, porque, segundo Seneca, só he desprezado o que a si mesmo trata com desprezo: *Nemo ab alio contemnitur, nisi qui à se contemptus fuerit.**

Não pode porém ter authoridade, e respeito nas pessoas, que tratar com familiaridade; porque essa he a força da familiaridade, tirar, e destruir toda a authoridade, e gravidade, que diz *Plutarcho in Pericle*, se não pôde conservar entre a familiaridade; e por esta razão conta *Laercio lib. 4. cap. 8.* que sendo chamado Lacides por Attalo Rey, lhe respondeo, que as imagens se haviaõ ver de longe; insinuando, que a muita familiaridade costumava muitas vezes diminuir a admiração; parecer, que approvou Tito Livio dizendo, que com a continua conversação se diminuia a authoridade, e respeito: *Affidua conversatio verecundiam prostermit.* Salomão no cap. 25. dos *Proverbios num. 17.* aconselha, que se não entre muitas vezes em casa do vizinho, e proximo, para que este não passe do fas-

tião ao aborrecimento. Não queremos persuadir, que os Ministros sejaõ taõ recolhidos, que, por conservarem sua authoridade, e respeito, lhe sirvaõ de embaraço ao cumprimento de seus officios, e os fação intrataveis; mas pertendemos, que tenhaõ hum meyo proporcionado, com que nem sejaõ taõ fáceis, que pela muita conversação percaõ o respeito, que se deve a seus lugares; nem taõ impossiveis, que padeçaõ as partes dificuldade em serem ouvidas; porque huma, e outra cousa he vicio: o primeiro he vangloria, segundo Seneca: *Factandi genus est nimis latere;* o segundo he demaziada facilidade, conforme *Plinio Junior: Assiduitas nimia facilitas est:* hum, e outro justamente por todos condemnado. Ouça o Ministro com paciencia, e responda com affabilidade o que só lhe parecer necessario, sem que falte a satisfazer ao que se lhe propoem, nem exceda ao que se lhe pede: ouça, e responda como Ministro, e não passe a fallar como particular, e logo logrará entre os applausos de cortez, e entendido os respetos, e authoridade devidas á sua occupação; porque a authoridade não soffre familiaridade, e sempre as grandes confianças tiveraõ grandes cahidas. Os Ministros representaõ a pessoa do seu Principe; e por esta razão devem eger os mais nobres, porque parece impossivel que homens baixos representem pessoas nobres, quanto mais hum Principe: he sentença de *Aristotel.* *Nimis viles, & egeni non possunt Principem agere:* nem tambem pôde grangear authoridade, e respeito quem nasceo por natureza humilde, por mais que os Principes se empenhem em os levantar ás mayores dignidades; como succedeo aos Ministros, q conta Suetonio vieraõ a Augusto, que lhes não consentio, que se sentassem, porque eraõ descendentes de libertinos. Valente não quiz admittir huns, por serem

rem mal nascidos. Valenciano se enfadou de maneira com os Saurómatas pelo desprezo que lhe fizeraõ, enviando-lhe pessoas indignas, que se lhe rompeo huma veyra, e morreo desta, lançando sangue pela boca. A Republica de Veneza se enfadou muito de que ElRey de França lhe enviasse hum Ministro de taõ pouca authoridade, como Lascuris. D. Joaõ II. de Aragaõ reprehendeo muito seu filho de que encarregasse negocio de tanta importancia, e pézo, como era casar a seu filho, a Fernando de Lucena, homem de baixa sorte. Do Conde de Charolois, filho mayor do Duque de Borgonha, e neto do nosso Rey D. Joaõ I., se murmurou muito de que tratasse de meyo de paz com Luiz XI. de França por meyo de homens baixos. Ao mesmo Luiz XI. culparaõ muito de que tratasse de casar seu filho com a Princeza de Borgonha, por meyo de hum barbeiro seu. Veja-se o que dissemos na Lição da Nobreza.

Na conservação da authoridade, e respeito dos seus Ministros devem cuidar muito os Superiores, e principalmente os Principes; porque no respeito dos Ministros se vê adorada a Magestade. Fazer-se respeitar hum Monarcha em seus Ministros, he empenho, que faz sobrefahir a Magestade. Pouco faz hum Rey em se fazer temer de hum exercito armado, e muito em se fazer respeitar em hum Ministro, ou com huma Vara na mão, ou com huma Beca no corpo. Pouca necessidade tem ElRey de soldados, se seus Reynos forem governados por Ministros, que segundo as leys os regerem, e estes forem obedecidos; como bem conhecia o Imperador Sigismundo, quando sendo-lhe dito por Thrallo, que dos soldados he que se havia ter o mayor cuidado, e que a estes se devia dar mais a mão, que

aos Ministros de letras, lhe respondeo, que se callasse, que pouca necessidade tivera de soldados, se por si, e seus Ministros podesse rectamente governar o seu Imperio: *Tace, ò Thralle, nullá nobis militiá opus foret, si suas quisque civitates, & imperia justè, rectèque gubernaret.* Coufa sagrada na opiniaõ de Flacco he hum Ministro; e em Divindade toca o poder da Ley: *Res sacra est judex, & legum Divina potestas;* e como coufa sagrada se deve respeitar o Ministro, e como Divindade deve castigar a ley aos que lhe perdem o respeito. Foy Alexandre Severo hum dos melhores Imperadores Romanos, porque em todas as suas coufas se governou por conselho do Jurisconsulto Ulpiano; do que se enfadaraõ muito os Cavalleiros da sua guarda, porque por sua causa os tinha muy refreados, e por isso o quizerão matar; mas o Imperador sahio, e o cobrio com a sua capa, e mandou tirar a cabeça aos mais principaes; exemplo excellente para os Principes, os quaes, por conservar a justiça, devem pôr seu corpo, e vida em todo o risco, que se se seguira, a justiça fora mais respeitada, e menos respeitosa os Ministros; mas porque para grandes não ha Severos, não ha para Principes Ulpianos.

Concluimos, que he a authoridade a alma do governo, vida da Republica, e fiadora dos respetos dos Ministros, aos quaes recõmendamos, que assim se hajaõ no exercicio de seus officios, que, sem passarem as regras da modestia, se conservem de maneira, que nem sejaõ temidos por asperos, nem desprezados por humildes; trazendo sempre na memoria, e no exercicio os dous seguintes versos:

*Non tamen in pœnis languebat summa potestas;
Ne nimis indulgens régia virga cadat.*

L I Ç A M XXIII.

Da Eleição dos Ministros.

Muy facil he de fazer húa boa eleição de Ministros, e Officiaes, que rejaão, e governem a Republica, aos eleitores, que despídos dos affectos, e paixoes humanas observarem o que nas passadas Liçoens temos dito, que nesta resumiremos, para que, sem o trabalho de tanta leitura, possaõ fazella como Deos quer, como necessitaõ as Republicas, e como pede a sua obrigação. As Leys sem executores, diz *Plateão lib. 6. de Legibus*, nada aproveitaõ: as Cidades sem Magistrados, diz *Aristoteles Politicorum lib. 4. cap. 4. e Cicero de Legibus lib. 3.*, naõ podem permanecer; porque se naõ pôde extender a tanto o cuidado de hum Rey, que abranja a governar tudo por si; e por isso entre as regalias, que tocaõ aos Principes soberanos, he huma das mais principaes a creação dos Ministros; em as quaes se devem haver, e os Conselheiros, que lhos propoem, como a Aguia Real, que naõ perdoa a nenhuma diligencia, e exame, para averiguar se saõ legitimos, ou suppostos seus proprios filhos, careando-os com o Sol, e obrigando os a que fixem os olhos sem pestanejar nos rayos resplandecentes de suas chammãs; e os que affirm o fazem, os reconhece por seus proprios filhos; e os que assim o naõ obraõ, os precipita da altura do ninho, como afirma *Nazianzeno in Oratione de Episcopo in fine*: assim se devem haver os Principes, e Conselheiros, naõ perdoando a nenhuma diligencia, e exame para averiguarem os que saõ mais a proposito para os postos; que elles seraõ mais dignos. Olhando os fugeitos para os postos, se accommodaõ os postos, e os fugeitos; e olhando os postos para os fugeitos, se accommodaõ os fugei-

tos, e se desaccommodaõ os postos; razaõ porque dizia Pio II. que as dignidades se haviaõ de dar aos homês, e naõ os homens ás dignidades; porque huns merecem o que naõ tem, e outros tem o que naõ merecem. Intoleravel pezo carrega sobre os hombros dos Conselheiros, que por officio consultaõ aos Principes os Ministros para os governos Politicos, Militares, ou Ecclesiasticos: reos saõ de graves culpas; complices de peccados alheyos, se naõ consultaõ os mais dignos, e uteis ao bem universal, ou por omissaõ de lhes naõ lembrarem, ou por commissaõ, se os obrigaõ a proporem o indigno, deixado o digno pelo interesse vilãõ, ou parentesco, ou ponto de nobres correspondencias, ou afeição, ou agradecimento, ou esperança delle, ou finalmente por qualquer outra torcida inclinação, e rogos de poderosos, validos, amigos, parentes: muito pulso he necessario em materia, que, depois de feita, naõ se pôde desfazer. Com animo muito inteiro, e recto se deve consultar huma causa, de que pende todo o bem das Republicas, e conservaçãõ dos Reynos, como escreveo *Plutarcho a Cataõ: Arte tractandæ Reipublicæ nulla doctrina est maior Politica, anima est, & vita civitatum, & regnorum.*

Os que pertendem, devem ser totalmente excluidos; porque nenhum he mais incapaz do governo, que aquelle, que com mayor ancia o procura: em o mesmo cuidado faz merecimento para ser excluido; porque assim como he mais digno de ser sublimado aquelle, que o recusa, assim merece ser deixado o que ambicioso, e sollicito o pertende: quem roga por si, se faz indigno: aquelle, que interpoem grandes favores, he suspeitosa a justiça de sua causa. Quem deseja fazer huma acertada eleição, ha de cerrar os olhos ás supplicas. Naõ he bem tenha voto o rogo em causas, que o juizo

juizo se deve aconselhar sómente com a rectidão, diz *São Bernardo lib. 4. de consideratione cap. 5.* O que roga, diz *São Gregorio lib. 4. Epistola 55.*, he claro que pretende que só seja licito o que pede, e não deixa liberdade ao eleitor para o contrario. Ladrão he de dignidades o que não entra nellas pela porta principal de merecimentos, e espera entrar por intercessões; razoens, com que o excluio o Imperador Theodosio por humaley, que para esse fim promulgou.

Os que recusaõ as honras, e dignidades, são os mais a proposito para elegidos; porque nenhum as merece melhor, que quem as foge, como afirma *Poncio in Vita Cip.*, e ao mes-

mo passo que a modestia o esconde em os abatimentos da humildade, crescem os merecimentos para ser mais pertendidos para o mundo. Quanto fugia com mayor empenho Constantino o ardor do Povo, que o pedia para a Coroa, tanto avivava mais as suas diligencias, e punha esporas ao que corria voluntario. Maravilhosa temperança foi a de Theodosio, que obrando de forte, que cada acção merecia hum Imperio, nenhuma fez a fim de conseguillo, antes o recusava quando lho offerenciaõ; e na repugnancia com que ambos o rejeitaraõ, fizeraõ merecimento, com que melhor o possuirãõ, como disse *Wem no liv. 2. Epigr. 35.*

*Si benè qui latuit, benè vixit, tu benè vives;
Ingeniumque tuum grande latendo patet.*

Os Nobres são a pedra iman do governo, honras, e postos, como diz *Seneca lib. 4. de Beneficiis cap. 30.*, porque em os Nobres resplandece o attractivo da memoria, e excelsa virtude de seus ascendentes; e assim não ha duvida, que em todas as politicas he preferida justamente a nobreza, por ter da sua parte a presumpção de que ha de corresponder a rama ao tronco, o fruto às raizes, conforme ensinou *Aristotel. Politicor. cap. 8.* Mas como a nobreza, que não acompanha com as virtudes, degenéra de sua origem, e bastarda em o azedo de seus costumes, não serãõ eleitos senão aquelles Nobres, q conservem a natureza com o resplendor das virtudes, que fizeraõ esclarecidos a seus mayores, como diz o mesmo *Aristotel. lib. 5. Politicor.* De Catão se conta que não quizera aceitar ser Consul, e Dictador em Roma, porque vivia em a Republica de Romulo, onde se elegiaõ os humildes, e não os Nobres virtuosos; e que, para

aceitar, havia de viver na de Plataõ, que pede os mais nobres, e de altos merecimentos.

Os sabios se devem graduar para Ministros; porque he a sciencia humas principaes prendas, que ha de ter o que governa: e assim Moyfés pediu ao Povo varoens de erudição, sciencia, e experiencia para repartir com elles a carga do governo, como se lê no *Deuteronomio cap. 1. n. 13.* Floreceo o Imperio de Roma, diz *Santo Agostinho ad Fratres in Exem. serm. 14.*, todo o tempo que o Sceptro, e Magistrado se deu aos sabios; porém logo que a ignorancia occupou os postos, e distribuio sem eleição as honras, se arruinou o senhoriõ, que tinha no mundo. Porém se a sciencia não for acompanhada com a prudencia, não servem os sabios para os governos; porque se não pôdem chamar sabios os que não forem prudentes, como cantou hum Poeta:

Nullam habes mentem, nisi sit prudentia tecum.

Nenhuma maxima, diz *São João Chrysofomo de Sacerdotibus lib. 3.*, he taõ acreditada da experiencia, como he, que se no fugeito, a quem se fia o governo publico, naõ resplandece huma singular, e aventajada prudencia, os intereffes da causa commua ameaçaõ ruina, como se verá nos exemplos, que referimos na nossa Liçaõ da Prudencia. Os que tem melhor cabeça, ainda que naõ tenhaõ muita sciencia, e os virtuosos saõ os que melhor governaõ; porque o imperfeito da sciencia se suppre com o perfeito da caridade, como dizem os Canonistas. A sciencia desvanece, como escreve *São Paulo*. Muitos cahem por desvanecidos, e cahe a suberba, porque se levanta, e naõ cahe a humildade. A prudencia, e cordura saõ as prendas mais dignas para todo o genero de governo: o que as possue, obra com resoluçaõ, e com espera; consulta de vagar, e executa com brevidade; e os conselhos naõ pensados causaõ irremediaveis arrependimentos.

Se se acharem fugeitos vestidos de todas estas prendas, com sufficiencia grande, e mayor intelligencia, mas que se deixem vencer da amizade, odio, e parentesco, ou avareza, naõ seraõ nem a proposito, nem dignos. Os Ministros fazem ao Rey: hum máo Principe com bons Ministros, he bom: hum bom Principe com máos Ministros, he máo. Naõ pôdem ser entendidos os que se deixaõ arrastrar destas paixoens: pois olhar aos respeitos particulares, he erro, e ignorancia; e naõ ha mayor ignorancia, nem mayor engano, como o que fórça mais o respeito do mando, que a razaõ. Cleon se despio de seus amigos quando o fizeraõ Juiz; e Temistocles naõ o quiz ser, dizendo, que naõ queria posto donde naõ havia ter melhor condiçaõ o amigo, que o inimigo. O que com menos prendas de intelligencia for desinterello, e inclinado ao trabalho, e que se naõ deixa vencer des-

tas paixoens, será sempre mais digno para o posto; porque recompensa com ventagens, em o que he o mais util para a Republica, o excesso, que o outro lhe faz nas letras. A sciencia sem execuçaõ, e cautela, de que necessitaõ os negocios, e litigios, naõ he sciencia, mas ignorancia. A obrigaçaõ, que aos Principes corre, he de prover Ministros de justiça, que a executem á satisfacaõ sua, com augmento do Reyno, conservando em paz os vassallos; mais ha de estimar os esclarecidos pela virtude, do que os que resplandecem pela nobreza; porque aquella he verdadeira nobreza, e esta, despida das virtudes, a mayor vileza.

Os que forem tementes a Deos, saõ sobre todos os mais convenientes; porque os que temem a Deos, estaõ livres das paixoens, que costumaõ perturbar a serenidade do animo; e obraõ com liberdade, porque a traz consigo o temor de Deos, como a tyrannia o do mundo. O conhecimento, e discriçaõ para separar a mentira da verdade, e a fingeleza do artificio, com o temor de Deos se alcança, como escreve *Jesu Sirach: Temey a Deos, e naõ sejais negligente nos despachos*; e era o que dizia El Rey Josaphat aos Ministros do seu governo. He a diligencia mãy das virtudes, e madrastra a negligencia. Consultarãõ, e pedirãõ a Deos, que lhe abra os olhos, solicitando aquellas piedosas entranhas com oraçaõ singela, e bem intencionada; e acharãõ modo para acodir aos despachos sem detrimento da justiça: assistirãõ com cuidado, considerando, que perfeito discurso naõ ha nesta vida quem o tenha: assim o fez Salomão em o caso mais trabalhoso, que a desgraça, e engano chegarão a pensar, de duas mulheres, que lhe pedirãõ justiça, e a fez com admiraçaõ, e assombro de todo o Reyno.

Os que tiverem servido com geral

ap.

apliado os officios mais humildes, são os mais dignos para se buscarem para os maiores. Não se devem fiar os governos maiores dos que, sem passarem pelos postos pequenos, querem de golpe passar ao exercicio, e occupação dos grandes; e será sem razão muy dissonante, que os experimentados sejam preferidos pelos modernos, escreve São Leão *Epistol.* 87., e por isso São Gregorio Nazianzeno *Oratione* 20. engrandece, e louva as leys dos marinheiros, onde o que se

Est labor ingratos, quem debita praemia fallunt,

Quid grave non fiet, spe sine si leve fiat?

São os postos humildes, segundo Seneca, degrãos, porque se sobe aos superiores: *Gradus à magnis ad maiora fit*; e he intoleravel que os que passaraõ por este trabalho, se vejaõ preferidos a outros, que não fizeraõ prova da sua virtude nos postos, em que elles examinaõ a sua sufficiencia: *Grave est, diz o mesmo Seneca, à deterioribus honore anteire.* De Theodoro Rey de Italia escreve *Cassiodoro lib. 6. Epistola* 16., que pertendendo hum seu criado favorecido hum officio, lhe respondeo, que primeiro estavaõ os que a experiencia tinha mostrado dignos do seu exercicio, e que em quanto havia cavallos experimentados, se não haviaõ de criar pôtros, q de ordinario sahiaõ com refabios grandes.

São tambem muy aptos para os governos os bem costumados; e assim diz a *L. 1. Cod. de Magistratib. lib. 10.*, que se não ha de eleger para Magistrado o mais recõmendado, senão o mais bem morigerado; porque o interior do homem, e o mais escondido do coraçãõ humano, reservado para os olhos de Deos, se vê tambem pelos homens no espelho dos seus costumes, e do que se vê nelles se infere qual será a sua vida no futuro: testemunhas feraõ os iagrados Doutores da Igreja

ha de por a governar, ha de primeiro começar pelo remo: trabalha desde a proa contra as tempestades primeiro, que suba a dar ordens, e governar o leme desde a popa: trabalha, sua, oberva serva amarrado já ás ençarcias, já ao banco, e depois de hum remar continuo, faz dos postos mais trabalhosos, e humildes degrãos para subir ao supremo. Quem haveria que quizesse occupar os postos humildes, se o não alentasse a esperança que delles subiria aos superiores: cantou Wem:

Gregorio, e Jeronymo; este disse no *Cap. de Suidis de praesumption.*, que das açcoens da puericia, da modestia, da continencia, e do temor de Deos se perceberia qual seria depois o homem; e dando o outro a Legacia de Sicilia ao Bispo Maximo, lhe disse no *cap. Mandata. do mesmo titulo*, que a sua vida em o passado lhe ensinava qual seria em o futuro. O mancebo; diz o *Sabio cap. 22. dos Proverbios*, que em a sua mocidade se governou bem, e virtuosamente, continuará na velhice com a propria bondade. São os costumes recebidos em a mocidade como o barro, que conserva perpetuamente o cheiro do licor, que teve, como diz Horacio já citado; e não só se conhece o animo pelos costumes proprios, porẽm tambem pelos costumes dos amigos, que são participantes, por serem naturalmente pegajosos. As Historias Gregas contaõ de Alexandre Magno, que lhe pegou de forte seu amigo Leonides os vicios, q já mais pode perder ainda o andar mal; e por isso diz *Seneca lib. 1. de Moribus*, que a boa criação da mocidade formava os bons costumes da velhice. Se foraõ mãos, serão perpetuos; porque diz *Aristoteles lib. 7. Ethicor.* que he difficil resistir aos costumes, por serem outra natureza: *Difficile est resistere consuetudini; consu-*

suetudo est altera natura. Refere *Cassiodoro lib. 1. Epistol. 4.*, que escrevendo Theodorico ao Senado, lhe mandou, que os que propuzessem para Ministros, fossem não taes, que houvesse nelles vicio, que fosse reprehensivel. O certo he, que o que foy virtuoso sem officio, o será com elle; e quem sendo particular, foy vicioso, o será sendo publico; porque as prosperidades descobrem os vicios dos animos, opprimidos com as misérias, e trabalhos. De Tigilino conta *Tacito lib. 3.*, que foy filho de humildes pays, de viciosa mocidade, e pernicioso velhice, sem que a authoridade dos officios publicos refreasse a desigualdade de seus vicios; e com esta consideração Theobaldo, Rey de Italia, escrevendo a Patricio, que tinha eleito seu Ministro, lhe diz: *Primeiro fizemos exame de teus costumes, que tua eleição; porque sem os bons não ha eleição acertada; refere-o Cassiodoro lib. 10. Epist. 6.*

A idade madura he tambem circumstancia muy necessaria, que se deve attender para se consultarem os sugeitos; porque não assentaõ bem os cargos publicos na verdura dos poucos annos, que primeiro que cheguem a dar fazonados frutos, se desfazem em folhagens, que quando não são prejudiciaes aos Povos, são ao menos de muito pouco proveito, e de nenhum exemplo. Para adoptar Galha a Pifaõ, disse, como refere *Tacito lib. 1. Historiarum*, que se movia do juizo de suas cans, a de que seus annos tinhaõ gastado os verdores juvenis, sem que a idade presente tivesse que dissimular os defeitos da passada.

Não devem ser eleitos os que tem serviços de seus mayores, se nelles não concorrem as partes referidas,

*Multa statuta noto pœnalia, Fronto, vocari,
Queis titulum dederint, prœmia nulla lego.*

De que nasce grande damno á Republica, por não poderem muitas ve-

porque seraõ bons para que os premeem com rendas, mas não com os officios publicos; porque supposto que os filhos herdem os serviços dos pays, para com justiça pertenderem a satisfação delles, não herdaõ a sciencia, prudencia, e sufficiencia, que seus pays tinhaõ para haverem de ser promovidos a elles; e será iniquidade muy notoria, que se dem as dignidades aos filhos, porque seus pays as mereceraõ, e se faça Ministro, ou Capitaõ a hum filho, porque seu pay foy grande Ministro, ou Capitaõ; e por isso disse *Cicero in Pisonem*, que o erro alheyo, e não o merecimento proprio, subio a Pifaõ as dignidades; porque as estatuas de seus progenitores o sublimaraõ sobre os hombros de seus timbres, e façanhas, não se achando nelle outro sangue de suas virtudes mais, que huma morta similitude de cores; e *Seneca lib. 4. de Benefic. cap. 30.* reprehende justamente que os Romanos levantassem o filho de Cicero ao Consulado pela gloria, e esplendor de seu pay. Se Seneca, e Cicero viveraõ nestes nossos tempos, viraõ muy praticada esta desordem, de que accusaõ a Republica de Roma. Os merecimentos dos pays mortos, de justiça se devem premiar nos filhos. Do erario publico sustentavaõ os filhos dos que morriaõ na guerra os antigos; e por isso fizeram a ley *Hypodamo*. David premiou ao filho de Jónathas por seu pay, dando-lhe as herdades de Saúl seu avô. A Salomaõ premiou Deos por David; e ás Tribus por seus antepassados. O premio se dará pelos serviços, e não com os serviços; porque isso será pagar o trabalho com outro trabalho, como cantou Wem:

zes
pez
Na
Pra
fer
de
dic
os
pre
de.
rar
deo
ria
mai
a Só
cer
lent
valo
cov
cipe
dro
do.
faze
ha
San
com
cida
serã
acha
que
em a
dilaç
poer
darã
logo
grac
do d
pach
nou
despa
dado
defen
panha
peleja
despa
se ho
ElRe
leiro
guern
pesso

zes sustentar os hombros dos filhos o pezo, que cahio sobre os dos pays. Naõ se haõ de premiar Praças com Praças, nem postos com postos. Os serviços do pay Juiz inteiro, e grande, naõ se haõ de premiar com a judicatura no filho ignorante, e nescio: os do Capitaõ valente naõ se haõ de premiar com a gineta no filho covarde. Muitos pays sabios costumãõ gerar filhos muy tontos, como succedeo a Salomaõ, que tendo a sabedoria do mundo, gerou a Roboaõ o mais tonto delle; o mesmo succedeo a Sócrates, e ao grande Philo, e Cicero. Nem costumãõ nalcer filhos valentes de pays valorosos. Alcibiades valoroso, e invencivel teve hum filho covarde: o mesmo succedeo ao Principe Dionysio. Do nosso duro D. Pedro nasceo o nosso brando D. Fernando. Assim como naõ ha-de o Principe fazer justiça com crueldade, assim naõ ha-de fazer graça com injustiça, diz Santo Agostinho. Se herdou o filho com os merecimentos a mesma capacidade, lhe fará a mesma merce, e será grangearia pelo applauso, que achará no Povo, e pela obrigação em que o poem. Os que haõ servido bem em a milicia, merecem premiados sem dilaçãõ. Bem merece honras, quem poem a todo o lance a sua vida: mandará aos Ministros que o despachem logo, porque pedem mais justiça, que graça. Naõ digaõ o que hum soldado disse a Augusto Cesar; naõ o despachavaõ, disse-o assim ao Cesar. Tornou a seu valido Cesar, e disse, que despachassem os Ministros aquelle soldado; e replicou o soldado: *Quando eu defendia, Senhor, vossa honra na campanha, naõ pedia Senhor a outro que pelejasse por mim*: convenceo-se, e despachou-o logo. Melhor que Cesar se houve o nosso Principe Perfeito El Rey D. Joaõ II. com hum Cavalleiro, que o havia servido bem em a guerra, que pertendia por terceira pessoa, a quem disse: *Fá que tives-*

tes mãos para servir-me em a guerra, tende lingua para pedir-me os premios, que mereceis; o mesmo se conta do Imperador Claudio. Os premios haõ de ser sem detrimento do bem commum; assim o executou o Senhor com Aaraõ, e Moysés: asentou com Sacramentos particulares o Sacerdocio na familia de hum, e com fins naõ menos importantes apartou o Imperio da familia do outro. Achou tanta utilidade para perpetualla em a de Aaraõ, como para naõ continualla em a de Moysés.

Fazer feira de officios, naõ he de Principes, he de mercadores: o que compra officios por junto, he para vendellos por miudo. Quiz necessitada a Duqueza de Barbante fazer este tracto, e disse-lhe Santo Thomás, que era injusto, e que seria a ruina de seu Estado, como ha sido, e he de todos os que o fazem. Os amigos, que teve Constantino, naõ sendo Imperador, os premiou sendo o, com riquezas, naõ com officios, porque os naõ achou capazes para elles. Do nosso Rey D. Joaõ II. se escreve, que pedindo-lhe hum officio respondeo, que ja estava dado; e replicando-se-lhe, que o officio tinha vagado aquelle instante, e que naõ podia ainda saber-se da sua vacatura para se dar, lhe respondeo, que estava dado a outro, que o merecia melhor. De Augusto Cesar se conta, que havendo dado hum officio, que hum pertendia havia muito tempo, se lhe queixou, dizendo, que havia muito, que pertendia aquelle officio, e que se havia dado a outro, e que Cesar lhe respondera: *Tu só merecias pertender, e o outro conseguir sem pertender*. Dar os postos por industria, interesse, ou affeição, he culpa mortal, segundo Santo Antonio: he contra a caridade, e se seguem graves damnos aos Povos. Quem negocia sem merecimentos, faz merecimento da negociaçãõ; e essa naõ se ha-de premiar, se naõ castigar.

Os pobres se não forem virtuosos, e nobres, não são a propósito para Ministros; se o forem, será justiça preferillos sempre; será bem, que consigaõ pela virtude o que não podem por natureza. A pobreza virtuosa, e livre de cobiça he admiravel qualidade para o governo, diz Santo Thomás. Buscar-se-hão os que florecem nas Universidades em letras, e em virtudes, sem esperar a que pertendaõ. Deve occupar o lugar mais alto o que for em sciencia mais eminente. O sangue se herda, a virtude se adquire; e a virtude vale por si só, o q a nobreza por si só não vale. O que priva a virtude das honras, que se lhe devê, priva as honras de virtudes, diz Catão. O Juiz faminto he lobo de sobre tarde, que não deixa nada que descarnar para o dia seguinte, diz o Propheta Sophonias. O homem necessitado com difficuldade fará seu officio com limpeza; e por esta razão os Carthaginezes escolhiaõ para Magistrados os Cidadãos mais ricos, temendo as ruinas, que causaõ os Magistrados pobres. Convém muito, que elejaõ os que forem amigos da verdade, que he fundamento dos Juizes Christãos. O tribunal he pedra de toque, onde se descobre o ouro da verdade do cobre do engano: ha de estar unida com o juizo, que por isso a trazia no peito Aaraõ, Juiz dos Hebréos. Não respondeo Christo Senhor nosso à pergunta, que lhe fez Pilatos: *Que era verdade*; porque lhe perguntava cousa, sem a qual não podia dar passõ sendo Juiz: mais que todos se ha de querer o que for mais verdadeiro; porque he a verdade a quem mais aborrecem os homens. Dos avaros se deve fugir muito, porque deve estar taõ apartada a avareza do Ministro, como do fogo a polvora. O mayor perigo de perder-se o Reyno, he ter Juizes avaros. Este vicio he centro, e raiz das maldades: acabou com Esparta, e com os Lacedemonios a de seus Magistrados. Execravel de-

licto, disse Cicero, que era em os Juizes. Correm os que a tempo onde os levaõ seus appetites, e fogem donde os guia a razão. A terra de minas de ouro, dizem o naturaes, que he esteril de plantas: os Ministros avaros esterilizaõ a terra. Cega a avareza os olhos dos sabios, e torce as palavras dos prudentes. O ouro estraga a justiça, diz Santo Isidoro. Se a vara da justiça se ha de dobrar, não seja com o pezo da dadia, porém com o da misericordia.

Importa muito dar morte ao Juiz, a que se provar suborno, disse Placão; assim o fez Dario, mandando enforcar a Sandóce: teraõ os mais à vista o escarmanto, quando se fizer hum grande castigo. Mandou encourar a cadeira, em que julgava Simfannes Juiz, ElRey Cambiles, fazendo-o esfolar, e deu o officio a seu filho Otanes, para que julgasse sentado nella, e escarmentassem os que tivessem à vista taõ espantoso castigo. O mesmo fez Rogerio Rey de Sicilia; e devem fazer todos os Principes. Delictos atrozes não se emendaõ se não com castigos atrozes; e nenhum delicto ha mais atroz em o Ministro, que o deixar-se subornar. Pelas leys tem privação de officio, confiscação de bens, desterro, e infamia. Justiniano acrescentou pena de açoutes: Valentino, e Valenciano, que foissem queimados: o nosso Rey D. Pedro o Justiceiro lhe poz pena de morte. Escreve-se, que o Imperador do Japão mandou queimar vivo a hum seu Ministro por este delicto, e degollar ao que o peitou. Em Roma, diz *Salustio in Jugurt. e Livio lib. 13.*, se fez grande pesquisa contra huns Senadores, que haviaõ recebido presentes de Jugurtha. Os que forem de nascimento humilde, não servem para Ministros: porque he mais difficulosa a obediencia dos subditos; e elles por este respeito vivem com mais descõfiança, e attri-

e attribuem a desprezo proprio a mais leve inadvertencia dos subditos; porém se nelles reiplandecerem as virtudes, e se aventajarem nas prendas aos mais nobres, será justiça preferillos. Filho de hum porqueiro foy Justiniano, e de hum peccador Xisto V. mas os merecimentos deste o collocarão dignamente na mayor dignidade da Igreja, e o bom procedimento, e rectidão daquelle o subiraõ ao mayor Imperio do mundo. Em fim nas eleiçoens se fará antes exame, se he brando, flexivel, de condiçãõ temperada em os costumes, moderado em as paixoens; se respira o seu procedimento huma pureza Angelica; se tem sempre por convidada a sua mesa a temperança; se he intelligente, e cauto em os negocios; se he humilde com discriçãõ, affavel com gravidade, misericordioso sem altiveza, sabio sem arrogancia, prudente sem inclinaçoës, inteiro sem avareza.

Costumava Alexandre Severo, e o nosso Rey D. Joaõ II. publicar os nomes de alguns antes de sua eleiçãõ, para ouvir dos competidores invejos suas qualidades boas, ou más, e do Povo o mais certo; porque a fama algumas vezes elege, e he justo que se dê satisfação ao Povo, approvando com a eleiçãõ seu voto; porque a approvaçãõ de hum muitas vezes se engana, e não a de muitos: para isto se haõ valido alguns Principes de fideis escutas de animo candido, e boa intençãõ, que daõ aviso, como ha recebido o vulgo o provimento antes de se fazer publicar, referindo as conveniencias, ou inconveniencias oppositas. Esta doutrina nos deu aquella Republica Romana, onde as leys se punhaõ em publico muitos dias antes de se publicarem; para que primeiro dissesse o Povo seu parecer sobre ellas, admittindo o que parecia razaõ, e reprovando o que o não era; exemplo com razaõ digno de imitar-se na publicação não só de leys, mas de Pra-

ças, e provimentos de Ministros, leys vivas, e arbitros da justiça; e se o Principe com mayor zelo do acerto não fiar esta resoluçãõ de outros, siga o arbitrio de Germanico, de quem refere *Tacito lib. 2. Annalium*, ou do nosso Rey D. Joaõ II. que vendo estes Principes Lusitano, e Romano, que os Ministros lhes referiaõ sempre os successos agradaveis, callando a verdade em os que eraõ dignos de remedio, os amigos os lisonjeavaõ, e temendo estes os inferiores, se não atreviaõ a fallar; e sabendo tambem por experiencia, que os animos se conhecem, quando mais livremente fallaõ em suas caças, sem esperanza de premio, ou de castigo, sahiaõ a passear de noite embuçados, rondavaõ pelos alojamentos, e arrimados às tendas ouviaõ o que seus coraçõens desejavaõ. O mesmo se conta de alguns Reys de Hespanha; e he justo que o fação todos, ainda o Ministro particular, que quizer ouvir verdades nuas de paixãõ, sem mistura de adulaçãõ, e lisonja, e ouvirãõ aggravos dignos de reformar, razoens de governo não advertidas, e conhecerãõ qualidades de fugeitos dignos de occupar-se, e tambem vicios dos occupados, merecedores de suspensãõ, e castigo.

Não se devem fiar muito das boas residencias, que daõ os Ministros, nem da boa informaçãõ, que daõ os syndicantes; porque de ordinario os Ministros grangeaõ nos Povos as vontades, e afeiçãoens dos mais poderosos, obrigando-os a preço de favores, talvez muito injustos, para que no tempo dellas lhes sirvaõ de escudo; para que o pobre vexado, a viuva opprimida, o humilde perseguido, o nobre offendido, e o rico aggravado, não abraõ boca para a queixa com o respeito do poderoso padrinho, e medo do futuro Ministro, que por politica em que vay muy interessado no futuro, he hum mesmo perseguidor dos que com razaõ pertendem na residencia de seu

anteceffor a fatisfação de feus damnos, é fazer notorio o feo injusto procedimento, para que o não continue nos mais lugares que fervir: e tambem porque de ordinario as residencias fe tirão pelos Ministros, que fervem nas terras circumvizinhas, e quasi sempre são amigos dos fyndicados, e como tais, sempre os favorecem, e amparaõ nellas, sendo mais partes, que Juizes, mais reos, que Authores. A verdadeira informação do procedimento se deve tirar por pessoas particulares de boa, e fama consciencia, e muito em segredo; porque só deste modo se póde apartar o trigo do joyo, e apurar a verdade; e delle se valia o nosso Principe Perfeito El Rey D. João II. de quem se escreve, que tirava com muita miudeza estas informações, e as lançava por sua mão em hum livro; e o mesmo se conta de Philippe o Prudente, Rey de Castella.

L I Ç A M XXIV.

Da Eleição dos Bispos.

S Upposto que esta materia pareça muito alhêa do nosso estado; e que de dignidade tão sagrada só devia tratar huma mão sagrada: com tudo como nem só os Ecclesiasticos são interessados no acerto desta eleição, mas tambem os seculares, e a paz do governo Politico, e secular dependa tambem muito de que os Bispos sejaõ tais, que sirvaõ de exemplo aos mais Ministros, diremos brevemente, que as Mitras se não devem dar aos que as pertendem, porque com a pertençaõ se fazem indignos. O estado de Bispo he de perfeição; e o que o pertende, diz que tem perfeição, e nunca a tem, como diz São Bernardo lib. 4. de *Consideratione cap. 5.* A Hydra venenosa, e for-

midavel da heresia nasceo de se darem as Mitras por negociação; esta sempre está esteril de letras, e de virtudes: os que as tinhaõ para defeza da Igreja, se volveraõ, empregando tão mal o fructo dellas, que por vãos, e errados discursos cahiraõ nos erros atrozes das heresias; e isto porque viraõ, que se dava dignidade tão Sagrada aos idiotas. Nem a razaõ, nem a causa se póde approvar; porêm representamos a causa de tão execravel acção. As predações, que ha de ter hum Prelado descreve o Apostolo São Paulo em duas cartas, q' elereve a seus dous amados Discipulos Thimoteo, e Tito; são muitas, e todas necessarias sem dispensação: passaõ de trinta, bem que os Canones antigos se contentaraõ com affinar-lhe doze. Destas as mais principais conduzem para si facilmente as outras, e são: ser Douto, Santo, Prudente, Casto, Es-moler; a estas haõ de estar tão unidas a occupação, e dignidade, como estão as potencias à alma.

Deve a vida do Bispo ser tal, que não mereça huma leve reprehensão; e devem ser tão zelosos, que ainda quando durmaõ os sentidos, tenhaõ o coração vigilante como a Esposa: devem-se elmerar de forte em a pureza, que não só conservem os animos livres, que levanta o Seyo da sensualidade para escurecellos, se não que só a sua vista seja muda reprehensão, e freyos dos que, como cavallos desbocados, se despenhaõ em todo o genero de torpezas; e se devem exercitar tanto em a modestia, que só com seus passos, sua presença, sua voz infundaõ hum temor reverencial nos que o vem, como escreveo *Pelusioto lib. 2. Epistol. 264. & lib. 3. Epistol. 216.*, e o refere certo Poeta elegantemente nos seguintes versos:

In baculi forma Præsul datur hic tibi norma,

Attrabe per primum medio rege, pungeque primum,

Attrabe peccantes, rege justos, punge vagantes,

Attrabe, sustenta, stimula, vaga, morbida, lenta.

Deve

Deve ser taó geral a sua mièricordia, que aos pobres mais desconhecidos convidem à sua mesa. Devem haver concebido com seu estudo, e meditação cabedal taó copioso de doutrinas, que pareça que ha posto o Ceo em suas bocas as fontes da graça para o ensino, e prégação. Devem portar-se sempre com tal mansidão, e brandura de condição, que a nenhum atropellem de obras, ou palavras. Devem aborrecer de sorte o amor das riquezas, que ainda as adquiridas por meynos justos, e honestos, as repartaõ liberais aos necessitados. Deve resplandecer em seus costumes tanto a tolerancia, que sofraõ com serenidade aos que com calumnias, e accusaçoes os perseguem, como diz *Pelusioto Epist.* 216. Devem ser hum Sol formosissimo, que só deixando-se ver, desfaça enganõs, manifeste verdades, e affervore os coraçoes com a muda Rhetorica de suas luzes, como escreve *Epiphaniõ in Ancor.* Devem ser huma statua, que em apublicidade represente com vida todos os movimentos da virtude, conforme refere *Nazianzeno Oratione* 19. Devem ser hum espirital simulachro, em que se observem com diligencia os apices da mais esculpida, e sagrada Philosophia, segundo *Pelusioto na dita Epist.* 216. Devem ser hum clarim sonoro, que com o bem temperado de suas açoes infundão espiritos, incendaõ os animos, para emprenderem façanhas sobre suas forças, segundo *Diogens apud Stobeum, Serm.* 46. Finalmente devem ser fórma da justiça, espelhos da perfeição, modellos da piedade, amparo da innocencia, defensas da Fé, Mestres das gentes, Capitães do Christianismo, amigos do Esposo, Paraninfos da Esposa, eleitores dos Ministros, que como Anjos haõ de servir ao Senhor, mayores de seus rebanhos, guias de ignorantes, refugio de affligidos, advogados de pobres, esperança de miseraveis, tutores de orphãos, amparo

de viúvas, olhos dos cegos, linguas dos mudos, bordaõ dos velhos, vingadores de maldades, terror de delinquentes, honra de virtuosos, açoute de soberbos, martello de tyrannos, pay dos Principes, e Monarchas, arbitros das leys, dispensadores dos Canones, sal da terra, luz do mundo, Sacerdotes do Altissimo, Vigarios de Christo, Christos do Senhor, e por ultimo Deoses com a espada nua para castigo de Pharaos endurecidos: tudo he doutrina de *São Bernardo de Consideratione lib. 4. ad finem*; razaõ porque dizia Pio II. que tinha grande carga sobre si hum Prelado, mas que era bemaventurado o que a sabia levar; e que o Bispo nescio era peyor que o asno; e que assim como o Medico mata os corpos, assim o máo Bispo mata as almas.

A sciencia se póde supprir com a prudencia, que importa muito mais que a sciencia, se esta se acha sem prudencia. Ha de ensinar, ha de governar; e de mayor empenho he o governo, que o ensino, porque este se póde supprir por outros, e aquelle só por si, e assim será mais a proposito aquelle, que com muita prudencia não tem muita sciencia, que aquelle, que tiver muita sciencia sem prudencia. Os Theologos muy Theologos tudo querein reduzir a Methaphysica, e isso he bom para as escolas, e não para os Bispos, e se vê com experiencia os danos desta indiscrição, e que o fervor das consequencias se volve em remissão, e frouxidade no governo. Theologos grandes com prudencia, e exemplo, se haviaõ de forçar para os Bispos; porém he grande desgraça, que pertendaõ mais os que merecem menos; e mayor he que consigaõ sello, fazendo força com sua ambição até aos fados. Nisto se encarregaõ os eleitores. He patrimonio de Christo, fundado com o precioso preço de seu Sangue, e se deve olhar, e attender com grande espera, com huma, e outra medi-

meditação, com huma, e outra informação, a quem se ha de entregar. He maldade sacrilega introduzir o favor, ou negociação para emprego tão alto, misturar o Caliz do Sangue do Senhor com as fezes do mundo. Para a cavillação dos que pertendem se ha mister prudencia; para a suspeitosa importunidade constancia, para o favor ameaça, e castigo para a negociação. Haõ de ser buscados, e forçados, como o foi São Cornelio, como escreve *São Cypriano lib. 4. Epistol. 2. ad Anton.* São Gregorio, como tambem escreve *João Diacono na sua vida*: Thaumaturgo, São Fulgencio, como refere *Gregorio Niceno nas suas vidas*: Santo Anselmo, como diz *Edinario na sua vida lib. 2.* Santo Ambrosio, de quem escreve Paulino, que, por fugir a não ser Bispo de Milão, passou a infamar a mansidão de seu genio, e a estragar a opiniaõ de sua pureza, subindo-se ao tribunal da justiça, e mandando dar em sua presença varios tormentos para ser tido por rigoroso, e cruel, fazendo, que a desenvoltura de torpes mulheres entrasse em seu Palacio publicamente, para que o tivesse o Povo por licencioso, e indigno da Cadeira, a que o queria levantar sem faltar voto. Que a ambição tomará tão duros meyoos para conseguir o principado, como applicou Santo Ambrosio para escusar-se, para occupar postos tão soberanos; e nisto ha de carregar a consideração dos eleitores, e com isso descarregará sua consciencia. Como se compoem a ambição, e vaidade do que pertende com o officio que pertende? se he Anjo, soberba, e vaidade em Anjo, só coube em Lusbel. Anjos eraõ os Bispos de Asia, a quem por ordem do Senhor escreveu seu Secretario amado sete cartas, e houve em muitos muito q emendar. Se haõ de ser Anjos da guarda os Bispos, como o serãõ, se saõ Lusbeis pela ambição, e vaidade os que pertendem; e para esta occupação, ver-

dadeiramente formidavel ainda aos hombros Angelicos, como diz o grande Concilio de Trento, devem os Principes, e Conselheiros buscar em as Universidades, Conventos, e mais partes do Reyno fugeitos, que floreaõ na virtude, exemplo, e letras; que vivaõ com retiro, e desengano, anhelando à eternidade com desprezo das cousas do mundo; porque sempre occuparaõ o posto dignamente os fugeitos destas prendas.

Com igual cuidado devem cerrar as portas às pertençaens de novos Bispos; porque as cerraõ aos pobres para pertenderem, e atirarem para as Bullas; e pertender mais rendas não carece de peccado, e por esta parte he sacrilega a pertençaõ, e se fez com dispendio de suas consciencias, e ruina dos pobres, que clamaõ todos com lamentaveis gritos ao Ceo; e por isso Santo Antero Papa, e São Pelagio Papa, perguntados se eraõ licitas as translaçoens, e promoçoens de huns Bispos para outros, responderaõ, que sem justa causa, e necessidade urgente eraõ illicitas: e o *P. Vasques tomo 3. in 3. part. disp. 241. cap. 7.*, e *Luiz de Torres in Theologia Morali tract. de Sacramentis cap. 31.* dizem que a translação, feita sem justa causa, não só he peccaminosa, mas invalida; e o *Papa Leão Epist. 84. Decret. 8.* escreve, que se algum Bispo, desprezando a pequenez do seu Bispado, aspirar a conseguir outro de mayor lustre, e mais celebre com qualquer pretexto, não só seja privado da Igreja, a que aspira passar, se não tambem da que possui; para que pelo desprezo, e avareza, com que deixa a primeira, e ambição, com que pertende a segunda, leve a pena de ver-se privado de ambas. Pertendeo Henrique VIII. de Inglaterra, antes de ser herege, com Fichero Bispo Refense, que por suas insignes prendas passasse a mayor Bispado, em que seu ardente zelo fizesse

se mayor fruto; e lhe respondeo, que se teria por ditoso, se daquelle pequeno rebanho acertasse a dar inteira conta, quando lha pedisse o Senhor: *Sandor. lib. 2. de Schismat. Anglicana* o refere; e o mesmo afirma *Baronio tom. 3. Annal. ann. 334.* de Eusebio, Prelado de huma Diocese muy curta, que não quiz passar para Antiochia.

L I Ç A M XXV.

Do modo, com que se deve haver no Governo.

HE a arte de governar a mais difficil de todas as artes, como sente o Angelico Doutor *de Regimine Principis lib. 2. cap. 15.*, cuja difficuldade havia ja confessado *Plataõ Epist. 7.*, e São Gregorio Nazianzeno lhe chama arte das artes, sciencia das sciencias; porque entre todos os animaes o homem he o mais vario em os costumes, e diverso nas vontades. Engenho, e modo levantado pede dogmar vontades tão varias, e emendar costumes tão differentes; e para isto ha de conhecer as inclinaçoens, e affectos humanos, ou por natureza, ou por condiçãõ particular, do mayor até o menor, para applicar a cada hum a medicina conforme o humor em que pecca, que he o leme, que governa a não de todo o governo, que pede alta consideraçãõ; para cujo acerto daremos neste Capitulo as regras mais principaes, que deve guardar todo o Ministro, que procurar, e desejar fazer sua obrigaçãõ, e lograr creditos de justo, prudente, e sabio.

Seja pois a primeira regra em os Ministros, ou Politicos, ou Militares, ou Ecclesiasticos, *o pórem alvo, a que dirigir as acçoens: Quicumque rem recta ratione inceperit, bonum illius certo sperabit exitum:* o Politico em executar justiça ás partes: o Militar em defender o Reyno, o

offender ao inimigo: o Ecclesiastico em o bem das almas; e a cada hum destes alvos dirigirá cada hum as suas acçoens; porque pelo fim, a que se dirijaõ, he a primeira regra de acertallas, como escreve *Seneca de Tranquillitate vite lib. 1. cap. 11. & Epistol. 95. & 96.* Ociosa he, e delcuidada a vida, a que falta algum motivo superior, que a governe. Quem obra sem determinar o fim, mal póde acertar a eleiçãõ dos meynos; e errados estes, nunca achará termo, em que descançe. Obrar por obrar, he procedimento de brutos, que não sujeitos ao imperio da razãõ, governaõ suas acçoens pelo instincto. Sobem as formigas da raiz até o alto da arvore, e baixaõ com a mesma diligencia, porém sem outro fruto: assim procede o que emprega suas forças sem proposito, cuja vida he huma ociosidade inquieta, e trabalhosa. O homem pois illustrado com a razãõ, e em cuja alma reverberaõ os rayos da Divina sabedoria, como diz *Seneca Epist. 95.* deve, como os que navegaõ, endireitar o curso de sua peregrinaçãõ a hum Astro immobil, por cuja elevaçãõ se determine. Depois que o caçador, como tambem diz *Seneca Epist. 11.* ha fixado o alvo em que poem seus intentos, levanta em devida proporçãõ a mira, e modera o pulso para não errallo. Perdidas vão noílas resoluçoens, se não tem fim a que se dirijaõ; e nunca achará vento favoravel o Piloto, que não determina primeiro o porto. Quem deseja hum caminho real para penetrar sem perda, nem rodeyo pelo Labyrintho de tão varios accidentes, como tem a nossa vida, fixe no pólo da Divindade o fio de ouro de sua recta intençãõ; que, se o não deixar, em quanto a puzer nelle, irá seguro. Aquelle, que sem mais eleiçãõ, que o seu desejo, se alarga inconsideradamente pelas delicias, e se occupa em exterioridades, e vãos divertimentos, mal póde acer-

tar com o summo bem, diz *Plataõ de Legibus Dialog. 4.* mas aquelle, que o tem sempre à vista, e encaminha como a seu alvo todas as suas acçoens, de nenhuma se sentirá arrependido. Com isto blasonava *S. Paulo ad Corinthios 9. n. 26.* dizendo, que corria direito ao termo, e que não eraõ cutiladas ao revez as suas brigas. Poderá sem esta regra sahir alguma acção acertada; mas tal obrar nem será igual, nem continuo, porque não tem fim, que o determine, e o caso, ou uso daraõ huma certa appa-

rencia às acçoens, porém não são seguras, se falta termo, que as qualifique: he doutrina de *Seneca Epist. 95. e 96.* O glorioso Imperador Carlos. V. dizia, que o primeiro gráo da prudencia era a recta intenção de não errar. Não he outra cousa a recta intenção, que hum fixo amor da Divindade, diz *São Gregorio 1. Reg. cap. 1.* Ponhão os Ministros os olhos em Deos em todas as suas acçoens, e seja este o alvo, a que se encaminhem, que logo sahiráõ com todo o acerto, como bem escreveo o Poeta Wem:

*Certa sagitta fides, nervus tibi spes, amor arcus,
Sit tibi Cælum meta, scopusque Deus.*

Consultem-no por meyo da oração, porque a oração he o meyo com que se alcança de Deos tudo o que se per-

tende, como elegantemente cantou o mesmo Poeta:

*Christus ut clausis penetraverit ostia portis;
Sic Cæli perviunt invia claustra preces.*

Obriguem-no com huma vida muy justificada, que tudo lhes cahirá à medida do desejo, e emendem-se primeiro, que esta he a mayor maxima para poderem emendar aos mais, como refere *São Bernardo Sermone 71.*

Seja a segunda regra *vestirem-se de verdade, e rectidão*, virtudes heroycas de todo o Ministro; e dispaõ-se de paixões, de temor, amor, ou ira, inimigos capitais do entendimento, pois como diz *Virgilio lib. 2. Ænead.* se lutaõ com o homem, será certa a cahida; donde a vontade se inclina, alli se applica o engenho, e contra quem a ira se empenha, se arma o entendimento: donde nasceraõ os adagios: *Amor cega a razão, e a ira he loucura do tempo que dura.* Não affectem a avareza, que he venda dos olhos da razão; porque não de outra maneira que os miroens do jogo alcançaõ mais lanços delle, que os jogadores, porque a estes cega o interesse, de que estaõ livres aquelles,

o que tem cativo o entendimento nas cadeas do tyranno interesse, como salto delle, não alcança nenhum de ração. Infelices são por certo os Reynos, cujos Ministros são Glaucos, e Midas, attentos ao interesse proprio com desprezo do publico, sendo, como he, impossivel occultar seus affectos, como de luzes postas sobre levantadas torres; e cuidadosamente advirtidos pelo vulgo, Argos de tantos olhos. Conta *Cassiodoro lib. 5. Epist. 3.*, que gabando Theodórico a hum Ministro seu, rematou seus louvores, que havia servido sempre sem cobiça, e com ella desejado sempre sua graça. Digno por certo era della.

Observem por terceira regra *humana medida em fallar determinada, e nenhuma em ouvir.* He conselho de *Cassiodoro lib. 12. in Proæmio*, porque a facilidade da audiencia no Ministro he como medicina de Italiano, que tudo lara: he virtude, que supprime muitos defeitos, e vicios. O Po-

vo deseja ver, e dar queixas ao Principe, ou a seus Ministros, e de duas cousas que pertende alcançar, huma ser ouvido, outra remediado, se consola com a primeira, ainda que não confira a segunda; e de mais deste bem particular, ha outro publico, que os avisos se recebem a tempo, e em a occasião que convem, e de outra sorte se passa, ou se cança o negociante, e se perde o aviso, ou advertencia com damno publico. O costume santo dos Tribunos de Roma de terem sempre a porta aberta a todas as horas, valeo ao outro Consul Romano para remediar a tempo a conjuração de Tarquinio.

Por quarta regra observem muito serem apraziveis, e cortezes, que com isto conciliarão o amor publico; como de Germanico conta Tacito, que estas qualidades o fizerao taõ amado, que lhe derao o Imperio, se não se anticipara a sua morte; e serem muito modestos em suas açoes, pois da modestia resultará publico louvor, e se são altivos, e de animo elevado, os acompanhará perpetuo o dio. Com a modestia faraõ amavel a sua audiencia, e com a elevação aborrecivel, e odiosa; razão porque disse Seneca, que o que deseja perseverar no governo, mansamente governe: *Qui vult regnare, languida regnet manu.* Com a elevação accrescentaráo temor ao timido negociante; porque he natural proprio dos homens temer, e reverenciar a grandeza; com que perderão os Ministros a graça do Povo, e tambem a do Principe, a quem será preciso mudar por mais que os amem; porque he superior razão de estado perder hum por não perder muitos; e o Povo offendido, publica suas queixas sem temer a nada, que por ser muito, não está sujeito a castigo; como disse *Josepho de Bello Judaico lib. 6.* e o amor do Povo não he para desprezar, porque he o que qualifica ao Principe, e sustenta a

seus Ministros. Elle dá, e tira a opiniaõ, humilha, e levanta os juzeiros, desfaz os agravos, agrava os delictos; e he com effeito fiscal, que Deos toma para instrumento, que castiga poderosos, cujo açoute he a opiniaõ, filha do vulgo, e voz de Deos.

Guardem por quinta regra a *clemencia do Principe*, representada na Rainha da abelhas, nascida sómente sem pico para não offender cousa alguma; porque como diz *Seneca lib. 1. declamat. cap. 24. & 2. de Beneficiis cap. 17.* he mais facil obedecer ao que manda com brandura; e o Principe com sua humanidade ennobrece os mais humildes, e pequenos; e por isso lhe chamou *Homero Pastor dos Povos*; e seja o nosso muito amado Rey, e Senhor D. Pedro que Deos nos guarde, exemplar mais vivo della, sem lisonja algua, clementissimo sobre quantos haõ passado, ainda que entre elles se conte Filippe Rey de Macedonia, que havendo ouvido palavras livres a hum Embaixador de Athenas, volvendo o rosto a seus companheiros, lhes disse: Dizey aos de Athenas, como hey ouvido a este sem indignar-me, vencendo em modestia ao que devós outros não ha fallado palavra alguma. Refere *Plutarcho in vita Demofiben.* que escrevendo este a Alexandre, lhe dizia que nenhuma cousa o fazia mais semelhante a Deos, que a clemencia, fazendo bem ao vassallo, perdoando ao delinquente, beneficiando ao supplicante; porque a severidade continua, e o animo severo faz odiosas as virtudes. Com nenhuma cousa se ganha mais o amor publico, que com humanidade cortez, e palavras brandas; e com nenhuma se perde mais, que com a severidade, e dura condicão. Cobraõ temores subditos pay do aborrecimento. O Ministro, diz *Marciano*, não deve affectar gloria de demasiado, ou severo, senão contra pezar a severidade, ou clemencia segundo a gravidade das cousas; em as pe-

quenas usar de brandura, e de severidade em as mais graves, temperada com alguma benignidade.

Assim como o Principe não deve ser cruel, nem remisso, devem os Ministros imitar ao Principe, tendo por sexta regra de seu governo *naõ serem cruéis, nem remissos*; porque se se inclinarem a crueldades, os aborrecerão como inimigos, como Leões irritados, como Ulfos sanguinolentos, como escreve Salomão. Mais horroroso, e feyo o pareceo a Seneca Alexandre mandando cortar as orelhas a Teléphoro, que o mesmo Teléphoro com tão grande crueldade; e a Dionysio Caligula lambendo o sangue das espadas, com que mandava cortar as cabeças, do que os mesmos mortos. Melhor he ser amado o Principe, e o Ministro com temor, que temido com aborrecimento. O temor he violento, e o amor natural; e a natureza he perpetua, e a violencia não. Sempre fazem força os homens contra os que aborrecem, se não com o corpo, com a vontade. Aprizionalla com grilhões de benevolencia, e será doce a prizaõ, com ferros do temor será cruel ferro; e se o virem remisso, se atreverão ao respeito, e o negarão, como succedeo a Henrique V. de Castella, e ao nosso D. Sancho o II. e em chegando-se a perder, se perderá o Reyno. A ley, e o supposto do Rey sustentaõ o Reyno: se falta o respeito, falta a ley, e sem ley, não ha governo, que permaneça. A justiça se ha de fazer para serem temidos os Principes com respeito, acudindo ao consolo de todos para serem venerados com amor. Luiz XI. de França, logo que entrou no Reyno, fez muitas justicas em o mais grañado do seu Reyno, desarmou os vassallos de virtudes, e armou os Senhores de aborrecimento, e esteve a pique de perder a Coroa. Deste perigo aconselhava ao depois a Delfim se guardasse, tendo a vista o escarmiento.

Em oberço de seu Imperio foi de todos amado Nero, porque usou de benignidade, e clemencia: fez sepulchro sua crueldade, quando deixou de ser benigno: foy tão tyranno, que se matou a si mesmo, tragedia, que viraõ os muros da porta Flaminia: não pode achar mais sanguinolento verdugo que seu braço, para castigar em si tantas crueldades. Por benigno, e humano subio Cesar a ser imperador: perdoou, e ainda honrou a seus inimigos, e deu a vida a quem lha quiz tirar: rebentou em lagrimas, vendo a cabeça de seu inimigo Pompêo morto, a quem havia perseguido injustamente vivo: passou de benigno a cruel em esta perseguição, e dispoz o Ceo, como os mais reparaõ, que depois de morto, cahisse seu tronco cadaver aos pés da estatua de Pompêo, condemnando entãõ sua crueldade, quãto se havia antes celebrado sua clemencia. Foy por esta amado de todos, e porque favoreceo as virtudes, castigando os vicios, provocava aos seus a espantosas empuezas, e conseguia com elles incriveis victorias. He o Principe a todos commum, e ha de influir como cabeça em todos. As terras ou se enchem de frutos, ou se esterilizaõ segundo os bons, ou maos temperos: A justiça olha o rigor, a clemencia o amor; do rigor, e amor nasce a abundancia: hum premêa, outro castiga; e estes são os dous eixos do governo. Fará as merces por suas mãos, os castigos por outras. A misericordia, e a verdade guardaõ o Reyno; e a benignidade, e fortaleza seu throno, dizia Salomão, encõmendando aos Reys mais o amor, que o rigor: Mais sustenta o amor do Principe aos vassallos, que o trabalho dos vassallos ao Principe. Os homens se movem mais por amor, que por temor, e he porque anima mais a esperança do premio, que do castigo. Aprizona as vontades dos proprios estranhos a benignidade, e amor del Rey; e he constante,

que

que Roma augmentou mais seu Imperio com benevolencias, que com victorias. Em o mais alto do sceptro punhaõ os antigos huma Cegonha, e em o mais baixo hum Hypopótamo, animal cruel; dando a entender aos Reys, que a clemencia havia ser primeiro que a crueldade. Com a justiça, dizia El Rey D. Affonso de Aragaõ, ganhara os affectos dos bons, e com a clemencia os dos máos. Aos Reys ungiaõ com azeite nas Letras sagradas, para que fossem brandos, e compassivos. Abraça-se com amor a justiça, e a paz, quando se faz o castigo com brandura. Justiça sem piedade não he justiça, se não crueldade. Piedade sem justiça não he piedade, se não impiedade. Não menos se periga com a justiça rigorosa, que com a injustiça; como perigou El Rey D. Joaõ II. de Castella com desgraça sua, e de seus vassallos; e Dionysio de Sicilia. Do Zodiaco allumia a todas as estrellas o Sol com luz flamante mayor, que todas; porque não podia repartilla, se o não fora. Ha de allumiar, como Sol, o Principe do zenith de sua grandeza, com clemencia, e justiça. He cousa Real, e benigna visitar todo o seu Reyno como Astro benigno, desfazendo toda a nuvem de pleitos, soccorrendo os affligidos, e repartindo reiplandores de benevolencias com todos, como faziaõ os nossos D. Pedro o Justiceiro, e D. Joaõ o Perfeito; dando audiencia a todos, tendo por descanso esta fatiga; e por este respeito foy com excellõ amado Trajano de seus vassallos; e não ha meyo como este para ser amado, e adorado de todos.

Os sacerdotes Gregos offereciaõ ao Sol mel, como Governador, e Principe dos orbes celestiaes; dando a entender, que os Principes haõ de ser dóceis, e suaves em seus governos. Deos da nosa parte he justo, e da sua bom, diz o profundo Tertulliano: ha de ser o Principe justo, bom, e suave como Deos, se quer ser felicissimo como

Deos: castigará pouco, e perdoará muito; que assim o faz Deos. Pará mais esclarecido o perdaõ, quando houver menos occasiaõ de perdoar. Entre a severidade, e clemencia, fazer-se ao lado desta virtude, será mais acertado, que assim será mais amado, que temido, como ensina Santo Agostinho. Para fazer estaveis os Reynos haõ de os Principes estar mais cercados de amor, do que de armas. Nenhuma cousa lhes aillenta melhor, que a clemencia, pois a abelha tem pico, e não ulá delle. Antigono Rey era soberbo, avaro, e affeminado; e com estes vicios o amavaõ seus vassallos, porque era clemente. Governava em Babilonia Evilmerodach, Principe insolente, e severo, e não tinha, por selo, paz com seus vassallos: enviou-lhe hum Philosopho hum jogo de xadrês, porque nelle aprendesse a governar: jogava, e olhava como El Rey no taboleiro se differencava pouco dos peões, e que, acabado o jogo, peões, e Rey, e mais petrechos todos se deitavaõ sem ordem em huma bolsa: havendo-o visto o Rey com reparo, e consideração, deixou o severo, e foy amado, e temido de seus vassallos, e inimigos. Não impede a justiça a benignidade: dá o modo para que se execute, e aproveite: como a fizer o Rey, a faraõ os Ministros, com o modo possivel, e differença, que vay de lenhor a servo; porque o Principe poderá talvez perdoar tudo, e o Ministro não póde ser mais clemente, que a ley. Saõ os Reys espelhos, onde todos se vêm, rologio, por onde todos se governaõ, norte por onde todos se regem, e saibaõ, que não he melhor a fama do Principe rigoroso, que a fama do Principe clemente.

Com discreta balança deve pezar o Principe, quando entra no governo dos Reynos, os erros que ha de perdoar, ou castigar. Haverá muitos, que não mereçaõ nenhum castigo; e outros, que não mereçaõ

nenhum perdaõ. Em algumas offensas ha mister diffimulaçaõ, e destreza, de que se valeo D. Fernando o Catholico, quando entrou no Reyno, e Tiberio com os que assistiraõ, e patrocinaoõ o escravo de Agrippa. Em chegando ao precioso a justiça, se ha de executar com determinação, e valor, fiando na authoridade, e não duvidando do poder. Com hum freyo na mão sobre huma roda pintaraõ a vingança os antigos, segundo Cartario: a roda do governo com o freyo da justiça não he vicio de vingança, mas he virtude. Exorbitancia de muitos será forçoso castigar com exorbitancia: não se ha de regular, porque não costumão ser regulares. Melhor he que se perca hum, que não a unidade. Ha-de-se cortar o braço para segurar a cabeça. Ha de castigar as offensas feitas em seu governo contra sua pessoa, e Magestade, e as do governo passado. O castigo do atrevimento contra o antecessor, he seguridade do successor. Mandou matar Vitelio Imperador aos que concorreraõ em a morte de Galba, para escarmento do futuro. A justa medida divide o mayor do menor: o pezo, e o fiel ajusta o pezado, e o ligeiro. O numero verdadeiro aparta o menos do mais. O juizo prudencial do Principe ha de ser numero, pezo, e medida em a entrada do seu governo, porque assim o fará eterno. Cobrou nome, e fama de piedoso o Imperador Tito, a quem chamaraõ as delicias de Roma, castigando: e Carlos VII. de França assentou a sua Coroa, porque perdoou aos rebeldes de Pariz. Comprou grande credito em o berço de seu Imperio Salomaõ à custa de Joab, e Semey pelos injustos agravos, que fizeraõ a David. A Mecio mandou matar Tulio Hostilio, para assegurar o dominio de Albania, e foy depois humanissimo Principe. Pondo no Senhor os olhos, e confiança da

ley, tirará a discriçaõ, e exemplo. Os erros dos vassallos se haõ de advertir como de homens, que nascem errando. Em todos os que se achar margem para o perdaõ, he mais digno perdoar, que castigar. Deos perdoa: não póde errar o homem, que faz o que faz Deos. Para coroar-se Trafibulo em Grecia, teve grande opposiçaõ de inimigos; coroou-se, e temeraõ, mas tirou-lhe o temor do coração, pondo huma ley, a que chamou do esquecimento, para que não se castigasse por aquellas culpas a algum. Offendeo gravemente hum homem a Elio Adriano; coroou-se, e temeo-o; disse-lhe Adriano: *Escapastes do castigo, porque não sou já Elio Adriano, se não Elio Imperador.* Chegou a seu Rey de França hum Duque de Orlans, a quem sendo Duque, havia offendido gravemente hum graõ Senhor; disse-raõ-lhe, sendo Rey, que o castigasse, e respondeo com grandeza de Principe: *Não convem ao Rey de França, vingar os agravos do Duque de Orlans.* No castigo do culpado se ha de ter por alvo o exemplo, e a emenda. Os males da pena costumão ser remedios da culpa. A execuçaõ para ser acertada, ha de escarmentar aos que a vem, e aos que a ouvem: será como o vaso, que cahe com espanto de muitos, e perigo de poucos. Assim o fez Durso cõ Tiberio, Joab com Absalaõ, Elias com os Sacerdotes, Saõ Paulo com o Mago Elimas Menor remedio he a execuçaõ, que a ameaça, porque aquella descompoem hum, e esta compoem a muitos. O medo enfrêa mais que a dor; esta tem seu termo; o medo não; porque nos dóe o que padecemos, e o que não padecemos, tememos.

No juizo não faça accepçoens de pessoas, porque por isso pintavaõ os Thebânos aos seus Juizes olhando para o Ceo, e sem mãos. Os Lacedemonios julgavaõ encerrados sem veras partes, mas

mas viaõ as causas, para que pozefsem os olhos nestas, e naõ naquellas. Os Arcopágos sentençaõ com os rostos cubertos, e de noite. As lagrimas dos pobres achem mais compaixão, que a informação dos ricos, mas naõ mais justiça, e em igual sempre he justo que favoreça o que póde menos; porque aos que favorecem aos que pódem pouco favorecerá o Senhor, que póde muito; e esta seja a septima regra.

Por oitava regra guardem os Ministros o serem doces, e capazes de reformar-se com razão, e conselho, e naõ temerarios, e caprichozos, daquelles, que *Terencio in Adelph.* diz que naõ lhe parece bem, mais do que elles dizem. *Tito Livio lib. 1. Decad. 5.* chama soberbos, e imprudentes àquelles, que sómente se fiaõ do seu parecer; e de ordinario erra quem se governa pelo seu parecer, disse *Platao*. E o conselho se deve tomar dos que entendem a materia em que se pede, refere *Horacio lib. 4. Od. 4.*

He muito importante, que os Ministros se recolhaõ em suas casas, e se abstenhaõ de jogos, caçadas, pescarias, e tratos particulares com os subditos; porque faltaõ com isso ao despacho das partes, e se afeição, e tomaõ particularidades, de que nasce naõ fazerem a justiça como devem, e serem sempre de melhor partido os amigos, por cuja causa saõ muitas vezes mais partes nos seus particulares, com damno da justiça, e escandalo dos Povos; e esta seja a oitava regra, que devem guardar os bons Ministros.

Os Ministros se criaõ para governar os Povos em paz, e quietação; e assim seja nona regra, *porem todo o cuidado, e diligencia em aquietar os tumultos, e apagar as discordias, em que se abrazaõ as Cidades.* O mayor louvor, que mereceo *Traiano Imperador*, foy o cuidado que teve em materia taõ importante, como refere *Plinio in Pa-*

negyrico. Mas oh lastima digna de todo o sentimento! que experimentamos de ordinario, que os Ministros saõ os que as mais vezes os fomentaõ, fazendo-se praeiais; a que he necessario acudir com toda a demonstraçaõ de castigo.

Ultimamente devem os Ministros tratar-se com temperança no comer, beber, e vestir; porque do modo com que usarem destas cousas, se fará argumento para as mayores, e quem nellas naõ poder temperar-se a si, mal poderá temperar, e governar aos outros as mayores. Sendo iguais na justiça, premeando os benemeritos, castigando os culpados. Nas resoluçoens prudentes, nas acçoens acertados, constantes nas eleiçoens, considerados nas palavras, verdadeiros, dos verdadeiros amigos, com as primeiras culpas favoraveis, com as repetidas severos; da ociosidade inimigos, de suas obrigaçoens cuidadosos, attentos nas paixõens, reportados, com a fragilidade compassivos, com as obstinaçoens rigorosos, com os serviços liberaes, com as ambiçoens avaros, com as molestias do governo pacientes, com as importunaçoens dos necessitados affaveis, com os astutos acautelados, com os candidos benevolos, com as queixas dos nescios compostos, com as miserias benignos, com os divertimentos austeros, com as adversidades sofridos, com a religião observantes, com suspeitas escrupulosos, com os agravos dissimulados, com o bem publico zelosos, com os interesses propios isentos, com as novidades estranhos, com os alvitres aconselhados, nos conselhos advertidos, no tratamento cortezes, com os amigos apraziveis, com os contrarios modestos, do alheyo escaços, do proprio liberaes, para ninguem esquivos, e para todos com agrado.



PALESTRA TERCEIRA

L I C, A M I.

Da Virtude da Fortaleza.

NA terceira cadeira das faculdades da alma lê de Prima a virtude da Fortaleza, que he huma virtude, que modéra o temor, e o atrevimento; e hum meyo, que tempéra estes dous extremos, a qual define Santo Thomaz desta maneira: *Fortitudo est virtus moderativa timoris, & audacie:* e Aristoteles a define: *Virtude, que se atreve a empresas grandes, e emprende acçoens terriveis: Est aggressio terribilium.*

Medêa esta virtude entre o temer, e não temer os males, que destroem a vida corporal por algum fim honroso. Assim como o resplandecente passaro Mocofronis se não póde ver se não de noite, assim esta illustre virtude se não póde conhecer se não entre as sombras dos vicios cobar-

dia, e temeridade; porque o cobarde tudo teme, o temerario tudo confia: o forte porém nem teme donde deve confiar, nem confia donde he necessario temer: e assim propondo-se hum objecto horrivel, e perigoso, o cobarde o considera todo, e o temerario o considera nada; porém o forte considera o que he preciso para sahir com huma acção honrada. A natureza não fez a todos os homens dispostos para a fortaleza, porque não deu a todos hum mesmo corpo. O commercio humano necessitava diversas artes, e estas diversos talentos, cuja diversidade nasce da que ha nas compleçoens, as quaes se devem regular, e corrigir por esta virtude. Os homens frios são timidos por natureza: os muy calidos são temerarios; os colericos, e fleumaticos são os em que de ordinario se acha esta virtude. Engana-se por dito vulgar quem cuida, que he mais forte o que tem mayor cora-

coração; porque nenhuma das feras he mais forte, que o Leão; e nenhuma (proporcionalmente) tem mais pequeno coração; e se pedirmos a razão d'isso aos Philosophos, que conhecem melhor os effeitos por suas causas, responderão, que no coração mais pequeno se reconcentra os espiritos vitais, de que procede o esforço, com mayor uniaõ, e que por isso rompem em mayor fortaleza; e que no coração grande estão mais espalhados, causa porque suas acçoens são menos ani-

mosas. A sobrada frialdade do peito produz a cobardia, e do sobrado calor dos bofes nasce a temeridade; e por isso o temerario fua, o cobarde treme, e o forte, como não tem nem demasiado calor, nem demasiada frialdade, obra com coração, e juizo. Muito ajuda para a virtude da fortaleza a generosidade herdada dos mayores; porque de ordinario os fortes nascem de fortes, como disse Horacio.

*Fortes creantur fortibus,
Est in equis patrum virtus.*

Razão porque os Psilos conheciaõ por seus filhos aos seus, quando manoscavaõ sem temor, e sem damno huma vibora, que lhe punhaõ diante; e as familias, e naçoens bellicosas conheciaõ os seus, se postos ao perigo, os viaõ intrepidados, e firmes. Nascidos de máy adultera foraõ Hercules, Ificles; Hercules foi julgado por filho de Jupiter, e Ificles de Amphitrion, porque ambos assaltados improvissamente de huma Serpente, fugio Ificles, e Hercules a destroçou. O cobarde, e o forte mostrão differentes berços, quando presentando-se ao inimigo, volve hum a espada, e outro a cara, mas sem heroyca creação degeneraõ os filhos da valentia dos pays. Da valente cadella de Licurgo hum cachorro criado nos bosques, foi fero contra as feras, e o outro criado na cofinha, foi timido, e goloso; e provando-os em huma falla, igualmente com dous objectos dissimelhantes, hum correo atraz da fera, e o outro se foi á sopa. Observaõ os naturais, que a quarta geração dos fortes degenera em furiosos, sobre que se disputa com sutis, e problematicas razoens; e eu creyo, que não ha outra mais forte, que esta: porque como os homens fortes poem mais cuidado em as obras externas,

do que em as domesticas, e assim se descuidaõ com a criação dos filhos, ainda que haja nelles vontade de fazer cousas fortes, lhes falta a criação, e parece furiosos, porque são temerarios, não sendo a temeridade outra cousa mais que hum fogo sem cordura; donde veyo a dizer Cicero 4. *Tuscul.* que não podia haver fortaleza aonde não tinha lugar a razão; *Neque enim est fortitudo, que ratio- nis expers est.* Tambem a Patria faz os homens fortes, não menos que os progenitores; pelo que só Elparta era Patria de Varoens; porque a qualidade do sitio os fazia vigorosos, e a falta de mantimentos os obrigava a buscallos com as armas. Nasciaõ daquelles penhascos moços mais constantes, e insensiveis que os mesmos rochedos: viaõ de sua carne despedaçada correr todo o sangue sem huma lagrima; e primeiro lhes sahia a alma, que hum suspiro; gloria, em que a todas as naçoens do mundo se aventajaraõ os nossos Portuguezes, porque deixadas as victorias, que de Mouros, e Gentios alcançou ElRey D. Joáo I. quando tomou Ceuta. D. Affonso V. quando tomou Arzila, Alcaçaré, e Tangere, e as que os Capitaens delRey D. Manoel, quando conquistaraõ as costas de Africa, e India

India, e sustentaraõ os famosos cercos de Ceuta, Alcaçare, Arzila, Tangere, Mazagaõ, Diu, Chaúl, Calecút, Ormuz, Goa, Columbo, Cananór, Cochim, Maláca; basta saber-se, que o famoso Achilles Lusitano Duarte Pacheco venceu, e destruiu com pouco mais de cem homens ao Camorim Imperador; Antonio Galvaõ com cento e cincoenta ganhou Tidore em Maluco a oito Reys juntos, com gente, que naõ tinha numero; Paulo Dias com duzentos Portuguezes em Angola destruiu, e venceu hum exercito de hum milhaõ, e duzentos mil homens; e que Viriato com poucos Portuguezes teve o Imperio Romano taõ abatido, que se às mãos de huma traiçaõ naõ acabara a vida este invicto Capitaõ, he sem duvida que o Imperio de Roma se passara para Portugal; e d'elle cantou *Lope de Vega Carpio na sua Arcadia lib. 4.* os versos seguintes:

Yo vi al Romano a mis piès;
Mas para que conta os doy,
Pues basta dizer que foy

-----*Vivite fortes,*
Fortiaque adversis opponite pectora rebus.

Com tudo sem prudencia, que só nos velhos se acha, naõ se póde emprender acçaõ heroyca, como diz *São Bernardo lib. 1. de Consolatione: Non enim fortitudo, aut temeritas quilibet ausus, quem non parturiunt prudentia, aut consilium.* O decrepito Priamo, ultima reliquia de sua Patria destruida, vendo à sua ilharga a inevitavel espada do cruel Pirrho, que teve coraçãõ para sacrificarlo à fraudulenta victoria, invencivel toda via, ainda que vencido, com maõ languida, e animo forte arremeçou contra elle o dardo debil, que tocando com ronco som o impenetravel escudo, tornou a cabir sem effeito, mas naõ sem gloria; porque esta acçaõ bastou a illustrar o infortunio dos vencidos, e a frontar a glo-

Español, y Portugues.

E Joaõ Botero na *Relaçãõ Universal do mundo 2. part. lib. 4. tit. Rey Catholico* affirma, que naõ saõ menores as façanhas dos Portuguezes, que as de Alexandre Magno; e o habito he o que mais estabelece esta virtude, e assim sempre he mais formidavel hum terço de veteranos, que hum exercito de bisonhos, porque estes a qualquer relampago da espada se julgaõ mortos, e aquelles se burlaõ com a morte como familiares seus; razãõ porque escreve Seneca, que o continuo assalto dos perigos habitua valor para desprezallos: *Contemptum periculorum assiduitas periclitandi.* O forte, ainda que com a idade, e feridas tenha quebrantadas as forças, tem sempre o animo inteiro, e em qualquer acto mostrará o habito; porque supposto que Hocacio excite os moços à peleja, porque nelles a florecente idade promette desempenho de luzidas emprezas, e as victorias certas nas batalhas mais duvidosas:

ria dos vencedores.

Nenhum perigo apprehendiaõ os antigos Celtas; e os Ciclopes se jaçtavaõ de desprezar os rayos de Jupiter, e tambem de poderem fulminar penhacos contra elle. Nem todo o perigo he objecto da fortaleza: teme o forte o rayo do Ceo, mas naõ teme o da espada; teme as pestes publicas, mas naõ teme as proprias feridas; teme os naufragios do mar, mas naõ as inundaçoens de seu sangue; porque taõ temerario he quem naõ teme os perigos mayores, que as forças humanas, como cobarde que teme os perigos iguais às suas. Teme o forte as ameaças dos Principes, e o furor da multidãõ, porque aquelles saõ Deoses terrenos, e esta he fera de mil cabeças, e trez

fóbaftaõ a compor huma formidavel chimera. Alcides, idéa da fortaleza, batalhando fó com dous competidores em os jogos Olympicos, ficou vencido, e poriffo naõ querendo pelejar fó contra a Hydra-palufre, e Caranguejo marinho, chamou em fua ajuda a Jallão. de que nasce o proverbio de *Plataõ*: *Nem Hercules contra dous*. O acometer com ventagem naõ he gloria do que acomete, nem afronta do acometido o naõ igualalla; e poriffo deve o forte emprender perigos iguais às fuaſ forçãſ, o naõ experimentar os superiores, nem intentar os menores, como eſcreve *Horacio lib. 1. Od. 3. & lib. 3. Od. 1. & lib. 4. Od. 4.*, e ſe vê nos verſos ſeguintes:

Señores gigantes
 Dos de aqueſto tiempo,
 Miren lo que cauſa
 El cuſpir al Cielo;
 Con las fuerçãſ cortas
 De ſus devanços
 No levanten montes,
 Que caíran ſobre ellos:
 Detengan las riendas
 A los penſamientos,
 Si a los impoſſibles
 Bolaren ligeros.
 Con ſus penſamientos
 Midan el ſugeto,
 Que el que nó ſi mide,
 Se arrepiante preſto.
 Porque ſi ſe enoja
 Jupiter eterno,
 Con moſquitos vence,
 Sin rayos de fuego;
 Yaun a cà en el mundo
 Caſtiga al ſobervio,
 Con que en el mundo todo
 Le tengan por neſcio.
 Pienſas ſubir con jaçtancia
 De peña en peña encumbrados,
 Haſta la Divina eſtancia;
 Pero baxan deſpeñados:
 En pago de ſu arrogancia.
 Deſdenhava-ſe Aſcanio de caçar pe-

quenas feras, e de gaſtar frechas heroicas em Gamos fugitivos; e o que deſejava, era que deſceſſe dos montes hum Leaõ feroz, ou que ſahiffe dos boſques hum Javali arrogante. O forte naõ encaminha as armas contra hum inimigo vil, donde o vencer naõ he gloria, e o ſer vencido, afronta; porque ſegundo Terencio, naõ póde chamar-ſe façanha illuſtre a que ſem evidente perigo ſe conſegue; *Non fit ſine periculo magno facinus magnum, & memorabile*. Teme tambem o forte os accidentes afrontoſos da fortuna: as cadeas de Jugurtha, o carcere de Syſas, os deſprezos de Craſſo, as furias de Creſſo; mas muito mais os accidentes afrontoſos; porque o q ſofre os males mais ignominioſos, que honeſtos, mais he de deſemvergonhado, do que de forte. Nenhum mal he mais infame do que aquelle, que he juſto, nem menos digno de laſtima, que o merecido. Duas grandes Rainhas provocando a hum Principe mais poderoſo, mereceraõ a meſma deſgraça, Cleópatra, e Zenóbia; porẽm qual foy mais forte? Huma moſtrou ter cara para tolerar a ignominia do triumpho, a outra borrou a purpura da vergonha com a palidez da morte: huma foy vencida, e a outra vencedora do Tyranno, o qual crendo que conduzia a Cleópatra de traz do carro, conduzia hum cadaver: aſſim que Zenóbia pagou vilmente a pena de ſua temeridade, e Cleópatra com a fama de forte, purgou a afronta de temeraria. He pois o verdadeiro objecto da fortaleza a morte entre as armas por occaſioens honradas, e com tal proporçãõ de forçãſ, que com a virtude poſſa virilmente repullalla, ou fortemente ſofrella. Naõ pode fazer peyor a morte, do que tirar a vida, e nada fazer melhor o forte, do que deſprezalla. Quem dá as riquezas, reſerva as honras; quem ſe deſpoja das honras, reſerva a liberdade; quem

perde a liberdade, reserva a vida; mas quem dá a vida, tudo dá, excepto a virtude, que leva comfigo, e a fama, que deixa para viver no mundo depois de morto.

O forte não deve buscar os perigos, mas também não deve fugir delles, offerecendo-se occasião honrada. O sangue do forte he tão precioso, que senão deve dispende senão por cousa de grande importancia. Dentro daquellas veyas o guardou a natureza como rubins inextimaveis dentro de escriptorio, para fazer ostentação delles em huma occasião de luzimento. He maravilhosa prodigalidade, que tal thesouro sem necessidade se desperdice já por bens da fortuna, já por injurias leves, já por odios privados, já por pontuais desafios, mais dignos de castigo, do que de triumpho. Não ha coula mais vil, que o sangue humano, derramado por huma vil occasião, nem a ha de mais preço, que elle consagrado a huma occasião decorosa; e nenhuma o he de mais, do que a gloria, bello cambio, que crelça a immortal, o que se tirou a temporal; e por isso ó mil vezes bemaventurados os fortes Varoens, e esforçadas Mulheres, que souberão guardar os rubins preciosos de seu sangue, para todo junto o dispende com a vida em confissão da Fé, comprando por hum preço temporal, e caduco, huma vida eterna, e permanente! Caro custou a Manlio o titulo de Torquato, a Curio o de Dentato, a Cassio o de Achilles Romano; mas finalmente sobrevivendo a seus titulos, gozaráo juntamente a gloria, e a vida; porém he mais gostoso interessar em hum instante a muda luz vital pela clara luz de hum nome eterno; mais digno de escrever-se sobre a tumba, do que sobre os arcos. Disse Pallades a Telémaco, filho do muy louvado Ulysses: *Sê forte, para que aches hum Panegyrista como teu pay.* Sò esta felicidade

de foy digna de ser envejada de Alexandre a Achilles, de Cesar a Alexandre em Homero. Não ha coula, que mais desperte os animos adormecidos dos netos, que o canto dos louvores de seus valorosos avós. So os soldados gozavao o privilegio de escrever seu testamento com o sangue de suas feridas sobre as bainhas da espada. Mais valia o testamento, do que a herança. Nenhum patrimonio podiao deixar a seus filhos mais o pulento, que o exemplar de sua fortaleza; porém debil motivo he para o homem forte: a fama depois de morto, não paga o premio à obra. Vans houverao sido as acçoens fortes de tantos animos valorosos, senão se houverao escrito senão nas aguas do rio, e senão se cantarao mais que no ar, e senão as vira mais que a sombra. A fama he viva para os vivos, e morta para os mortos; antes ainda aos vivos, ou apaixao lha dá contra os merecimentos, ou a inveja lha tira contra a razão; e assim mais vale hum dia de vida corporea, que hum seculo de vida imaginaria; nem monta tanto destruir o original, por viver em imagem. A verdadeira gloria de forte he a acção gloriosa; a verdadeira fama he o suffurro de sua consciencia. O verdadeiro applauso he o que se dá a si proprio, julgando que ha obrado bem. Mais vale huma acção honesta de hum só instante, que mil seculos de vida. Atravessado Epaminondas em a batalha, que governava, antes que permittisse que se lhe tirasse o dardo, perguntou se estava salvo o escudo, e vencido o inimigo; e assegurado de huma, e outra coula, disse com alegria; *Agora nasce Epaminondas, porque assim morre;* e logo deixou tirar o dardo da ferida, com o qual sahio também a vida. Nenhuma façanha podia fazer mais nobre Panegyrista, e nenhum Panegyrista mais nobre façanha. Governando a India D. Luiz de Ataide, foy litiada rigorosamente Chale;

Chale; mandou D. Diogo de Menezes meter-lhe soccorros, e neste conflieto feriraõ hum soldado, que ao tempo, que lhe ferravaõ huma perna perguntou se a Praça ficava soccorrida, e ouvindo dizer que sim, disse: *Pois morra embora, que não ha morte mais honrada.* Confiste pois a verdadeira gloria das acçoens fortes em a occasiaõ, que empenha em emprendellas; e a verdadeira occasiaõ não he o louvor proprio, se não o beneficio alheyo, e quanto mayor he o beneficio, tanto mayor he a verdadeira gloria da fortaleza: tal he expor a vida pelos pays, pela Patria, e pelo Principe. He indigno de vida quem a não expõem por quem lha deu. Ao beneficio de a haver recebido se não pôde corresponder com outro. Da ferida de Jupiter nasceo Pallas armada para vingalla. Deu a natureza o amor dos filhos aos pays, para que em a occasiaõ tenhaõ defensores, não servilmente obrigados. Para defender o pay dos parricidas desatou a natureza a lingua de hum menino em a aljava dos beijos pueris: havia apon-tado a frecha de sua lingua para taõ bom tiro: huma pequena lingua embotou os fios às espadas de todos os conjurados. Muito se deve aos pays de quem se nasce, mas mais à Patria para quem se nasce. Não ha cousa mais doce, que o amor da Patria, nem mais appetecida, que o viver nella, nem mais honrosa, que morrer por ella; bastantemente vive, quem morre pela Patria; demasiado vive, quem sobrevive a ella: pouco vive, quem morre antes de render-lhe algum beneficio. A lança de Romulo, metida na terra, cresceo arvore frondosa, a cuja sombra se recreavaõ os Cidadãos. Nenhuma sombra he mais agradavel à Patria, que a que lhe fazem as armas dos fortes; nem fruto mais suave, que aquelle, que produzem as palmas dos vencedores compatriotas. Quem disse Patria, disse

Principe, que he senhor della; quem defende a todos, de todos deve ser defendido. Quando assaltaõ a serpente, todo o sinuoso volume de seus flexiveis membros se dobraõ ao redor da cabeça, donde reside a vida de todo o corpo. Está viva a Republica, em quanto vive o Principe, como ensina *Aristoteles Politicorum lib. 3. cap. 4. Cicero lib. 3. de legibus.* Todas estas são occasioens honestas, e decorosas, para que o forte exercite a fortaleza; mas ha outra muito mais nobre, e mais sublime, que he pelo honesto, pelo racional, pela Religiaõ, e pela Fé Catholica; porque, segundo Aristóteles, não pôde haver acção illustre, a qual se não intente pela Religiaõ, e virtude: *Nul-lum præclarum facinus nec viri, nec civitatis est sublata virtute, & prudentia;* sentença, q̄ approvou Quintiano: *Sine virtute intelligi non potest fortitudo.*

Ha grande differença em as operaçoens do forte; porque ou pe-leja debaixo da fortuna de outro, ou da sua; ou o risco he premeditado, ou improviso: ou está só, ou acompanhado; ou o risco excede as forças humanas, ou iguala às suas: se manda, será mais considerado; se obedece, mais resolutivo; porque no primeiro caso he seu desejo salvar a Patria, no segundo morrer por ella: em os perigos premeditados terá mayor confiança; em os subitos mayor fortaleza. Sempre foy mayor fortaleza, e mayor prova de valentia aceitar os males da fortuna, que buscallos por eleiçaõ; que a vontade faz doces as couças amargas, ea necessidade faz que as doces pareçaõ azedas. Não deixe os companheiros no perigo, e se o deixarem, diga como disse aquella Capitaõ famoso, a quem deixaraõ os timidos Athenienses: *Ide-vos, será todo meu o campo, e terey o meu fado por companheiro, e os Deoses por comilitoens.* Não busque o forte superiores,

riores perigos às suas forças, porém se a fortuna, ou necessidade o empenhar nelles, se mostrará homem em sentillos, e mais que homem em

tolerellos; porque quando a cautela prudente não basta para evitallos, he de animo forte soffrellos, como cantou Wem.

*Prudentis cavisse viri est, mala ferreque fortis,
Ut mala non metuat iste, nec ille ferat.*

Se estiver dolorosamente ferido, não deseje a morte, como Nello, nem a busque como Hércules; porque huma, e outra cousa he condemnada por *Philo de Bello Judaico cap. 14. lib. 3. Timidus est habendus qui mori non vult, cum opus est; & qui vult, cum non oportet; non viri est fortis semet occidere, immò ignavissimi; nam & gubernatorem timidissimum puto, qui tempestatem metuens, ante vim turbinis navem sponte submergit.* Ainda que em o manifesto naufragio, seja a todos igual o perigo, serão diversos os actos do forte, porque porá animo a si, e a seus companheiros, e em meyo da tormenta terá animo igual: pezar-lhe-ha de não poder mostrar as suas forças, mas mostrará a sua fortaleza: verá a morte sem temella, porque sempre a teve prevista; e submergido finalmente, não se saberá se sorveo as ondas, ou se as ondas o sorveraõ a elle; que custa muy caro perder a vida, e adquirir o desprezo. O forte ameaça com modestia, e fará aggravo ao inimigo desprezar-se a si mesmo; e faria aggravo a si mesmo, desprezar ao inimigo; porque, se o inimigo he vil, se deve refutar; se valente, não se deve envilecer. Quando gaba ao vencido, a si louva o vencedor, porque tanto mayor he

o poder, e esforço do vencido, quanto mayor será a gloria do vencedor; porque a medida daquelle cresce esta, e donde sobra valor, são superfluas razoens; e donde o valor for igual, convem respeitar-se Marte, e a fortuna, porque aquelle he jornalheiro, e esta he traidora. O temerario despreza as ciladas, e o forte as deve aparelhar; porque aquelle confia na retirada, e este na luta. Quando Alexandre vestia as suas armas, tremia elle todo, e fazia tremer a todos depois de havellas vestido. Cresce o coraçãõ debaixo da couraça, e o escudo defende a quem o defende. O forte dirá o que o outro disse a Xerxes: *Tu, o Rey, has podido passar enxuto o mar, e romper o monte Ato; mas não acharás nada mais difficuloso, do que passar o peito de hum Espartado.* Ao som da buzina os caens caçadores ladraõ, os cazeiros vyvam: ao som da trombeta se alegra o forte, e se desmaya o fraco, tendo este o semblante entre morto, e vivo, e aquelle entre alegre, e fero. A hum parece dia de boda, a outro de exequias; ao mesmo passo que o forte he tardo em deliberar, he prompto em executar, como cantou o elegante Wem nos seus Epigramas:

*Nil temerè facias, timidè nil, omnia caute,
Cuncta citò, serò nil, subitoquè nihil.*

Porque não ha mayor needade, que offerecer a vida ao perigo, sem premeditar a occasiãõ; nem ha mayor perigo, que offerecer a vida a

huma occasiãõ ardente com animo frio. Não he acção de temor premeditar o risco, para proceder com melhor acerto, disse o Inglez Wem:

Natura

*Natura est timidus, prudentia reddet,
Nemo timenda timet, qui metuenda cavet.*

Entra o forte em huma estacada, e deixa o temor; mas que póde temer, quem consagra a vida à Patria, e a expoem como victima sobre o altar, nos perigosos postos da campanha? Já não sua, mas procura que lhe custe cara ao que lha pertende sacrificar. O forte quer ter quem o veja, não para que applauda a sua força, mas para testemunho da verdade. Aos trezentos Espartanos lhes não pezou de haverem de combater com trezentos mil Persianos, mas de não terem neutrais que os vissem, dizendo: *Quanto disser o Persiano, tanto se crerá.* Acomete com grande ardor, mas com o entendimento quieto; porque o fogo, que tem no coração, lhe inflamma o peito; porém não lhe afuma a razão: quem tem vencidas suas acçoens, como se ensayou nas justas, não se turba mais na batalha, do que se estivesse na justa. Se a fortuna faz feliz ao valor, elle faz feliz a fortuna; nem perde ventagem, nem perdoa golpe: ao mesmo tempo estuda com a espada, e escudo a defenfa, que a offensa. Se com a força vence ao inimigo, com a clemencia vence a si proprio. Não excede contra o que excede: para si toma a victoria, e a elle lhe dá a vida. O inimigo, já não inimigo, será estatua viva de seu triumpho. Porém se a fortuna o entrega ao inimigo, não cede, nem

cessa. Nizo não podia ser vencido, em quanto tinha a purpura nos cabellos: o forte não fará huma acção indigna, ou vil, em quanto tiver a purpura nas veyas. Não roga, não se humilha, não foge: quererá primeiro achar a morte hum passo adiante, que a vida hum passo atraz. Despedaçadas as armas, cahida a espada, não lhe cahe o coração: fará de todo o corpo arma offensiva. Em a guerra contra Dario, tendo os Athenienses posto em fugida aos Persianos, perseguindo-os até dentro de suas náos, Cinigiro afferrou huma náo fugitiva com a sua mão direita; cortaraõ-lha, afferrou com a esquerda; cortaraõ-lha, afferrou com os dentes, e a teve firme. Quem não cre até na fortaleza das Rémoras em deter as náos, olhe para Cinigiro. Mais forte que a Rémorá he hum homem forte; assim exhausto o sangue, morrendo por occasioens honradas, não se dóe, não geme, não se alvoroça; antes se alegra comfigo mesmo, e consola aos que o consolaõ; olha sem lagrimas as dos amigos, e os reprehende; e entaõ estima a vida, quando a perde; porque quando a causa porque peléja, he decorosa, não só lhe dá forças para pelejar, porém tambem alentos para morrer, assim como os tira a acção injusta, e indecorosa, como cantou certo Poeta:

*Causa lubet superos melior sperare secundos,
Frangit, & attollit vires in milite causa,
Quæ nisi justa subit, excutit arma pudor.*

Saiba tambem o forte, que a maior fortaleza não consiste em vencer aos outros, mas em saber vencer-se a si; porque não ha fidalguia, nem nobreza taõ antiga, nem fortaleza, ou generosidade taõ digna de todo o louvor, e applauso, e que mais honre, e acredite ao seu possuidor, que ven-

cer-se hum homem a si, e suas paixoens, como diz *Santo Ambrosio lib. I. Officior. cap. 36.* Muito he vencer os inimigos, debellar, e render os contrarios, mas mais he vencer o forte seus appetites; porque das victorias alheyas levaõ grande parte os que nelas ajudaraõ, mas na vitoria de si mesmo,

nao, toda he do vencedor; porque assim como só nelle peléja, só he o vencedor, só he o premiado, e louvado entre as gentes, como diz *Platao de legibus lib. 34. Dialog. 1. Primam, & optimam dico esse victoriam, ut se ipsum quis vincat; turpissimum verò quidem, & pessimum ut à se ipso vincatur.* Perguntando Ptoloméo Rey do Egypto a hum dos fabios, que trouxe de Judéa, para a traducção dos livros Divinos, que cousa havia mais generosa para emprego, e objecto da fortaleza, respondeo, que o saber-se cada hum vencer a si, era o ultimo, e mais glorioso termo, a q' podia aspirar a valentia do mais forte Varao do mundo. Foy Numa Pompilio pay da idade dourada, a idéa do Varao mais forte, por reprimir imperiosamente as paixões, e movimétos do coração com a força desta soberana virtude, como escreve *Plutarcho in vita Numæ: Hic temperamentum ad omnem virtutem, animum magis doctrinã, tolerantia, & sapientiæ studio excoluerat, quàm præsidio artium motus illos animi infames extirpaverat, eam demum veram fortitudinem existimas, quæ cupiditatibus*

Si sapiens vult cuique suum jus reddere justus:

Qui facere hoc audeat, fortis habendus erit.

Os que subirem a julgar, saibaõ que não só haõ de julgar, mas que tambem haõ de ser julgados, e por isso com o poder tomem tambem prudencia para não serem enganados, justiça para que dêm a cada hum o seu, fortaleza para que se não dobrem com rogos, nem com a comiseracão; e os que tiverem estas virtudes no coração, seraõ saude da Republica, dignos de toda a melhora, e seraõ fideis, e expertos pilotos, que guiem a não da boa administração pelo mar com maré de rosas, como refere *Philo de Judice; e Platao lib. 2. de Legibus.* Não deve o bom Juiz fazer caso de rogos de poderosos, nem olhar

animi sui imponeret rationis frenos.

Nos que governaõ no Politico, e no Militar he muy precisa a fortaleza; porque sem esta virtude mal poderãõ executar a da justiça, antes seraõ hum escandalo do Povo, e offenderãõ os subditos por medo dos poderosos, a quem não póde resistir se não hũ Varao forte, e castigar, e emendar se não hum Varao fortissimo. No *Ecclesiast cap. 7.* se prohibe o governo aos tímidos, e inconstantes, e se lhes aconselha, que não o procurem, sem primeiro examinarem se se achãõ com fortaleza para não temerem, e tremerem à vista dos poderosos: *Noli quærere fieri judex, nisi valeas virtute erumpere iniquitates, ne fortè extimescas ad faciem potentis, & ponas scandalum in agilitate tua, id est, ne judex, aut magistratus sis, nisi vir fortis, & constans fueris, ne timiditate, & inconstantia offendas subditos, & à justitiæ viâ metu potentum recedas.* Porque não póde ainda o justo julgar rectamente, se não está acompanhado de fortaleza, e o que com igualdade sentença, por forte se estima, como cantou Wem:

para o perigo, que lhe póde resultar de os não ter contentes, e satisfeitos; porque à custa do direito, e bens alheios não he justo, que grangéem a accitação dos poderosos, nem tambem para os interesses, que se lhe pódem seguir de os deixar obrigados, e ter propicios para os seus accrescentamentos; porque estes seraõ muito mal adquiridos, e peor logrados, se se comprarem a troco de injustiças. Os Ministros entãõ seraõ mais bem reputados, quando com igual balança peza rem a justiça do poderoso, e a do desvalido, como escreve *Cicero in Oratione pro Sexto;* e se lhes acontecer pade-